

REVISTA FEMININA - SP

1920 MÊS DE MARÇO - N 70

Revista Feminina

AS DUAS AMIGAS



ANNO VII

PREÇO 1\$200

NUM. 70

Casa Allemã

FUNDADA EM 1883

São Paulo
End. Telegraph. "CASALLA"
Caixa Postal N. 177

Filiaes:
Rio de Janeiro, Santos, Cam-
pinas, Jahu e Ribeirão Preto

Modelo N. 1

Chapéu fôrma breton em palha de seda mordoré guarnecido com fita moderna.

Rs. 85\$000

Modelo N. 2

Fôrma cloche em velludo de seda preto e crepe georgette rosa.

Rs. 60\$000

Modelo N. 3

Gracioso bérêt em velludo seda rubis drapé, ornado de immenso touffe de nigrette tété de negre em preto ou de côres.

Preço Rs. 120\$000

Modelo N. 4

Chapéu modernissimo em charmeuse mordoré formando drapé, na copa, aos lados touffes de paradis que graciosamente guarnecem este modelo. Preto ou em côres.

Preço Rs. 120\$000



Recebemos sempre as ultimas novidades em formas e enfeites para Chapéus

Rua Direita,
16-20

Schädlich & Co.

am-
reto

Fazendas
e Modas

Rua Libero Badaró 100-104



Armarinho
Roupa branca

Casa Lemcke

Fazendas,

Modas,

Roupa branca

Armarinho

HENRIQUE LEMCKE

Rua Libero Badaró, 100 - 104

TELEPHONE N. 258 - CAIXA POSTAL N. 221

Que desgraça sou! Esta dor está me matando!



ESTA é uma exclamação que se ouve de infinidade de mulheres, porque sofrem horrivelmente de dores nas costas, e consideram-se desgraçadas por crerem que esses padecimentos são naturais

de seu sexo. Este é um engano muito grande, pois não existem tais dores "próprias do sexo". A dor nas costas, é um dos symptomas mais communs do mal dos rins, e é um dos primeiros indícios de debilidade renal. Immediatamente ao apparecer essa dor, a senhora deve começar a ajudar os rins, porque se assim não fizer, seus soffrimentos serão maiores, dia a dia. A falta de filtração nos rins, fará que o sangue se encha de venenos uricos, e logo sentirão nas juntas, musculos, etc., aquellas dores que se dominam geralmente "rheumáticas".

As Pílulas de Foster para os Rins, tem salvo milhares de pessoas do mal renal. Todos os ingredientes que entram na sua composição, são de primeira qualidade; as pílulas tem sido usadas e recomendadas ha mais de 50 annos. Não contém drogas de especie alguma que prejudiquem ao organismo. Si a senhora sente dores nas costas, dirija-se immediatamente á pharmacia mais proxima e compre um vidro de Pílulas de Foster para os Rins.

A venda em, todas as pharmacias. Solicite nosso folheto sobre as enfermidades renaes, que nós l'ho enviaremos absolutamente gratis.

FOSTER-McCLELLAN Co.

Caixa Postal, 1062 — Rio de Janeiro

ARTE - CULINARIA

ADALIUS — 3.a edição

Já está exposto á venda, na redacção da "REVISTA FEMININA", rua do Rosario, 12, 2º andar, o preciosissimo livro "Adalius", especialmente confeccionado para uso das donas de casa. A primeira e segunda edição, que continham poucas paginas, exgotaram-se rapidamente, a despeito da sua avultada tiragem. Esta terceira edição compõe-se de mais de cem paginas e está enriquecida notavelmente de receitas e conselhos culinarios.



Livros sobre cosinha não faltam em portuquez; mas todos elles se resentem de um grave defeito: as suas receitas ou são obscuras ou não são realizaveis, pelas difficuldades que apresenta a sua execução. Além disso, algumas receitas que esses livros apresentam, se não realisaveis, nem sempre obtém exito, porque não foram ex-

perimentadas. Ora, as receitas do "Adalius" são todas experimentadas, e, o que mais é, estão ao alcance de quem quer que queirá experimentar-as, tal a clareza com que são escriptas.

"Adalius" contem mais de quatrocentas receitas.

O seu texto é constituído das melhores receitas para lunch, cozinha, doces, de conselhos sobre hygiene, sobre o cuidado e ornamentação da mesa de jantar, de tudo, enfim, que pôde interessar uma dona de casa. É uma obra de que não deve prescindir nenhuma dona de casa, que o deve ler constantemente, consultar como o seu livro predilecto.

Não ha dona de casa que se não queixe da difficuldade ou obscuridade com que são compostos os livros de arte culinaria.

O "Adalius", ao contrario, não traz nenhuma receita que não fosse experimentada e cuja confecção se torne difficil. Todo elle, seja qual fór o assumpto de que trate, é absolutamente aproveitavel e util. O seu texto é claro, simples e comprehensivel.

O seu preço é 28000 réis. Esse preço está, como se vê, ao alcance das bolsas mais modestas, sendo certo que a "REVISTA FEMININA", que o editou, não auferê nenhum lucro com a venda. O "Adalius", vendido por esse preço, constitue, antes, um beneficio que faz ás suas leitoras e um meio de propaganda.

Envie, pois, seu endereço e a quantia de dois mil réis em selos do correio, á redacção da "REVISTA FEMININA" — São Paulo, e immediatamente receberéis pelo correio o precioso livro sobre cozinha "Adalius"

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L
End. Telegr.: FILIALVES
Rua Libero Badaró, 129
S. PAULO

- O Contratador de Diamantes, por Afonso Arinos, 1 vol. br. 2\$000
O Mestre de Campo, por Afonso Arinos, 1 vol. br. 3\$000, enc. . . . 4\$000
Poema da Estrada, por Afranio Penxoto, 1 vol. br. 3\$000, enc. . . . 4\$000
Trovax brasileiras, colligidas por Afranio Peixoto, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000
Samurais e Mandarins, por Luiz Guimarães, 1 vol. br. 4\$000
Arte de fazer versos, por Osório Duque Estrada, 1 vol. enc. . . . 4\$000
Tesouro Poético, collectanea das melhores poesias nacionaes, por Osório Duque Estrada, 1 vol. enc. . . . 3\$000
Arte de Escrever, theoria do estylo, por Xavier Marques, 1 vol. br. 2\$500, enc. 3\$000
Diccionario de Rimas, por Guimarães Passos e Olavo Bilac, 1 vol. cart. . 4\$000
Tratado de Versificação, por Guimarães Passos e Olavo Bilac, 1 vol. cart. . 3\$000

DR. RODRIGUES GUIÃO—Clínica medico-cirurgica, especialmente de partos, molestias de senhoras e crianças—Consultorio, rua de S. Bento, 14 (Palacete Jordão), 1.º andar, sala n. 11. Consultas, das 13 ás 15 horas. — Residencia: Alameda Barão de Piracaba, 139. — Telephone, 28-26.

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophu' sas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excellento re-constituente dos organismos enfraquecidos das crianças, *poderozo tónico depurativo e anti-scrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

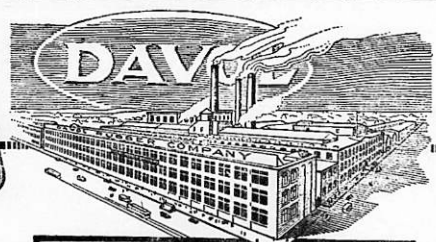
É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *todo vegetalisado* intimamente combinado ao *tannino da noqueira (Juglans Regia)* e o *Phosphore Physiologic* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel. É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e ás emulsões; dahi a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:
Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C^a
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

MENSTROL Unico para as enfermidades da MULHER

O desenvolvimento da mulher, afrazo e irregularidade da menstruação, hysteresmo, enfermidades nervosas, todas as affecções uterinas e defeitos na circulação do sangue

A' venda em todas as Drogarias e Pharmacias do Brazil e nas Republicas Argentineas do Uruguay.



DESDE HA 50 ANNOS
a marca "DAVOL" é conhecida
como a melhor em
ARTIGOS DE BORRACHA
para uso em Casa ou em Hospitaes.
A venda nos melhores droguitas em todo o mundo.

Envia-se da melhor vontade um folheto
lambança a quem pedir.
DAVOL RUBBER COMPANY
Div: A-5
Providence, R. I., E.U.A.
Repère no nome "Daval"



RUBBER GOODS



CEROTINA

Quem não conhece este admiravel creme brilhante para calçados deve usal-o e assim se convencerá rapidamente da sua excellencia e real utilidade

Use a CEROTINA e o vossa calçado tera um brilho que fara inveja ao Sol

Deposito Geral: **CASA DO OTTO**

LARGO DA MEMORIA N. 12 — Piques
SÃO PAULO

Importação e exportação de couros e artigos para sapateiros e selleiros

Belleza das unhas

Um dos peores sestros que se adquirem na infancia é o de roer as unhas. E' um vicio de que o individuo difficilmente se corrige. O menor dos seus inconvenientes é o de deformar a ponta dos dedos e trazel-os sempre sangrando. Esse é o menor, porque o maior dos seus inconvenientes é affectar a economia geral do organismo.

Corrigir-se alguem desse vicio pela força da vontade é tão penoso, ou mais, como deixar de fumar.

O unico meio, o unico processo é usar a **Onichophagina**, que se applica com um pincel debaixo das unhas e se deixa secar. Se se trata de corrigir a creança desse vicio, deve-se renovar a applicação toda vez que ella lavar as mãos.

A **Onichophagina** vende-se a \$5000 o frasco. Pedidos na **Revista Feminina**.

SEIOS

Desenvolvidos - Fortificados -
Aformoseados



COM

A PASTA RUSSA

Do Dr. G. RICABAL

O unico **REMEDIO** que em menos de dous mezes assegura o desenvolvimento, a firmeza dos **SEIOS**, sem causar damno algum á saude da Mulher

"Vide os attestados e retrospectos que acompanham cada caixa"

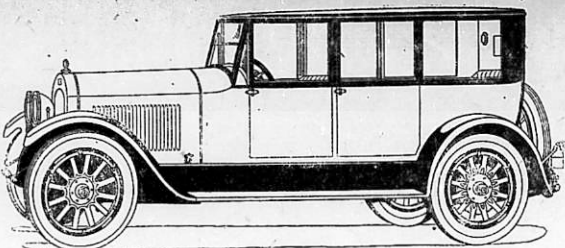
A' venda em todas as **PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS de PERFUMARIAS DO BRASIL**
Deposito em S. Paulo: **DROGARIA BARUEL**

Aviso - Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 10\$000, enviada em carta com **VALOR DECLARADO**, ao Agente Geral — **J. DE CARVALHO**

Rua General Camara, 225, sobrado

(Junto á Avenida Passos)

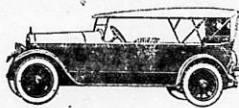
CAIXA POSTAL N.º 1724 — Rio de Janeiro



"Cole" Limousine de grande luxo



Cole 2 lugares



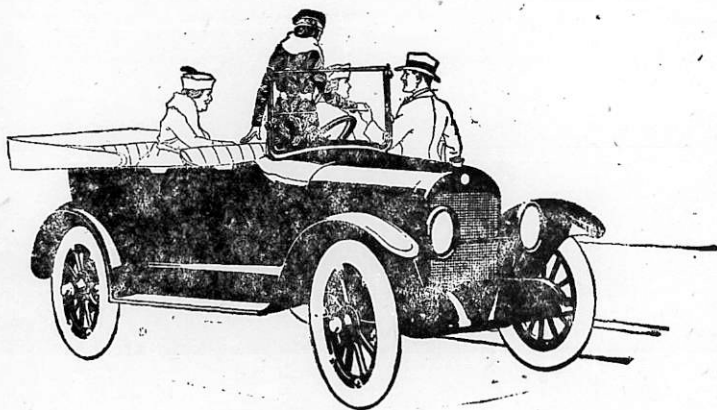
Cole 7 lugares



Cole 2 lugares

Luxo — Conforto — Elegancia — Durabilidade

Oito cylindros, oitenta e cavallos, motor de aviação



"Dort" O carro ideal para o interior

Quatro cylindros, trinta e cinco cavallos, muito simples e de construção perfeita.
Stock de peças sobrecellentes

PEÇAM DEMONSTRAÇÕES

ISRAEL COMPANY LIMITADA

RUA FLORENCIO DE ABREU N. 79

TELEPHONE CENTRAL N. 92

Marmoraria Tomagnini

.....

Especialidade em tumulos
de marmore e
granito polido

DIETRASANTA (Carrara) Italia

S. Paulo
Rua Paula Souza, 85

Telephone, 3378 - Central

Hotel Avenida

O maior e o mais
importante do Brasil

Aposentos para 500
pessoas

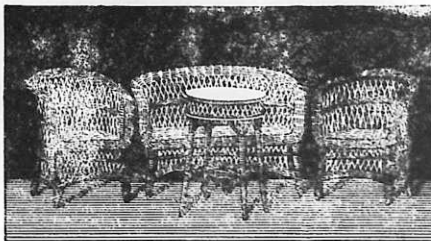
Diaria a partir de
10\$000

Ender. Electr. Avenida - RIO DE
JANEIRO

A mais importante fabrica brasileira de moveis
— de vime e de junco —

J. CARNEIRO BRAGA

Moveis de vime e de junco. Unica
fabrica que póde satisfazer qualquer
exigencia. Carrinhos cobertos para
crianças, em varios tipos. Espana-
dores de todas as qualidades e para
todos os fins. Vassouras de cabelo
fino para soalhos encerados. Espe-
cialidade unica. — Cestas, fabri-
cam-se a gosto do freguez. Escovas
com ferro, para encerar soalhos.
— Especialidade da fabrica. —



12-A, Largo de Santa Ephigenia, 12-A

Telephone, 4793 (CID ADE) — S. PAULO

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-**OPILOGENIO**

Sempre "O PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE

A' VENDA em todas as pharmacias, drogarias e perfumarjas

LYCETOL
GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
o ACIDO URICO

RECOMENDADO MARILAMENTE PELAS SUPREMACIAS MEDICAS
CONTRA
DIATHESE URICA-COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO-RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI
DE
FRANCISCO GIFFONI & C.^{IA}—RUA 1.^ª DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO—

Receitas de beleza para colorir os cabelos

Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade, visando, principalmente, os cabellos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da velhice.

Entre as tinturas usadas para tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercurio, de cal, de bismutho, de estanho e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves desordens que só muito tarde são percebidas. As tinturas americanas são a base de sulfato de cádmium e sulphidrato de ammoniaco. São menos toxicas, mas irritam o couro cabeludo e provocam a calvice rapida. As tinturas a base de nitrato de prata, tão espalhadas, são de acção toxica lenta e fatal. Ha, porém, alguns productos vegetaes inoffensivos que infelizmente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se pôde recomendar sem receio e que dá resultados admiraveis, é a **Petalina**, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todos os tons, do castanho claro ao negro azeviche. Infelizmente este producto é raro em nosso meio, sendo oriundo da Persia, de onde actualmente só pôde vir com grande difficuldade.

A **Empresa Feminina Brasileira** acaba de receber uma pequena partida.

Podeis obtel-a por intermedio da nossa Revista, enviando a importancia de 10\$000 e mais \$300 para a remessa.

VINHO BIOGENICO
(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anaemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o **VINHO BIOGENICO** é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardica.

E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas moléstias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summiidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.^ª de Março, 17 — Rio de Janeiro

Guilherme Messel
Cliches
 Telephone
 22001.
 (Cidade.)
 Rua dos Guapanazes 155.
 São Paulo.

Casa de moveis GOLDSTEIN

A MAIOR EM S. PAULO

JACOB GOLDSTEIN

Grande sortimento de moveis de todos os estilos e qualidades. Camas de ferro simples e esmaltadas, colchoaria, tapeçaria, louças e utensilios para cosinha e mais artigos concernentes a este ramo. Preços vantajosos. Tenho automovel á disposição dos interessados, sem compromisso de compra, telefonar para 2113 Cid. Vendas só a dinheiro.

Rua José Paulino n.º 84

Collecção
 da
"Revista Feminina"

Já se acha á venda, nesta redacção, pelo preço de 25\$000, a collecção da nossa revista referente ao anno de 1919. E' um grosso volume, elegantissimo, encadernado em percaline, em diversas cores, e com jizeres dourados no lombo. As familias que, por descuido ou inadvertencia, deixaram de assignar a nossa revista, não deve perder a oportunidade de adquirir, encadernada, toda a collecção. E' uma obra preciosa, cheia da mais interessante materia e é, ao mesmo tempo, uma obra de luxo que servirá de ornato para uma sala de visita ou gabinete.

Córt e envie sem demóra
 este coupon á redacção
 da Revista Feminina

de de 192

Sr. JOÃO SALLES DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"

PRACA ANTONIO PRADO, PALESTE BR. CO. J. S. PAULO

Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina, por um anno, a começar em de 192 e a terminar em de 192 para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs 15\$000 caso prefira receber a Revista registrada dev. is enviar mais c no mil réis ou sejam 20\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos)

As cartas com as importancias devem vir sub o registro e valor de 'cada'

Endereço

Logar

Estado

Observações

Phosphoro e ferro em abundancia, e ria-se V. S. das doenças

O COMPOSTO RIBOTT é a melhor forma de tomar ferro e phosphoro



Olha para aquelle par de rachíticos: porque não tomarão o COMPOSTO RIBOTT para ganhar forças, vigor, vitalidade e energia?

Ninguém ignora que são estas duas substancias indispensaveis á boa conservação do nosso organismo, e que a deficiencia das mesmas ou d'algumas edellas produz fatalmente desarranjos prejudiciaes á nossa saude. Nem todos os organismos, porém, podem assimilar devidamente estas substancias indispensaveis, cuja escassez no systema traz como resultado infallivel o esgotamento physico, manifestado frequentemente na forma de neurasthenia, debilidade geral, anemia ou pobreza do sangue, rheumatismo, dyspepsia, etc. O COMPOSTO RIBOTT (phosphato-ferruginoso-organico), é o tonico predilecto dos Srs. medicos para supprir a falta destas substancias no organismo. E isto se explica pelo facto de levar o COMPOSTO RIBOTT sua formula integralmente impressa em cada vidro. O medico, o pharmaceutico, e o paciente têm confiança neste acreditado producto porque sabem o que receitam, recommendam ou tomam respectivamente.

Se V. S. estima sua saude não deverá nunca tomar um remedio secreto, cuja formula desconheça.

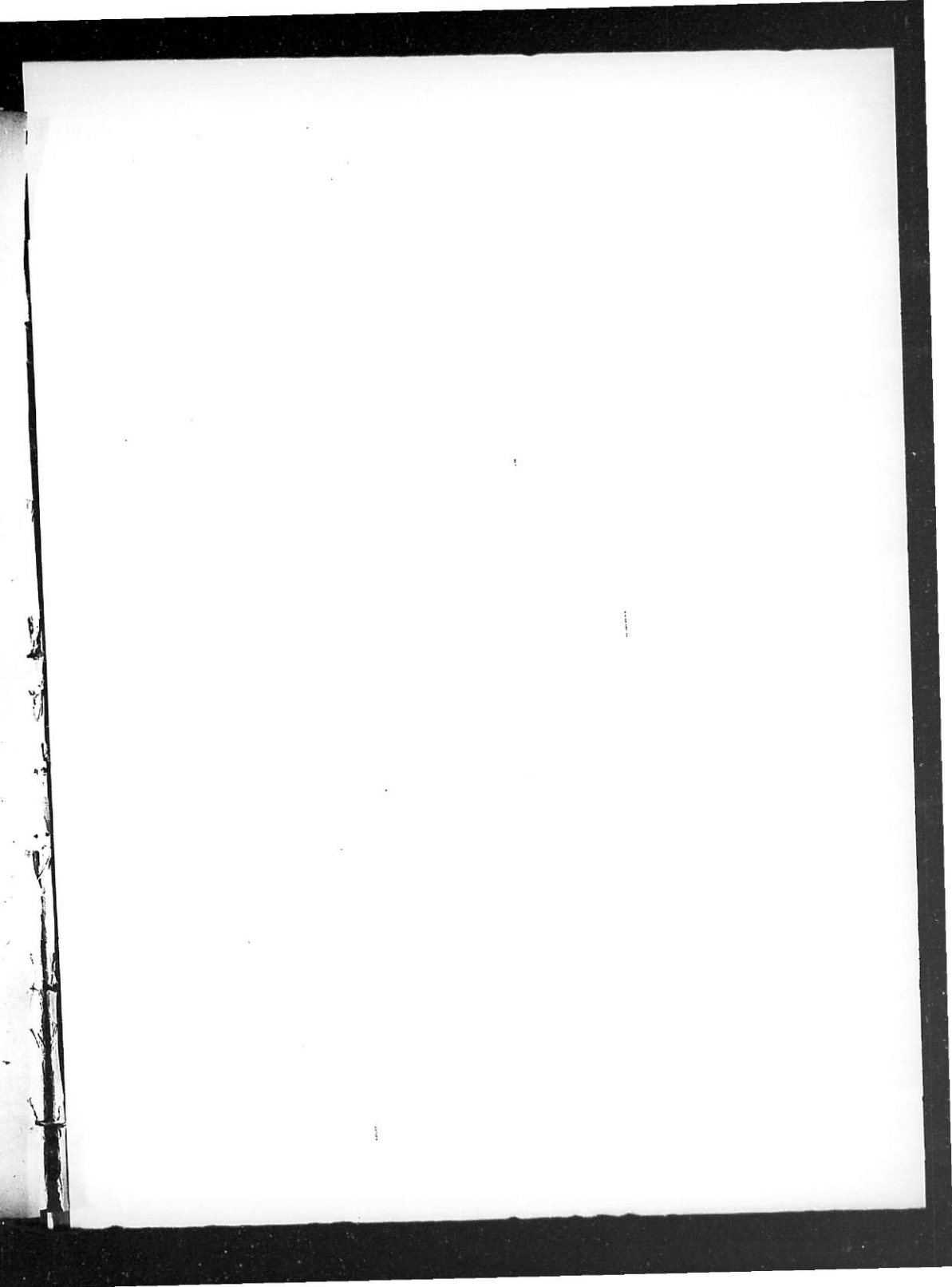
Quando V. S. toma COMPOSTO RIBOTT, sabe que está fornecendo ferro, na forma mais assimilavel conhecida no seu sangue e phosphoro aos seus nervos.

O COMPOSTO RIBOTT é a ultima palavra em therapeutica moderna como tonico recuperador de forças, carnes e energias perdidas; enriquece o sangue com rapidez assombrosa, alimenta e tonifica os nervos, e corrige as desordens ou desarranjos digestivos.

As pessoas fracas, debeis, nervosas, anemicas e dyspepticas duplicam suas energias e forças de resistencia em poucos dias de tratamento. Se V. S. sente-se cansado, debil, nervoso e abatido, com falta de appetite, e dores frequentes de cabeça, devidas á pobreza do sangue, não perca um minuto e comece a se tratar com o COMPOSTO RIBOTT. Seu proprio medico o recommendará. Vendem-se em todas as drogarias e pharmacias acreditadas. Mandaremos amostra gratis, ás pessoas interessadas que solicitem preços, e remetam 400 réis em sellos do correio para pagar o porte, etc.

Unico depositario no Brasil

BENIGNO NIEVA - Caixa Postal, 979 - RIO DE JANEIRO



as

Assinatura anual para todo o Brasil 150000
Assinatura com registro 200000
Idem para o estrangeiro 300000

Revista Feminina

Redação

PRAÇA ANTONIO PRADO

Palacete Briceoli

Telefone N. 5661 - Centro

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Emascencia o Cardel Acapuerde afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VII

SÃO PAULO, MARÇO DE 1920

NUM. 70



UANDO estive, ha tempos, em S. Paulo, numa festa de alta elegancia para a qual fui, gentilmente, convidada, e na qual se apresentava a melhor gemma da boa e velha nobreza paulista, e muitos em negocios e operações de aventura ganharam mais nobreza do que as que trazem aquelles de tradições de moral — assisti a um pequeno incidente, insignificante talvez para olhos pouco observadores, mas que a mim me vas servir de tema. Havia na festa uma parte litteraria, outra musical. Abriu-se o sarau (a *sóir*, como diriam os francezinhos) com a segunda daquellas rubricas. Uma senhora elegantissima, com penteado, vestido, chapins e ademanos á franceza, nesta lingua cantou uma aria breve. Applaudiram-na. Deu-nos ella um segundo canto, igualmente em francez, e mais outro, na mesma lingua. Novos applausos. Ouvia-lhe no remexer gracioso dos labios um "merci". Estava a meu lado uma velha senhora, da boa e antiga arvore paulista, uma Andrada legitima, de casaco impecavel, e uma medalha de onix ao pescoço, das antigas medalhinhas pretas, com vidro e fecho de ouro. Olhos postos na cantora que retomava seu lugar entre os assistentes perguntei a minha sympathica vizinha:

— E' franceza?

— Quem? A que cantou?... Não... — e seus labios torceram-se num remoque. — Brasileiraissima. Paulista. O pae enriqueceu com um armario, a mãe, coitada, tem as mãos grossas de tempos mais, antes de se casar.

— Mas por que não canta, então, em portuguez? Não amará ella as nossas tradições, a nossa lingua?

— Que tradições, minha amiga? Pois esta gente é toda de alluvio. Nussa teve tradições, nem sabe o que é lá isso. — Olhe para aquella outra! — e com seu dedo longo e magro no qual se encastavam unhas ainda lindamente tratadas, posto sobre os joelhos como uma agulha de marear, indicava sem apontar, uma ruiva em frente.

A ruiva magra e alta, enrolada num vapor de rendas e de gaze, levantou-se. Uma sala longa de palmas acolheu-a. Ella inclinou-se para os lados, e ruiva, longa, ossuda e magra, pífica e vibrante dos sphinxos uma haste de junco a balouçar-se. Logo se lhe ouviu a voz, metallica como os cabellos, com um accento lombardo, a declamar qualquer coisa, igualmente em francez. E como elle pedissem mais, a minha vizinha, a coturnar-me com o cotovello sussurrou-me:

— Dão-lhe bis não aos versos mas aos milhices. Tem armas, sabe? Armas e escudo. O pae, que foi carregador em Marsella, descobriu, depois que enriqueceu com uns navios, que teve avós com armas e com escudo... E metteu armas e escudos desde o primeiro degrau da escada do palacete... Ah, é uma grande commodidade ter-se avós de conserva no armario da cozinha.

MARÇO

Um psio advertiu a minha vizinha que seu sussurro por discreto que fosse perturbava a audição da joven millionaria.

Ella aborreceu-se com o signal de silencio, e esgueirou-se a murmurar-me:

— Estou fóra, toda fóra disso. Oíça: é ainda uma lingua estrangeira. (Era a ruiva que recitava). Já não temos nem lingua nem gente. Foram-me á casa: pediram-me, supplicaram-me que viesse. Queriam-me aqui como se quer a um quadro velho num salão, para se dizer que elles tão passado. E' só para o que serve o que ainda resta dos antigos paulistas.

— Espere um momento mais — disse-lhe eu, que encontrava sabor naquello contraste.

— Não... não! Estou aqui como estlo os escudos no palacete do pae daquelle esqueleto ruivo.

Palmas interromperam-nos. Applaudiam, freneticamente, a ruiva. As mãos, no ar, febris, matraqueantes, parecia que toda a sala, de subito, estremecia de acesso de sezão. Já se levantara uma outra, e mais uma, e mais terceira, e todas tres se encaminharam para o pequeno espaço destinado aos que compunham o programma.

— Ah! Já não vou! — disse-me a velha, sentando-se de novo. — Olhe daquellas tres! A pequena, a Guiomar é de sangue puro, sabe? — E a repetir o — sabe? — como é sestro paulista, contou-me em duas palavras quem eram os avós da Guiomar, e da Lucilia, uma das outras, gente que vinha das bandeiras, da velha raça de Amador Bueno. Ape nas repontou: — Não gosto que estejam com aquella serigatinha... Quem é aquillo? — e correu o programma com seus olhos de pé, de aros d'ouro e tartaruga, (*Jorgnon*, e aqui dou a palavra em francez para que os brasileiros possam entender o portuguez...)

— Uhn! — Nazaria Branchit... o... Sei lá. E' um nome estrangeiro... Mas enfim ha as duas outras. Paulistas, pau... pau... illas dali... Aquillo é sangue de primeira, sangue de espuma... sangue que se agarrá a terra...

— Neste caso, com certeza dirão alguma coisa em portuguez — respondi-lhe eu, que já também me começava a enfiar com tanto extrancismo numa festa brasileira.

— Ah, com certeza, com certeza... á dizendo a velhinha, mas teve que se interromper, porque uma dellas, a descendente da velha arvore paulista, annunciara o que iam dizer as tres:

LES SAUVAGES

Tryptique appris au COLLEGE de SAINT JOSEPH

E logo as tres, como tres pagapaquins amestrados, com um accento affectadamente francez, começaram o recitativo: — *As-tu vu, ma*

cheret — E a outra a responder-lhe: *Ah, non, non, non d'un chien!*... E a terceira: *Oh, qu'est-ce que tu dis! Je vais appeler notre mère!* E aos pulos, voltava-se para os lados: *Nôtre Mère! Nôtre mère!*

— Oh, não, não, não, não... — disse rancorosa a minha vizinha, e com seu passo tremulo, lindamente tremulo como o passo de um minueto antigo, depois de me ter batido amistosamente com seu leque de marfim e plumas, poz-se a caminho do vestiario, mascando uma maldição contra a raça que se levanta, e que já não tem sangue, nem passado, nem historia nem tradições...

Nem bem porém suas mãos, as da velhinha, tinham deixado cair o reposteiro sobre sua figura, e veiu uma outra, a anunciar um canto em francez. Mas uma voz se levantou do meio da multidão, uma voz isolada, energica, vibrante, uma voz de mocidade e de patriotismo, que gritava:

— Portuguez!... Portuguez!...

As tres pequenas interromperam-se. Houve um momento de interdição. Voltaram-se, reprovadoras, todas as cabeças para o mal educado patriotismo. Ouvia-se um sussurro no qual se distinguia uma palavra:

— Fóra... fóra!

O patriota levantou-se, antes que o mandassem sair mais violentamente, e deixou a sala. Vi a figura da minha ex-vizinha que, a atar sua mantilha de rendas, espichara a cabeça da porta de sahida. Alcançei-a, e não tardei em perguntar-lhe:

— Ouviu?

— Ouvi... ouvi! Não de acabar pondo-nos a todos nós fóra não só do salão como do país. A culpa é nossa... é nossa... Felizmente já terci morrido, já teremos morrido todos os que trabalhamos para lhes herdar uma patria!

Nisto uma orchestra de latas velhas de sardinhas e keroreze, buzinas de automovel, garrafas e pratos em zabumba, apitos, mugidos e cencerros de animas (*jazz-bundle*, parece que assim se chama a monstruosidade), rompeu numa musica de hospício, de allucinados, de doidos varridos. A velhinha, a tapar os ouvidos com ambas as mãos, desceu dois a dois os degraus da escadaria de marmore, na qual se exhibiam escudos e mais escudos da tal nobreza de conserva... Já arrengada, a mascar uma maldição.

Os pares enlaçados iniciaram as danças, uma das danças dos criminosos de Paris, e dos bandidos do *Far-West* americano...

Voltei-me. Na parede, em minha frente, havia uma reprodução de uma aorte forte de Debret: era um grupo de paulistas no começo do seculo XIX que se despedia, junto á tradicional Arvore das Lagrimas, no Ypiranga, dos companheiros de Fernão Dias Paes Leme, que partiam a desbravar os sertões, a accecer com sua coragem e sua intrepidez a terra da Patria...

ANNA RITA MALHEIROS.

(Colaboração especial para a REVISTA FEMININA de S. Paulo)

A MOCIDADE ARTIFICIAL

O homem — quando dizemos "homem", referimo-nos também à mulher, ou mais particularmente à mulher — preza a mocidade quasi tanto como a propria mocidade quasi tanto como a propria vida. Quando a mulher se vai aproximando dos quarenta annos, quando vê que as rugas se vão accentuando cada vez mais, quando os cabellos vão ganhando essa tonalidade palida que é o prenuncio das cãs, quando, enfim, ella se convence de que a sua mocidade se está abalando pelas bases e ameaçando ruina, entra a carpir, sósinha, a angustia oppressora que a soffoca. Não ha nenhuma que receba com resignação a vizita da velhice.

Em todos os tempos, desde as primitivas civilizações até aos nossos dias, e, provavelmente, até à consumação dos seculos, o homem cogita de conservar a mocidade. Os thaumaturgos da idade-media tentaram crear, nos seus athanores de alchimia, o elixir da longa vida, a agua de juventude e outras drogas destinadas a manter inalterada a juventude e a prolongar indefinidamente a existencia.

Nada conseguiram. Mas a sciencia tem progredido. A imaginação humana tem-se mostrado, nestes ultimos seculos, de uma fertilidade assombrosa. Parece que, agora, ha alguma coisa de serio a proposito desse assumpto, parece que o problema, ao qual a humanidade se vem dedicando ha milhenios, se não está resolvido, já pôde ser encarado com desassombro pelos pesquisadores.

O notavel professor dr. Voronoff, da Sorbonne, apresentou á Academia de Sciencias de Paris uma communicação, que merece ser tomada ao serio. Trata-se de um homem de reputação e que tem uma grande responsabilidade scientifica. O dr. Voronoff, após longos annos de estudo, de observação, de pesquisas, de experiencias, — das quaes algumas, coroadas de brilhante exito —, chegou á convicção de que é possível a renovação do homem, não pelos processos empiricos da medicina, como o elixir da longa vida, nem pelos processos da magia medieval, mas pelo processo scientifico da intervenção cirurgica, ou mais precisamente, da enxertia humana.

A proposito deste assumpto, que é, sem duvida, interessantissimo, vejamos os commentarios do sr. Alexandre de Albuquerque:

"Chegou realmente o Dr. Voronoff a resultados practicos? Admittamos que sim, como base, não dum estudo no campo da sciencia em que elle exerce a sua intelligente actividade, mas da sociologia.

Resolvido efficazmente o problema da renovação do homem, natural é que todos queiram recorrer a essa operação em que, sem a intervenção de Mephistopheles, qualquer velho Fausto pôde tornar-se em joven Apollo.

Voltar atraz na vida, mantendo a experiencia adquirida nos longos annos do encanecimento, ao mesmo tempo que se deitou ás ortigas as rugas, os emperamentos, as "brancas", todos os signaes que exteriormente davam ao homem, ao fim de largos annos, a patina do tempo, deve parecer uma coisa admiravel, principalmente se o homem adquire, com o aspecto da mocidade, a correspondente elasticidade de musculos, vibratibilidade de nervos, estuamento de sangue, alegria de viver, a graça, o riso, a despreocupação, a fé, o conjunto sem o qual não ha verdadeira mocidade.

Ha duas mocidades e duas velhices. A mocidade e a velhice do corpo, e a mocidade e a velhice da alma. A's vezes as duas correspondem-se, e seguem no destino do homem uma evolução parallelá e harmonica, mas muitas vezes ha o desencontro, e succede haver homens de corpo moço agasalhando almas encarquilhadas, ou de corpos combalidos, agasalhando almas em perpetua florescencia.

A intervenção cirurgica, preconizada pelo Dr. Voronoff, consegue tambem renovar a alma, ou simplesmente renovar o corpo?

Eis um problema formidavel, que talvez não se apresentasse ao espirito do cirurgião illustre, preoccupado apenas com os efeitos physiologicos da sua acção, sem attender, por não ser um philosopho, nem ao menos um sociologo, aos efeitos moraes, mais importantes para o conjunto da humanidade.

Renovar o homem apenas no corpo, deixando-o amarrado a uma velha alma, desconsolada, a vergar sob o peso de preconceitos accumulados, não seria util ao individuo, e seria altamente nefasto á felicidade colectiva.

A renovação parallelá do corpo e da alma, fazendo perder áquelle as rugas e a esta a experiencia, não traria mais lucro á humanidade, senão excepcionalmente quando o renovado fosse um homem superior. De que serviria, na verdade, a renovação dos mediores?

A energia moral tem dois aspectos — o egoismo individual e o altruismo colectivo.

A maior parte dos homens, apezar dos seculos civilisadores, continuam ainda mergulhados no mais espesso egoismo, sendo raros, como apostos, os que pregam o altruismo e muito mais raros os que o praticam.

A felicidade individual, como a felicidade geral, dependiam sobretudo de uma geral comprehensão altruistica da vida.

Mesmo toda a belleza moral que engalana a humanidade, porém dessas raras florescencias do altruismo, o nobre espirito de sacrificio e de abnegação.

O renascimento do homem favorecerá o culto do egoismo, e faria secar as raras flores do altruismo, onde reside actualmente toda a belleza moral da vida.

Depois, em virtude, duma lei physiologica muito conhecida, sabe-se que a conservação da especie está em proporção com a conservação do individuo. Quanto mais curta é a vida, quanto mais precario o individuo, mais fecunda é a especie pela natural defesa physiologica. A renovação da humanidade dá-se agora naturalmente pela função genesiaca, destinada a perder em grande parte a sua força creadora, se fosse substituida pela renovação cirurgica.

Ninguém pôde crer que os renovados pelo bisturi, conservassem a mesma energia creadora da primeira mocidade, pois que a propria experiencia da vida os faria mais conservadores do que reformadores. A humanidade seria desfalcada da grande força renovadora fornecida por cada geração, visto que a natalidade diminuiria, como consequencia physiologica do prolongamento da vida.

Lucro?

Em troca do egoismo individual seria sacrificado o altruismo colectivo, unica razão superior da vida humana.

E que se ganharia em renovar os mediocres, os patifes, toda essa massa inferior, parasitaria, nefasta ou inerte que fôrma o grosso de cada geração?

A renovação cirurgica do homem, dado que ella seja um facto, deve ser regulada apenas como uma excepção, a recompensa superior das vidas superiores.

Os genios, os heróes, os santos, isto é, os representantes da summa intellectualidade, da maxima vontade, e da suprema bondade, teriam o direito á renovação, prolongando-se-lhes assim a vida, como entes superiores, deixando-se afundar no anonymato da morte a multidão de vida anonyma.

Assim, de geração em geração a humanidade se ia enriquecendo com uma elite cada vez mais numerosa, de modo que, ao fim de alguns seculos os homens podiam realizar na terra, transformada de "valle de lagrimas" em "valle de alegrias", o ideal sonhado de felicidade que tem perturbado sempre as almas mais inquietas.

A renovação geral do homem seria mais do que inutil, grandemente prejudicial á humanidade; só lhe seria benefica a renovação parcial, limitada, como disse, aos entes superiores.

LEGIÃO DA MULHER BRASILEIRA

REUNIÃO INAUGURAL

Realizou-se segunda feira, 15 do corrente, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, a primeira reunião da "Legião da Mulher Brasileira", tendo sido numerosíssima a affluencia, constituída, quasi toda ella, por senhoras e senhoritas, representantes da melhor sociedade carioca.

A sessão que foi concorridíssima a ponto de ser realzada perante uma sala literalmente cheia, foi tambem sobremodo agitada.

Constituida a mesa pela directoria da Legião, dr. Carlos de Laet e rvsds. Maximiliano da Silva Leite e João Gualberto do Amaral, representante do Sr. Cardeal Arcoverde, foi a sessão aberta pelo Revd. Maximiliano da Silva Leite, que offereceu a palavra ao dr. Carlos de Laet, que proferiu uma breve mas interessantissima allocução com que fez o elogio da nova instituição, a

que incentiva as senhoras presentes a se enfileirarem nas hostes da nova legião, em favor dessas outras, dessas tantas creaturas de equal sexo para as quaes o destino foi mais cruel, atirando-as ás vicissitudes, aos perigos a que ficam expostas, cada dia que passa, e merecem, por isso, a protecção, os desvelos de quantos possuam sentimentos generosos.

Declarou que ora fruía a felicidade de ver corporificando-se, um por um, seus velhos sonhos de emancipação da mulher, contra a muralha das restricções oppostas aos seus legitimos direitos e aos mais nobres ideaes.

Este discurso, que foi brillantissimo, agradou sobremaneira á assembléa, que o applaudiu intensamente.

Usaram ainda da palavra as senhoras, Heloisa Lintz e Cecilia Meirelles, que fazem parte da directoria da Legião da Mulher Brasileira.

Seus discursos, embora breves, foram igualmente muito bem acolhidos.

O padre João Gualberto levantou-se em seguida para explicar á assembléa o que significava a benção de Sr. Eminencia o sr. Cardeal Arcoverde.

A attitudo do illustre orador sacro provocou um lamentavel incidente. A proposito desse incidente, tão lamentavel, que, parece, poderá adiar ou retardar a acção dessa instituição, eis como o noticia o "Jornal do Brasil":

"O orador consummado e impetuoso, o Padre João Gualberto foi a pouco e pouco alteando a voz até atingir o seu timbre habitual.

S. Revmã. pretendia explicar os deveres de uma associação estritamente catholica e depois de tratar da to-

lerancia da Igreja, remontando até aos tempos da inquisição, entrou propriamente no assumpto, esclarecendo quaes esses deveres e como cumpri-los.

O consagrado orador sacro abordou então questões de theologia e referiu-se ao catholicismo e ao protestantismo, deduzindo conclusões.

Neste ponto notou-se certo murmurio na sala, chegando algumas pessoas a levantar-se.

O Padre João Gualberto continuou, porém, o seu discurso e, parece, não logrou fazer-se bem comprehender, de modo que, instantes depois, sectarios do protestantismo presentes á reunião, julgando-se melindrados com os conceitos emitidos pelo orador, insurgiram-se contra os mesmos.

Estabeleceu-se, como era natural, confusão e o discurso foi interrompido. Pouco depois, o Padre Gualberto dizia mais algumas palavras e sentava-se. Estava encerrada de modo lamentavel a importante reunião que tão auspiciosamente começara.

A senhorita Cecilia Meirelles dirigiu-se então aos presentes lamentando o deploravel facto e assegurando que a "Legião" proseguiria nos seus beneficos intuitos, esperando o apoio de todos os corações bem formados, independentemente de credo religioso."

A'S NOSSAS LEITORAS E ASSIGNANTES

Em nosso numero anterior, rogámos ás nossas assignantes, ás nossas leitoras e a todas as pessoas que nos relevassem o atrazo com que sahiu o soa, enfim, que se interessam por esta revista, ultimo numero e a irregularidade com que sahiu, roavelmente, mais alguns numeros. A despeito de todo o nosso esforço, não nos foi possivel obstar a esse atrazo. E' isso devido á montagem, das nossas machinas e apparelhos typographicos, que, seja dito de passagem, são os mais aperfeçoados que ha para a confecção de uma revista de luxo. Por emquanto, porém, seju-nos desculpada qualquer irregularidade até que fique installada a nossa officina e entrem em funcção os mestres-operarios que foram contratados por esta administração.

Explicar-a, disse, é desnecessario. Todos nós temos nossos conhecimentos de geometria e sabemos que na geometria ha verdades demonstradas em si mesmas, como a de que a linha recta é o caminho mais curto entre dois pontos. E' o axioma. Na sua rapida conferencia não pretendia, pois, demonstrar coisa alguma, porque o grande valor representado pela Legião da Mulher tem o poder de um axioma.

Estrepitosa salva de palmas acolheu suas ultimas palavras, secundando-o, na tribuna, a sra. Aurea Pires, que procedeu á leitura de um bellissimo discurso em

JULGAMENTO DO SEGUNDO CONCURSO DE TRABALHOS FEMININOS

Quem ganhou o premio de 200\$000

No dia 15 do corrente meez encerrou-se o segundo concurso de trabalhos femininos, iniciado em Dezembro. O objecto do concurso era, como ficou anunciado, uma "camisa de noite para senhora".

Vinte e duas foram as concorrentes: Joanna D'Arc (Pernambuco), Myosotis (Recife), Vespertina (Pirassununga), Estella (Pernambuco), Sizi (Santos), Alfonsina (Santa Catharina), Lis do Valle (Ceará), Evangelina (S. Paulo), Violeta de Parma (Rio), Eglantina (Rio Grande do Sul), Lyrio Roxo (Bahia), Emma S. Paulo, Macrininha (Itaú), Olhos Verdes (Niterói), Irazema (Parahyba do Norte), Paraguassu (Rio Grande do Norte), Etelvina (S. Paulo), Mary (Minas), Mimi (Santos), Pety (Minas), Diamantina (Campinas) e Judith (Paraná).

No dia 20 do corrente, reunida a commissão julgadora, na Sala de Exposição de Trabalhos Femininos, annexa a esta redacção, depois de examinadas, uma a uma, as vinte e duas peças inscriptas em nosso segundo concurso, iniciado em Dezembro, procedeu-se ao julgamento dellas.

A commissão julgadora, feito o exame, soube por por bem adjudicar o premio de 200\$000 ao trabalho do Collegio S. Vicente de Paulo, Estancia, Estado de Pernambuco, correspondente ao pseudonymo de "Joanna D'Arc", distinguindo tambem, com menção honrosa, o trabalho de d. Adelaide Amaral, de Fortaleza, Ceará, correspondente ao pseudonymo de "Lis do Valle".

A peça que obteve o premio unico é uma verdadeira obra d'arte. Jamais tivemos em mão trabalho tão perfeito e minucioso. Dentre as peças submettidas a concurso, muitas ha que nos impressionaram pela paciência com que foram executadas; outras, pelo gosto da escolha e disposição dos riscos, e outras ainda pelo meticuloso acabamento.

A peça premiada, entretanto, reúne em si todas as qualidades. A's leitoras que a não puderem ver em nossa exposição e que não possam fazer uma ideia perfeita pela simples gravura, aqui offerecemos uma descripção.

Trata-se de uma camisola talhada em finissima cambraila de linho, e toda feita à mão, desde a bainha aberta da barra.

Todo o cabeção, ligeiramente decotado, e mais as mangas curtas, são guarnecidas de delicadissima renda de almodada em entrelaceo e ponta.

A disposição dos entrelaceos, em arabescos intrincados na cambraila, é tão perfeita e delicada, que dá a impressão de formar com ella um só tecido, completado nos entrelaceos por um erivo tão fino como uma teia de aranha.

Enlaçados nos entrelaceos e esparsos em artistica disposição, pequeninos myosotis em bordado cheio e raminhos graciosos, de um bordado tão perfeito, tão minucioso, como já mais o excederam as mais haueis bordadeiras da Ilha da Madeira.

Completando o conjunto, um levisimo "festone" guarnece as bordas das mangas e da gola.

Uma fita cor de rosa, de um bordado tão perfeito, um lindo tom, passando pelos delicados casados do busto e das mangas, como que anima, fazendo realçar a perfeição e a graça do trabalho.

Em resumo: a camisola que obteve o premio é, segundo declarou a commissão julgadora, digna de figurar na "corbeille" de uma noiva rica e de exigente bom gosto.

O trabalho de d. Adelaide Amaral, que obteve menção honrosa,

impoz-se tambem á admiração dos julgadores por sua extraordinaria belleza. Trata-se de uma verdadeira criação, caracterizando-se pela originalidade do modelo, do corte, do desenho e da combinação do labyrinth com fitas, folhas e flores em renda de bilros, em alto relevo. É um genero novo, de um effeito encantador. O acabamento, sobretudo, é perfeito. Cada um dos detalhes, por minimos que sejam, merece uma cuidadosa attenção. Concorrem para a belleza do conjunto innumerables detalhes, artisticamente executados, e o que mais é, concebidos como num sopro de inspiração.

O trabalho de d. Adelaide Amaral pôde figurar, com honra, numa "corbeille" de noiva, ao lado das peças mais ricas e mais luxuosas. Este nosso segundo concurso constituiu, pois, um successo, que ultrapassou todos os limites da nossa expectativa.

As habilissimas bordadeiras do Collegio S. Vicente de Paulo, de Estancia, Pernambuco, têm á sua disposição a quantia de 200\$000, premio que, positivamente, não corresponde ao alto valor da peça que passa a ser, como ficou estabelecido numa das clausulas do concurso, propriedade desta revista, ficando exposta em nossa sala de exposição.

O trabalho distinguido com menção honrosa, assim como os demais, entre os quaes se encontram alguns de tão verdadeiros primores, caso o constintam as senhoras concorrentes, serão expostos á venda pelo preço que não o indicarem por carta.

Estamos, portanto, dependendo das ordens das concorrentes: ou restituímo-lhes as peças ou expomol-as á venda pelo preço que nos indicarem.

De uma vez por todas lembramos ás senhoras que desejem concorrer nos nossos concursos de trabalhos femininos, que na carta onde se declara o nome, o pseudonymo o a residência, fique tambem declarado o preço pelo qual devem ser vendidas as peças, caso não prefiram que lhes sejam restituídas.

As amigas e assignantes da "Revista Feminina", residentes nesta Capital, devem fazer uma visita á esta redacção para examinar as peças inscriptas neste concurso cujo julgamento acaba de ser realisado.

Porque, diga-se de passagem, muitos dos trabalhos, inscriptos, afora esses dois que illustram esta pagina, são dignos de attenção e minucioso exame. Basta advertir ás leitoras que se trata de trabalhos de concurso, de trabalhos executados demoradamente, de trabalhos intelligentemente concebidos, cuidadosamente acabados, de trabalhos em que, não raro, collaboram diversas senhoras da mesma familia, de trabalhos destinados, não á venda, mas a uma exposição, de trabalhos feitos sob o proposito de serem julgados por uma commissão de pessoas competentes nessa especialidade, basta advertir isso ás leitoras para que ellas se convençam de que essas peças não podem ser confundidas com as peças do mesmo genero que se vem expostas nos mostrarios das lojas de roupas brancas. Todas as peças submettidas á concurso, sem motivo excluir as mais modestas e as mais modestas, comparadas, já se vê, a uma modesta de todas farias duas lindas maravilhas que illustram esta pagina — são lindas, ou mezes de tarefa constante. A mais modesta de todas farias honra a uma "corbeille" de noiva rica.



Camisola que obteve o premio de 200\$000, trabalho do Collegio S. Vicente de Paulo, Estancia, Recife. (Ler a descripção).



Camisola que obteve menção honrosa, trabalho de d. Adelaide Amaral, de Fortaleza, Ceará. (Ler a descripção).

AS MULHERES E OS NEGOCIOS

HENRITA RIED

Antigamente a função de mulher estava tão adstricta ao lar, que o seu mundo se resumia nas quatro paredes de uma casa. O gymneceu antigo, onde se encerrava toda a actividade feminina, era



uma especie de viveiro humano, ou uma estufa onde a mulher pompeava como uma planta rara. Na Turquia, até bem pouco tempo, como se vê por esse delicioso livro de Pierre Loti, "As Descendentes", a mulher, presa nos harems, em vão anciava pelo ar e pela actividade. A lamentavel organização social do tempo tolhia-lhe toda a acção; a esposa não era mais que esse objecto de luxo, um movel fino, uma jarra exqu coasta, que ornamentava a casa como um motivo pictural inutil.

Hoje as cousas mudaram de figura; a mulher liberta-se pouco e pouco das mil cadeias convencionaes que a envolviam, como as faixas de uma mumia. Resurge á vida violenta dos negocios, das artes, das industrias, do commercio. Torna-se um valor humano util, afinal.

O que rareava, como um expoente de capacidade feminina, era uma mulher de grandes negocios, collocada no meio do phantastico movimento financeiro dos bancos e das companhias.

A senhorita Henrita F. Ried veio preencher essa vaga. A carreira dessa mulher extranha é brilhante e prodigiosa; alcançou com sua tenacidade e trabalho os logares culminantes, no mun-

do dos negocios, logares até hontem só escalados pelos grandes financistas.

A senhorita Ried é secretaria da Bush Terminal Company e vice-presidente de todas as companhias subsidiarias.

A Bush Terminal Company começou em Brooklyn, offerecendo ás embarcações um pequeno espaço para atraque. Hoje sua propriedade alcança duzentos ares de superficie, solve o que se erigiram muitos edificios.

E' proprietaria de oito caes, de muitos rebocadores e cargueiros, e de outras setenta companhias. Na parte mais baixa da cidade possui um edificio destinado inteiramente para escriptorios da administração, e, no passado outomno, edificou um predio, na avenida Quarenta e Dois, que custou dois milhões de dollars, onde ha logar para que dois mil manufactureiros exponham e vendam seus productos.

As facilidades que ahi encontram os compradores e vendedores, dão um extraordinario valor ao serviço prestado pela Bush Company. Além disso, possui ella officinas em Londres e terá brevemente outras na Sul America e Europa.

Desta poderosa empresa a senhorita Ried é secretaria, o que quer dizer que ella sosinha segunda o sr. Irving T. Bush.

Ried é consultada sobre todos os negocios e é directora absoluta a respeito dos empregados da casa, sendo ella quem os nomeia ou dispensa. Tão rigorosa é esta attribuição que lhe está affecta, que nem mesmo o director, mr. Bush faz uma nomeação sem que seja approvada pela senhorita Ried. O numero dos empregados da Companhia é nada menos de... dez mil!

Como chegou ella a esse cargo? Subindo passo a passo. Sahiu de Kentucky; seu pae, o juiz Ried, quiz educar-a como se fosse um rapaz. Pretendeu fazel-a advogada e juiz, entretanto as mulheres do Sul não vêm isso com agrado e quando Henrita alcançou sua maioridade, decidiu-se entrar para o commercio, indo para Chicago a trabalhar numa publicação editada por uma casa de negocios.

O magazine teve exito e Henrita adquiriu-lhe a propriedade e extendeu seu negocio ao commercio do papel. Prosperou ainda e tentou uma nova empresa. Traduzia todos os annuncios dos commerciantes americanos em linguas estrangeiras e vice-versa. Por diversas vezes fez viagens no exterior, em propaganda, alcançando sempre exito crescente.

Como parte do seu trabalho nos Estados Unidos, tomara a si a administração da secção oriental da Liga Nacional, para a reforma da moeda que estava empenhada no estudo previo da constituição de bancos federaes.

Era presidente da comissão executiva dessa Liga o sr. Irving Bush que, no desempenho do seu cargo, teve oportunidade de se pôr em contacto com Ried.

Mr. Irving recorreu varias vezes aos conselhos de Ried a respeito de problemas surgidos na Terminal Company de Brooklyn. Do resultado que obteve em seguil-os, continuou a consultá-lo e terminou por convidá-lo a tomar parte na comissão consultiva da sua casa e, após um anno de serviço neste caracter, durante o qual administrava também sua empresa, Ried passou para a Europa. Na Alemanha surpreendeu-a a guerra. Apressou-se em regressar e, de volta, o sr. Bush

propoz-lhe que passasse a fazer parte do seu pessoal na qualidade de assistente especial. Um anno mais tarde era escolhida para Secretária da Bush Terminal e vice-presidente das companhias subsidiárias.

Note-se que na Bush Terminal havia homens capacíssimos a quem não deixou de causar espanto a rápida ascensão de Henrita Ried; entretanto, quer pelos seus encantos pessoais, quer pela sua extraordinária capacidade, essa mulher admirável impoz-se de tal forma que hoje o seu prestigio acabou com qualquer hostilidade de antagonismo.

MILAGRES DA RELIGIÃO

A comunhão de Joffre e a victoria do Marne

Ha pessoas religiosas, de fé indecisa porém, que, acreditando em Deus e praticando, para os effeitos exteriores, o culto catholico, não acreditam mais nos milagres. Verdade é que os milagres já se não operam hoje tão a miúdo como nos primeiros seculos da egreja, naquelles tempos em que a humanidade christã possuía uma fé mais intensa. Mas ainda hoje, nestes tempos de scepticismo, elles são possíveis.

Aos que não crêm que a victoria do Marne foi um verdadeiro milagre, chamamos a attenção para as palavras do sr. José de Th. Mendonça, presidente da Liga de Defesa e Propaganda da Religião Catholica, publicadas no "Imparcial", do Rio, num dos numeros de Fevereiro.

El-as:

"O facto que vamos narrar é referente á victoria do Marne.

O Revmo. padre procurador da Faculdade Catholica e capellão militar da praça de Tolosa, desde muito tempo relacionado com a familia de Castelnau, publicou as seguintes informações referentes á victoria do Marne:

"O exercito francez, eshausto e desmoralizado, operava penosamente a retirada deante dos poderosos exercitos do Kaiser, entusiasmados por successos repetidos e pela perspectiva da tomada de Paris. O Estado-Maior francez estava sciente de não haver esperanca alguma de salvar a capital. O generalissimo Joffre ao general de Castelnau:

— Estamos perdidos, não ha mais recurso para impedirmos o avanço allemão.

— Conheço um alimda!

— Qual será?

— Vós me daes a vossa palavra de soldado que haveis de recorrer a elle, custe o que custar?

— Da melhor vontade!

— Pois bem, deveis confessar-vos já e já.

— Meu amigo, isso é coisa muito séria, não se faz assim, e vós sabeis que ha grandes impedimentos...

— E a vossa palavra de soldado? Sabeis que não ha tempo para perder e que a sorte da França está nas vossas mãos!

— Pois que dei a minha palavra, hei de cumpril-a! Que devo fazer então?

— Confessar-vos, renunciar á Maçonaria e casar religiosamente.

Joffre sujeitou-se a essas exigencias, cuja realização lhe foi muito facilitada, em vista das circumstancias.

No dia seguinte, Castelnau, esse grande catholico, que Clemenceau, para depreciá-lo chama de "capuchinho de botas", convidou o seu amigo para communhar o colosso teutonico o exercito francez ao Coração de Jesus, offre communhou na presença dos seus soldados, effectuou a consagração desejada, e no dia do ataque geral deu por senha aos exercitos o nome da Santa patria: "Joanna d'Arc"!

Então realizou-se o facto mais estupendo desta grande conflagração. O exercito francez, desmoralizado e desprovido de tudo, começou a tomar contra o colosso teutonico uma offensiva gloriosa, cujo desfecho foi a victoria do Marne; essa victoria que salvou a França do completo esmagamento; essa victoria que transformou inteiramente os planos do Estado-Maior allemão; essa victoria que os criticos militares não podem humanamente explicar, e que os mais prevenidos, porém, sinceros escriptores não trepidam em chamar-lhe: "Milagre do Marne".

A nossa posição de presidente da Liga de Defesa e Propaganda da Religião Catholica, nos impõe o dever de divulgar esses factos,

como verdadeiras lições á humanidade, certos de que c'les impressionarão de modo assaz proveitoso.

Depois de suas grandes victorias contra a França em 1870, Guilherme I tinha-se aduciosamente lançado na perseguição contra os catholicos. A historia do Kulturkampf (1873-1879) está ainda viva em todas as mentes.

Detenções, confiscações, prisões, expulsões, eis as façanhas dessa época turbulenta.

A imperatriz Augusta disse um dia a seu marido:

— Enviar para o carcere santos homens de Deus não pôde trazer felicidade á sua casa.

Entre esses homens de Deus se achava consenhor Melchers, arcebispo de Colonia. Após ter conhecido durante seis mezes a tortura do zafre, tomou o caminho do exilio e retirou-se para um castello na Hollanda, donde dirigiu a sua diocese por dez annos.

Ora, é este mesmo palacio que abriga o neto de Guilherme I.

Conhecedor da historia do seu paiz e especialmente de sua casa, não terá recordado mála de uma vez as augustas victimas, cujo crime era serem catholicos?

Quantas vezes não terá o Kaiser repetido de si para si aquella phrase de Napoleão I em Santa Helena:

— O Deus de outr'ora vive ainda!

Os socialistas francezes accusam o presidente Wilson de ter plagiado o pacto da Liga das Nações de um livro editado por um FRADE francez em 1923 e agora reeditado.

Mas, então, um FRADE teve talento e illustração para escrever, em 1623, um livro que em pleno seculo XX ainda serve de guia ao espirito superior de Wilson!

Ora, esses FRADES...

O atrevimento dos inimigos da religião chega, ás vezes, a tal ponto que Deus tem de castigar exemplarmente aquelles infelizes.

Nos tempos que correm, vimos cahir muito baixo os corypheus da impiedade, tanto aqui como na Europa.

Facts sempre impressionam favoravelmente o povo.

Para facilitar apenas um exemplo, basta lembrar o que se deu em 1848, na egreja da Santa Cruz dos Militares, que se achava então em concertos.

Um operario infeliz, ou por perversidade, ou por ignorancia, tomando da brocha, insultou a imagem do Senhor Morto, dizendo o desgraçado:

— Se existe esse Deus, que me faça morrer hoje, ás 3 horas da tarde!

Mai havia proferido estas palavras provocadoras, um grito horrível ecoou nas paredes do templo e o sacrilegio operario cahiu por terra em convulsões medonhas!

Porém, o Deus crucificado teve compaixão do pobre peccador, que morreu trancado, depois de haver recebido o perdão de suas culpas.

Este facto abalou a cidade do Rio de Janeiro e todo o povo correu ás manifestações de desgarrado, que se tornaram celebres e se perpetuaram até os nossos dias.

Para conspurcar — como dizia Sócrates — a amizade de uma presidiária, é preciso que desenvolvamos em nós mesmos as qualidades que nella admiramos; se o discípulo é bom quando se parece com o Mestre, imitemos o Divino Mestre e tomemos os seus bellos e salutares ensinamentos."

Um caso de obsessão

O bom Ramires, que, de resto, era um excellent moço, honesto, cumpridor dos seus deveres, trabalhador, obediente até á subserviência, paciente até á resignação, soffria, soffria atrozmente, e esse soffrimento lhe era propinado, em tragos amarissimos, pelo gerente da casa da qual era elle o mais solícito dos empregados.

O gerente, um homem máo, de sobreceño ameaçador, intratável, bilioso, trazia-o de olho, nunca o perdia de vista, acompanhava-lhe os movimentos, fiscalisava-lhe o serviço, rosnando-lhe em torno, de dentuça arreganhada. O misero rapaz, com a penna atraz da orelha, com os olhos mergulhados no borrador ou no diário, sentia, pelas costas, dardejando e queimando-o, o olhar do gerente.

O homem, todas as horas do trabalho do escriptorio, desde as sete da manhã ás oito da noite, não fazia outra coisa senão reprehendê-lo: isto não se faz assim; o seu serviço é sempre mal feito; que diabo de palavra é esta? Você escreve turco ou portuguez? Olhe este borrão na pagina! Você está a dormir, homem de Deus! Você parece que se embriagou hontem!

O gerente era injusto, porque o Ramires não tinha vícios, não fumava nem bebia e era um habil guarda-livros. O serviço que fazia era sempre perfeito, e, porisso, as censuras do gerente doíam-lhe como bofetadas.

Demais, o tyranno nunca se esquecia, ao cabo de cada censura, de rilhar entre dentes estes estribilhos:

— Vou ser obrigado a dispensal-o do serviço. Já tenho em vista um substituto. Se não gosta de trabalhar, porque não se vae embora? A porta da rua é serventia da casa. Estou a vêr que serei forçado a pol-o na rua a sopapos.

Ramires não tinha outro meio de subsistencia senão o que lhe garantia aquelle emprego. O receio de perdê-o fazia com que elle curvasse a cabeça a todas aquellas injustiças. Tinha não poder encontrar outra collocação, convencido de que nenhum patrão o acceitaria, tão inapto se julgava elle.

Ramires tinha a intuição de que aquellas ameaças acabariam por tornar-se em realidade. E isso provocava-lhe suores na testa e um frio de terror ao longo da espinha.

Entretanto, esforçava-se por agradar ao seu chefe, procurava afinar os seus actos no diapásio das exigencias, e excedia-se em pontualidade, em mansidão, em obediencia cega.



Porque não se vae embora? A porta da rua é serventia da casa.

Tudo era, porém, inutil: aquella submissão, aquella annullação do criterio proprio, em vez de vencer o chefe, exasperava-o ainda mais, arrancando-lhe novas censuras:

— Não posso decididamente ter confiança em você! E' preciso arranjar um substituto mais apto, mais intelligente, que me comprehenda melhor. Você é obtuso, é rombo, é quadrado. Que idéa a sua de se fazer guarda-livros! Porque não se fez varredor das ruas ou cata-trapos?

Um dia, o pobre Ramires, por méra distracção, ergueu os olhos até á cara do gerente. Não chegou a encaral-o, isso não. Pois foi quanto bastou para que este avançasse para elle como se fosse esmagal-o:

— Que significa esse olhar? Quer agora fazer-se de

valente? Que tal está a audácia! Era o que faltava! Já para o olho da rua, ande!

— Mas...

— Diga ao caixa que lhe pague os dias de trabalho, e rua!

E dando meia volta, afastou-se, bufando de pura satisfação. Sentia-se feliz o honrado chefe em ver-se livre daquela creatura que o amofinava só porque existia.

Ramires estava atônito. A princípio não compreendeu bem. Pareceu-lhe que o mundo vinha abaixo. As palavras do chefe ainda lhe soavam aos ouvidos com uma ressonância interminável. Passado o estupor, disse de si para si:

— E' possível que o chefe cuidasse que eu o ameaçava? Mas eu olhei-o apenas, sem nenhuma intenção...

Enquanto repetia isso, recolheu os papeis, poz em ordem a escrevaninha, completou uma phrase que tinha ficado suspensa na correspondência, e dispoz-se a obedecer, sem replicar, á última ordem, para não perder o costume. Na caixa "liquidaram-n'o".

Ramires embolsou o dinheiro e sahiu, sempre obediente ás ordens do seu chefe.

*
*
*

Apenas se viu fóra daquela casa, como se tivesse escapado de uma atmosphera irrespirável, respirou a plenos pulmões.

Compreendeu, pela primeira vez, que tinha sido victima de uma antipathia absurda e que tudo aquillo não passava de um simples pretexto para eliminá-lo. Sorriu tristemente. Recobrando a liberdade, recobrou também a sua dignidade pessoal, sem se esquecer, entretanto, que, ao cabo de alguns dias, se encontraria com os bolsos vazios.

Ramires concebeu então a idéa que assalta a todos os desertores da vida: pensou em eliminar-se do mundo, tal como o seu chefe o havia eliminado do escriptorio.

No bolso da calça sentia, com prazer, o contacto dos cento e dois mil réis que lhe havia entregue o caixa. Estava sufficientemente rico para comprar um "brouwing" e tomar um taxi. Queria suicidar-se longe da cidade. Em meia hora, após a despedida do escriptorio, já tinha meditado, pesado, analysado e resolvido o decisivo projecto.

Com o "futuro" garantido, dirigiu-se por uma das ruas mais corridas da cidade. Aquelles minutos de vida que voluntariamente concedia a si proprio, saboreou-os com immenso deleite.

Ao ver passar junto de si os transeuntes descuidados, dizia com os seus botões:

— Pobres diabos, que andaes correndo atraz do pão de cada dia e que não vos atreveis a picar-vos com uma ponta de alfinete, com que respeito vos descobrireis e como me deixariis o caminho livre se soubesseis que vou alojar lindamente uma bala nos miolos!

Este final da sua reflexão produziu-lhe um calafrio.

Naquelle momento decisivo acerrou-se delle um garotinho, que lhe offereceu, sorrindo, um bilhete de loteria.

A primeira coisa que occorreu a Ramires foi um gesto de repelli, como os que lhe prodigalisava o seu chefe; mas, repentinamente, uma idéa penetrou-lhe no cerebro: E porque não? porque não comprava o bilhete? Não havia tanta pressa em suicidar-se. Isso era coisa que tanto podia fazer naquella dia como mais tarde. Elle podia, antes de chegar á realisação do irreparavel, tentar a fortuna. Comprado o bilhete, ainda lhe sobrava bastante dinheiro com que passar alegremente oito dias. Enquanto o pão vae e vem, folgam as costas. E comprou um bilhete inteiro.

A quantia que trazia no bolso ficou desfalcada. Mas, para que um suicida precisa de dinheiro? Quanto ao "brouwing" e o taxi são coisas dispensaveis. A morte está em toda a parte, e a gente pôde conquistá-la de qualquer fórma: atirar-se de uma ponte ou de um quarto andar. Ha tantas providencias mortaes! Um auto á disparada, uma locomotiva, uma navalha, dois metros de corda não bastam para realisar bellamente um designio sinistro? Que importava, pois, que o seu dinheiro ficasse desfalcado?

A loteria, que tantos males soe causar, fez nesta occasião uma boa obra, abortando o mais horrendo crime humano: o attentar o individuo contra si mesmo.

O bilhete de Ramires obteve o premio maior, e o ex-suicida encontrou-se, da noite para o dia, possuidor de cincoenta contos redondos.

O rapaz sentiu-se completamente arrependido do seu proposito e deu graças a Deus por aquella redempção.

Ramires malbaratou, em poucos dias, grande parte do seu capital. Andou de automovel aberto, vestiu-se com luxo, frequentou theatros, viveu ruidosamente. Todo dia

e innumeras vezes por dia passou pela antiga casa em que trabalhava, para que o visse o gerente! Infelizmente, este nunca o viu.

Ramires teve, a tempo, a feliz inspiração de collocar a maior parte da sua fortuna em apolices.

Pouco a pouco, logrando dominar os seus nervos, acostumou-se á idéa de que era rico e que podia viver tranquillamente das suas rendas. O improvisado capitalista passava muito, poucas vezes a pé, as mais das vezes de auto descoberto.

Desfructava uma renda cinco vezes maior do que o ordenado que recebia como guarda-livros. Entretanto, não se sentia satisfeito. Faltava-lhe alguma coisa.

Aquelle gerente atormentador continuava a viver com elle, a fiscalisar-lhe os gestos e movimentos, a maltratar-o continuamente... E Ramires se exasperava recordando os insultos e as injunctas de que era victima.

— Agora, que venha! Se fór capaz, que venha dizer aquelles desaforos que me dizia! — exclamava, cerrando nervosamente as mãos, durante frequentes soliloquios, que o iam convertendo em verdadeiro maniaco.

A's vezes, eram tão violentos os seus gestos, que os



— Se não lhe serve a casa, rua!

transeuntes paravam para observá-lo. A princípio, elle procurava corrigir-se; depois, já nem dava conta do que fazia, e falava alto, gesticulava.

Ramires tinha a mania de passear pela frente dos bancos e das grandes casas de commercio.

Certo dia deteve-se, pensativo, deante de uma casa de atacados. De repente, sorriu, piscou o olho com uma malícia que ninguém comprehenderia, e entrou.

Um porteiro approximou-se e indagou o que desejava.

— Uma collocação, disse elle com desembaraço.

O porteiro indicou-lhe uma mesa proxima, onde havia varios impressos, e disse-lhe que enchesse um delles.

Ramires esteve a ponto de disparatar com o homem. Elle não era nenhum João Ninguem, nenhum ganha-pão, mas reprimiu-se, desprezando aquelle homem que attentara contra a sua respeitabilidade, e dispoz-se a encher a folha.

Sorriu ao ler o interrogatorio impresso.

“Quantos annos tem?” “Que sabe fazer?” “Em que é que se tem occupado?” “Que garantias tem?” “Quanto deseja ganhar?”

Por cima de tudo aquillo, escreveu em grossos caracteres: “Sei fazer tudo, sou fiador de mim mesmo e não me interessa o ordenado que me queiram dar”.

Entregou, com immensa superioridade, o papelucho ao porteiro e esperou algum gesto de surpresa e de admiração; mas o porteiro, que provavelmente não sabia ler, pegou do papel, indifferente, e levou-o ao chefe do escriptorio. Não tardou que Ramires fosse recebido por este. A fórma como elle respondeu aos questionarios picou a curiosidade do chefe.

Ramires penetrou com desenvoltura no escriptorio, com um ar quasi magestoso, como se arrastasse em pòs si um manto de purpura, saudou o chefe, coíou o bigode com os dedos onde fulguravam alguns anéis de brilhante e sentou-se.

O chefe, depois de uma rapida inspecção, perguntou:

— O senhor vem falar-me em nome do pretendente?

— Não, senhor, — apressou-se em responder, resplandecendo de gozo — sou eu proprio o pretendente.

— Pois muito bem — ajuntou o chefe, abandonando a estudada amabilidade — diga o que pretende, mas devo advertir-lhe que as informações que escreveu em nossos impressos, não nos bastam.

Ramires, colérico, replicou-lhe:

— Eu, senhor, tenho o costume de fazer as coisas como muito bem me aprez e não como querem os outros.

— Como? — exclamou o chefe, surprehendido.

— Sim, senhor. Não admitto lições de ninguém, e exijo ser tratado com toda a consideração de que sou merecedor.

O chefe quiz dar por terminada aquella visita importuna. Mas Ramires não sahio do logar e proseguiu, de pé, no mesmo tom:

— Eu não transigirei um só momento com a mais leve recriminação, não consentirei o menor gesto de desgosto. E' preciso que saibam todos que Ramires sabe cumprir com seu dever. Entendeu bem? Percebeu bem? Quer que lh'o diga com mais clareza?

E descarregou uma punhada na mesa, que fez dançar o tinteiro e as canetas. O chefe apertou dissimuladamente um botão. No mesmo momento entraram dois robustos latagões.

— Levem esse homem d'ahi, que está louco — falou, sem perder a calma, o gerente da casa.

— Como! rugiu Ramires, poem-me na rua? O senhor não sabe com quem está tratando!

Lutou com os dois latagões, que o levaram á viva força, presa de um accesso de loucura furiosa.

A luta continuou até a rua. Elle resistia epilepticamente, dando cabeçadas impotentes. Foi entregue a uns agentes da autoridade e seguiu para a repartição de policia, em carro fechado, ainda presa do seu accesso de furia.

•
•

No manicómio passeia o pobre homem a sua febre incurável, mezes e mezes.

E' um louco pacifico e taciturno. Tem a originalidade de levar sempre umas mangas postigas presas ao cotovelo por uns elasticos e uma penna atraz da orelha.

A quem quer que se approxime delle, diz logo, num tom de voz secco:

— Se não lhe serve a casa, rua!

JOSE' CESARIO.

O MAL MODERNO

No nosso tempo, de vida intensa, os organismos gastam-se depressa. Vive-se mais, por assim dizer, á superficie, mas as raizes da saude mergulham menos profundamente. A machina — o nosso corpo é uma tão perfeita e delicada machina — usa-se rapidamente. Bem cedo apparecem peças desgastadas, — os pulmões, os nervos, o cerebro, os intestinos, o coração.

E' preciso, caras leitoras, remediar promptamente esse mau funcionamento, concertar as pequenas ruínas que se infiltram lentamente e ameaçam desastres irreparáveis.

Para essa fraqueza geral dos organismos combalidos e fracos pelo trabalho intenso e pela actividade febricante, ha reconstituintes energicos que são um remedio santo.

Claro está que o melhor desses remedios é uma vida methodica e ordenada, um regimen alimentar sufficiente ou abundante, bom ar tonificante e puro, exercicio moderado e distracções suaves. Mas, vão lá falar á gente de empregar esses remedios todos, modificar os seus habitos, suspender os seus trabalhos. Muitas vezes quer-se e não se póde. Outras vezes póde-se, mas não se quer, já se exgotou a potencia da vontade. A multidão dos abulicos não é, infelizmente, uma fabula de psychiatras ou neurologistas sem clientes.

Ha, porém, um remedio excellento,

um verdadeiro reconstituinte que por si mesmo, pela sua composição e pelos seus bons efeitos, por larga experiencia comprovados, se recommenda a todos os que soffrem de fraqueza pulmonar, de debilidad organica geral, tuberculose, rachitismo fraqueza constitucional, convalescenças de influencia, pneumonia, coqueluche e sarampo — é o Phospho-Tricol de Giffoni.

Não é uma panacea, como tantas outras, nem um palliativo, é um autentico e maravilhoso remedio, de elementos constitutivos medicinaes bem estudados e dosados, de maneira a produzir os resultados mais rapidos e beneficios.

Neste tempo de neurasthenia, de fraqueza e debilidad geral é o remedio que não deve faltar em cada casa, onde se pretende fazer reinar a saude.

EM CASA DO
AUTOR D' "A
JANGADA"



Claudio de Souza reuniu, sexta-feira, na sua bella "Villa Luisa", em frente ao mar, os artistas que interpretam "A Jangada", no Trio os jornalistas que a julgaram com a melhor justiça, e distintas pessoas das suas relações. Foi uma tarde de espiritual intimidade, revelador de duas artistas: a Senhora Helena Van Erven Azevedo e a Senhorinha Zita Coelho Netto.

Os bellos centros de meza

Um bello centro de mesa é um enfeite que valoriza e transfigura mesmo, o movel sobre o qual se o colloca. Dá uma graça elegante e fina ao ambiente e chama a attenção da vista, como uma nota fidalga de bom gosto.

A arte feminina tem conseguido maravilhas nesse genero de trabalhos. Entretanto, hoje temos o prazer de offerecer ás nossas leitoras dois lindos modelos, um de centro de mesa, redondo, outro que serve de toalha para mesa de chá.

O primeiro (fig. n.º 1) é feito com bordado e rendas, engenhosa combinação da qual resalta um singular effeito. O centro é composto por bordado antigo, trabalhado por um ponto de "graine", o que lhe dá um singular relevo e lhe destaca admiravelmente os detalhes.



FIG. 1. — Cantonniers Luiz XVI, com rosas em relevo.

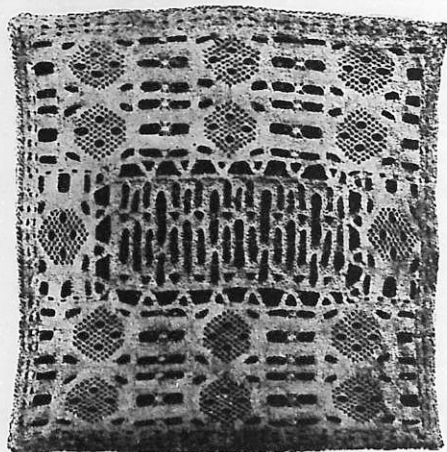


FIG. 2. — Quadrado para meza de chá

O ponto aberto e uma "guipure" antiga rodeiam toda essa parte. Os bordos são feitos com filô de Cluny e renda italiana, guarnecida de um "picot" de bordado ao redor.

A figura n.º 2 será renda ou bordado?

O enigma é facil de ser decifrado. Basta attentar que o centro é feito de bordado inglez, mas o seu desenho é completamente novo e original. Em nada se parece com o estylo vulgar que geralmente serve de debuxo para os bordados inglezes dessa especie.

Em redor desse bordado central, que forma um rectangulo de base longa, juntam-se outros bordados de guipure antiga, ornados de picot.

Como vêm nossas leitoras, os dois desenhos, além de serem lindos, são extremamente originaes.





Telephone. 45 Central

Caixa Postal, 1391

Sedas Finas

Temos o maior e mais bem
sortido "stock" de sedas finas
— do Brasil —

PREÇOS

RAZOAVEIS



Mencionados alguns tecidos notáveis por suas maravilhosas cores
e magnificas qualidades

CREPE GEORGETTE, branco, rosa marinho, preto, natier, largura 1 metro

Metro 20\$000

CREPE DA CHINA, branco, azul, rosa, natier, beige, cinza, gris taupe, raton, ouro, verde, champagne, preto e azul marinho. Largura 1,00.

Metro 23\$000

PALHA DE SEDA, esplendida qualidade, cores: branco, rosa, natier, turqueza, palha. Largura 1,00.

Metro 26\$000

CREPON-FAILLE, ultima novidade para vestidos e tailleurs, cores: branco, natier, fraise, beige, cinza, sulferino, grenat, tête de nègre, verde escuro, azul saxe, ouro velho, preto e marinho. Largura 1,00

Metro 28\$000

JERSEY, seda de grande moda para o Verão, rosa, fraise, sulferino, beige, azul, cinza, natier, grenat, verde, branco, azul-marinho e preto. Largura 1,00.

Metro 28\$000

Vejam as nossas Exposições

MAPPIN STORES



À MODA



OUTRAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS MODAS INCONVENIENTES

Um chronista de um grande magazine de modas de Nova York, escreveu, numa das suas ultimas chronicas, que, ha cinco annos atraz, era impossivel falar a sério das modas de Nova York, porque, naquelle tempo, se creavam muito poucos modelos originaes na metropole. Antes da guerra, quasi todas as grandes casas newyorkinas eram tributarias da França, dependendo dos magazines parizienses, em tudo que se referia a modelos originaes, modelos que eram servilmente copiados ou ligeiramente modificados, segundo as necessidades, as exigencias da estação e o gosto de cada um. Com a guerra, porém, devido ás difficuldades, cada vez maiores, da importação, muitas casas americanas encontraram-se de repente na contingencia de crear os seus proprios modelos. E crearam-n'os; e, ora porque necessitavam satisfazer as exigencias das suas clientes, ora porque lhes convinha offerrecer-lhes alguma coisa de distincto, que se impuzesse pelo bom gosto e originalidade, o facto é que, desde então, as creações americanas vêm ganhando a

adopção geral das senhoras elegantes e impondo-se por algo característico que as faz superiormente interessantes.

D'aqui resulta que, em pouco tempo, se effectuou uma revolução completa na historia da moda. Estimuladas pelos bons resultados das suas primeiras experiencias, varias casas newyorkinas começaram a augmentar gradualmente o numero das suas proprias creações, até que hoje, muitos estabelecimentos existem naquella cidade, que expõem ao publico, como as mais celebres casas de Paris, uma collecção completa de creações originaes. A multiplicação destas exposições, assim como o grande numero de modelos que nellas apparecem, é a melhor prova do exito obtido pela iniciativa americana.

Nesta secção, a maior parte dos modelos que offercemos á apreciação das nossas

leitoras elegantes, são americanos. São quasi todos modelos de inverno, o que os torna, para nós brasileiras, muito opportunos, porque em Março, principalmente em S. Paulo e em todo o sul do paiz, o frio já começa a fazer-se sentir.

O que ha de mais característico nas exposições de moda americana é a saia curta, ou, mais precisamente, a saia "cada vez mais curta", como se vê dos modelos que illustram estas paginas. Entretanto, apesar de curtas, ainda o são menos que os ultimos mode-

los que nos chegam de França. Estas saias curtas têm, porém, um limite, não excedem de vinte centimetros do chão á barra. Os vestidos para a tarde e noite são, naturalmente, menos curtos, e apresentam-se sempre com pregas soltas e bastantes largas na altura das cadeiras.

As influencias parizienses são, já se vê, muito accentuadas sobretudo nos detalhes, como as mangas curtas, as saias estreitas em baixo e com bastante relevo em cima, o decote liso e severo e a discreção no emprego de enfeites e adornos.

Os ultimos modelos newyorkinos accusam um progresso consideravel, e são, não raro, preferíveis aos francezes. A sua confecção é notavelmente mais perfeita e revela muita arte na distribuição e composição dos detalhes. Os modelos são simples, decorativos, de muito effeito, magestosos, e possuem um encanto e um chic realmente notavel. A moda americana está em pleno apogeo e conquista dia a dia as preferencias das senhoras elegantes. E é porisso que, neste numero, offercemos ás nossas gentis leitoras esses modelos americanos, que são interessantissimos. São elles, dentre muitos que cuidadosamente examinámos, os mais característicos e



Toilette de charmeuse preta, muito original. Sobre-saia curta bordada com fios metalicos de cores mates.



Toilette de duvetine azul marinha, idealmente apropriada para mocinhas. O corpo, com blusa em feitiço de kimono, é apanhado por um cinto, azul de um lado e gris de outro. A saia, recta e simples, é enfeitada de galões de seda branca, que começa com borlas em cima e termina com borlas em baixo.

Em nenhuma parte se assignala, melhor que nesta sahida de theatro, azul escuro, ampla em cima e estreitando-se em baixo, essa graça juvenil, que tanto caracteriza as creações de Herry Collins.

originaes. O cinto, a despeito da enorme vulgarisação que teve na ultima estação, ainda está em voga. Elle é applicavel em qualquer toilette, assim como tambem a fita, que está dominando. A fita usa-se enrolada diversas vezes em torno da cintura e enlaçada negligentemente de um lado, com as pontas cahidas. Para se obter um laço perfeito é necessario muita arte, muito gosto. O cinto póde tambem ser arrematado por pouf ou "noeud-actuaes"

As toilettes nuam a caracteri estação passada, as cadeiras, o por meio de ranjados por meio "drapés".

Os "tail a saia estreli ou sem algi as jaquetas ralmente com que dá ao con uma feição ai grave.

Os tecidos brocado de seta, o velludo, as gazes vapo tons encantado

E' esta, em linhas actual.



Toilette de feitio aldoio, inspirado no style. Da a apparencia de uma moça normanda. As mangas terminam em punhos amplos bordados

leurs" mantêm ta, com beiras, e são gepridas, o juncto rosa e

preferidos são o da e ouro ou praos tules de seda, rosas, em meios res.

geraes, a moda

Permittam-nos as toras que abordemos moda e irritan modas incon nesta mesma nosso numero mos desta ques vendo o que, a proposito della, escreveu um jornal carioca, que entrevistou uma religiosa, educadora de um dos mais afamados collegios do Rio. Este assumpto tambem forneceu á nossa brilhante chronista d. Anna Rita Malheiros, alguns vibrantes commentarios, que, por certo, produzirão impressão no animo das nossas leitoras.

Dentre as nossas leitoras algumas haverá que se insurgirão contra essa campanha que, de uns tempos a esta parte, estamos fazendo contra as modas inconvenientes, principalmente nesta secção, que deve ser eminentemente mundana. Se é verdade que a nossa attitude provocará o protesto de algumas, é verdade tambem que a

maior parte das senhoras que nos lêem, a louvará.

Como chronistas que somos, registramos a moda, sem mais commentarios; mas como mulher, que somos, e que prezamos a dignidade do nosso sexo, seja-nos permitido protestar contra certas demasias da moda.

No nosso numero passado, incumbimos do protesto uma illustre religiosa, cujos conceitos transcrevemos. Hoje tem a palavra a illustre senhora d. Amelia Rodrigues, uma das mulheres mais intellectuales do nosso paiz, que collabora assiduamente n' "A União", do Rio. Ouçamol'a:



Doas encantadoras toilettes para senhoras de certa idade.

Accentua-se, cada vez mais, na imprensa catholica, a nota forte, irritada mesmo, contra as modas femininas atrevidamente indecentes, e indignas de senhoras que prezam o seu nome. Vem de longe o clamor; vem da profundidade dos seculos christãos; porém, ainda de mais longe o instincto da vaidade, a reclamar apparencias espectaculosas e elegancias a qualquer preço. Sempre a Igreja Catholica reprovou os arrebiques, o excesso dos enfeites, o luxo exagerado e estonteador que, como na velha Roma pagan e dissoluta, visava unicamente fins sensuaes e desmoralisadores; e nunca as christans verdadeiras quizeram confundir-se, no seu trajar, com as infelizes partilhadoras dos triclínios romanos, nem com as hetairas seminuas dos tempos idos. Entretanto, tambem nunca foi prohibido ás mulheres christans vestir-se bem, conforme os seus recursos e posição social. Importa, contudo, distinguir: uma coisa é a esthetica no vestir, a arte de aformosear-se, e outra é a falta de pudor nos trajes adoptados.

A mulher tem precisão de ser bella. Solteira, desejando tomar esposo, deve fazer valer os encantos naturaes e apresentar-se na sociedade correctamente, com a graça e a gentileza que os vestidos bem feitos lhe possam dar. Casada, cumpre-lhe agradar aos olhos do marido, como Esther agradou aos olhos de Assuero.

S. Francisco de Sales, cuja linguagem dulcorosa não cede uma linha ás exigencias da mais rigida moral, diz que as moças podem enfeitar-se castamente com o fim licito de contrahir matrimônio



As perolas e os brilhantes estão em voga para os penteados de theatro e concertos

nio. As côrtes européas tiveram sempre, no correr dos séculos, rainhas, princezas, damas nobres e riquíssimas, que foram santas, canonicasdas algumas, e que usavam sédas, velludos e pedrarias. Mas, no meio desse luxo official e obrigatorio, não esqueciam os deveres da religião que probemos de muitas que vam alli mesmo. S. cesa de Portugal, punhas dentro dos sapa-branco, bordados a mo defendiam a sua seu pudor, não sómente mas as simples fies, as mentes a Deus, até no



Lindo vestido para soirée e recepção, em tela metálica côr de rosa.

Maria Stu fatal, conta rerem os car vestidos, pro sorriso, mas te: — Nunca se mistir, si do meu sexo.

A marque ra, victima Pombal, compôz a ficara arregaçada de tes de entregar o cutello.

E isso no transe morte, em face do lhe ia decepar a Nellis

do pudor te do que tros, que ser bem absorven mento tal.

A's ele je, porém, em occasião alguma, que ha no mundo uma virtude chamada modestia. O que mais admira é que, sendo innato na mulher o instincto do bello, tantas senhoras intelligentes não comprehendam que certas modas impudicas e exaggeradas, longe de ser bellezas, são fealdades, não sómente sob o ponto de vista moral, como também physico.

Tem-se dito a faltar que o recato é o maior encanto do nosso sexo. Jámais uma mulher deixou de ser querida, por modesta e recatada. Nunca um homem sensato louvou, preferiu a indecencia no trajar daquella a que dá, ou quer dar, o seu coração. Os proprios mundanos, velhos ou rapazes, zombam das modas extravagantes e indecorosas. Jornaes profanos, escriptores não suspeitos de beaticas, mas simplesmente serios, zurmem de vez em quando com a chicotada do ridiculo, as escravas intransigentes da moda sem vergonha. Ainda ha pouco um vespertino bahiano reproduziu a gravura de uma mulher, com o dorso quasi todo nu tendo sobre a espadua uma aranha de velludo negro, com a legenda: — *despben mais do que vestem.* — *Excentricidade e excesso da ultima moda.*

Mas tudo é debalde. Nem as pontas de ferro em brasa da critica severa, nem as caricaturas que fazem rir, nem os conselhos de pessoas amigas ou respeitaveis, nada vale, nada tem effeito sobre as pobres enlouquecidas, contra a fome de novidades e extravagancias que as devora. Parece que ellas já perderam a nitida visão das coisas neste particular, e que a propria consciencia já se lhes callejou.

E são as mulheres francamente mundanas as unicas estygmatisadas por tão feio labêo? Todos sabem que... infelizmente não!... Senhoras honestas e virtuosas hoje se confundem na rua, nos ballees e nos theatros, com as desgraçadas que o vicio leva de roldão.

Uma "Filha de Maria", moça distincta, dada ás letras e ás boas obras vi eu, que usava um vestido finissimo de grande decote, mangas muito curtos e... corpinho interior sem mangas, preso apenas aos hombros por estreita passadeira, deixando apparecerem as largas cavas...

art, já no cepo Lingard, ao que-rascos tirar-lhe os testou, com um energicamen-tive, para es-não pessoas

za de Tavo-do infame saia que lhe um lado, an-pescoço ao

horrivel da algôz que cabeçal... o sentimento era mais for-todos os ou-alis deviam fortes, bem tes, em o-

gantes de ho-não lembra, em occasião alguma, que ha no mundo uma virtude chamada modestia. O que mais admira é que, sendo innato na mulher o instincto do bello, tantas senhoras intelligentes não comprehendam que certas modas impudicas e exaggeradas, longe de ser bellezas, são fealdades, não sómente sob o ponto de vista moral, como também physico.

Tem-se dito a faltar que o recato é o maior encanto do nosso sexo. Jámais uma mulher deixou de ser querida, por modesta e recatada. Nunca um homem sensato louvou, preferiu a indecencia no trajar daquella a que dá, ou quer dar, o seu coração. Os proprios mundanos, velhos ou rapazes, zombam das modas extravagantes e indecorosas. Jornaes profanos, escriptores não suspeitos de beaticas, mas simplesmente serios, zurmem de vez em quando com a chicotada do ridiculo, as escravas intransigentes da moda sem vergonha. Ainda ha pouco um vespertino bahiano reproduziu a gravura de uma mulher, com o dorso quasi todo nu tendo sobre a espadua uma aranha de velludo negro, com a legenda: — *despben mais do que vestem.* — *Excentricidade e excesso da ultima moda.*

Mas tudo é debalde. Nem as pontas de ferro em brasa da critica severa, nem as caricaturas que fazem rir, nem os conselhos de pessoas amigas ou respeitaveis, nada vale, nada tem effeito sobre as pobres enlouquecidas, contra a fome de novidades e extravagancias que as devora. Parece que ellas já perderam a nitida visão das coisas neste particular, e que a propria consciencia já se lhes callejou.

E são as mulheres francamente mundanas as unicas estygmatisadas por tão feio labêo? Todos sabem que... infelizmente não!... Senhoras honestas e virtuosas hoje se confundem na rua, nos ballees e nos theatros, com as desgraçadas que o vicio leva de roldão.

Uma "Filha de Maria", moça distincta, dada ás letras e ás boas obras vi eu, que usava um vestido finissimo de grande decote, mangas muito curtos e... corpinho interior sem mangas, preso apenas aos hombros por estreita passadeira, deixando apparecerem as largas cavas...

Culpa dos figurinos? Nem tanto. Questão de interpretação de, apenas. É a má interpretação é quasi geral. A copia ultrapassa o modelo.

Porém, mesmo que os figurinos nos apresentem modelos indignos, quem nos obriga a acceptal-os no rigos da sua indignidade? Porque imitar as damas inconscientes que se vestem assim? Si ellas dispensam o amor á pureza e o respeito a Deus, não o dispenseemos nós, brasileiras catholicas praticantes.

Pois nós seremos um rebauho de irresponsaveis, de fracalhonas, de cretinias espirituas? Já desceu tanto o nosso bom-senso, já se atrophiou tanto o nosso brio, que não haja farpa acerada que nos cause dor e nos abra os olhos? Não está deslavadamente mentindo a Deus e á sociedade aquella que diz ser catholica e usa trajos de pagan, só pelo gosto de mostrar a pelle ao publico?

Agora desce, do maior tribunal da terra, do alto da Egreja veneranda, dos labios do seu chefe supremo e dos seus bispos — e ecôa em todas as capitais luxuosas do mundo, desde Paris e Londres, até o logarejo mais humilde onde haja escravas dos figurinos impudicos — o brado formidando, o aresto soberano, o castigo de arrear: ás mulheres semi-nuas fica interdita a entrada nos templos.

Medida justissima. Si ha uma lei civil que só permite entrar nas assembleas e mesmo nos vehiculos publicos a quem esteja vestido com decencia, muito mais deve ser obrigatoria a decencia — e esta ainda mais importante por ser de ordem moral — para o ingresso no santuario divino.

Porém... que vergonha!... Que vergonha ser preciso chegar a semelhante extremo!...

Pois, então, nós somos de bronze tão duro, somos de marmore tão insensivel, que o rubor nunca nos chegue ás faces, nem mesmo neste momento?

Ah! si não abaixarmos a cabeça diante disso, não a abaixaremos nunca, nem diante da morte e da condemnação eterna. Bonita coragem!...

E' o proprio Deus que reprehende as levianas pela voz do Pontifice e dos sacerdotes; é o proprio Deus que as castiga, que as priva



Bello vestido em li raída.

das graças e dos sacramentos — fontes do seu amor, enquanto não se sujeitarem á modestia exigida pelas normas christãs.

Esperemos que, pelo menos as catholicas praticantes da nossa terra, que seguem o rigor da moda, cumpram o seu dever nesta emergencia. Esperemos que as suas *toilettes* possam d'ora avante supportar o exame de Deus, e não as privem de entrar no santuario.

Certo é que os maridos e os paes são os principaes responsaveis pelos abusos commetidos, porém, nem por isso as infractoras da disciplina moral tem desculpa maior. Não usem mal da liberdade que lhes deixam os chefes da familia!...

Si é natural e desejavel que as filhas e as esposas de homens afastados da fé os convertam e levem para Deus, como poderão exercer esse apostolado sublime aquellas que, ás inspirações e á voz de Deus, preferem as inspirações e a voz de Satanaz?



Encantador modelo em duvetina azul. Os bolsos são indispensaveis.

Como ensinarão virtudes e sacrifícios aquellas que não os sabem fazer?

Sejam bellas, sim, as jovens catholicas; tomem, sempre attitudens esculpturales e conversações boas e nem pela graça, pela tura do espirito, mites da digni duplicará os seus os diminuir.

Nessas condinhas dos cora fronte brillará re, do respeito, e serão a gloria patria, que tanto plos bons e de plares.

Depois destas tre escriptora, outra coisa senão meditar.



Negligé de chiffon, com brocados da mesma cor e reucentes rendas douradas.



palavras da illusão nos cumpre calar para as

MARINETTE.

MADRE MARIA THEODORA

Vende-se por 15\$000, nesta redacção, a elegante e luxuosissima polyanthéa offerecida á Superiora Provincial das "Irmãs de S. José de Chambéry".

E' um precioso volume, de cerca de seiscentas paginas, cheias de lindas gravuras.

OS ASSASSINOS DE MULHERES

Devem estar lembradas as leitoras da vibrante chronica de Anna Rita Malheiros, a proposito da absolvição do cel. Philadelpho Rocha, que levou a instituição nacional de assassinato de mulheres indefesas, ao requinte de ter assassinado uma mulher casada por ciúmes do marido! Esse coronel, de Niterói, ao ser absolvido, e em pleno jury, ergueu um viva á Republica, que foi correspondido pelos jurados, como si o assassinato fosse uma das expressões mais lindas da forma republicana. Submettido a novo jury, e apesar do protesto de toda a imprensa contra sua absolvição, explicada apenas pelo seu prestigio politico, o assassino de madame Consuelo Fróes da Cruz, cunhado do sympathico actor brasileiro Leopoldo Fróes, acaba de ser novamente absolvido, e por unanimidade. Apenas, como commenta "A Noite", desta vez não houve viva á republica...

E ahí está!... E ahí está porque diariamente se continúa no Brasil a matar impunemente e a qualquer proposito, pobres mulheres, muitas dellas victimas da prepotencia, da

brutalidade, e dos vícios de individuos sem alma, sem coração, sem noção de religião ou de moral, verdadeiras feras que entendem que a mulher é um animal domestico, uma besta de carga do lar, que não merece contemplações ou attensões, e que foi feita apenas para dar ao homem a somma de prazer material e de trabalho util que elle imponha ao seu captivo.

No Brasil, já ficou provado com estatística, matase uma mulher de 4 em 4 horas!...

Isto que é espantoso, que é indicio de uma selvageria sem nome, de um barbarismo que toca ás raízes do monstruoso não tem, no entanto, merecido a attenção de que se occupam com o problema feminino. E assim que o jury, a mais immoral e sem vergonha instituição de nossa crápula politico-republicana, continúa serenamente a absolver todos os assassinos de mulheres, como vivas a esta famigerada republica, que nos vae destruindo a moral, a familia, a energia, a coragem civica, e todos os attributos que fazem o apogio das raças fortes.

Matem-se as mulheres, com vivas; com hymnos, com passeatas e marche aux flambeaux...

O DECOTE E A MEDICINA

O conhecido clinico parisiense Milian, sob o titulo "Feminités", acaba de publicar curiosas observações sobre as consequências das grandes decotes das damas elegantes, apreciadas do ponto de vista medico.

Em primeiro lugar o Dr. Milian faz notar que já antes da guerra as mulheres usavam os vestidos muito abertos sobre o peito. Essa abertura tinha (e tem) a forma de um triangulo isoscele, com 25 centimetros de base e 15 de altura. Com esses dados o Dr. Milian calcula em 187,50 centimetros, quadrados a superficie nua da mulher.

Um dos resultados mais tangiveis dessa exposição atmosphérica, diz o citado autor, foi o de levar á presença dos medicos dermatologistas, um grande numero de elegantes, affectadas de uma nova dermatose medio-thoracica n. 2 de Brocq, que ia do mais leve rosco até a uma pigmentação mais carregada, e que "les poudres de riz le plus blanches et les plus parfümées" não conseguiam disfarçar!

Durante a guerra a situação aggravou-se. Enquanto que as mulheres que serviam como enfermeiras no "front", ciosas da disciplina, cobriam bem o corpo afim de não "apanharem" resfriados —, as do interior do paiz abriam, cada vez mais, as linhas do triangulo do decote, até que hoje a superficie nua attingiu proporções escandalosas, nunca suspeitadas pelos paes, nem mesmo pelos avós! "Essas dimensões já passam os limites da geometria plana" diz com tristeza Milian. E isso faz pensar que o peito das elegantes parisienses ande completamente descoberto, e que o nú já se estenda aos braços e ás axillars.



Vestido de duvetina marron bordado de seda mate, azul antigo, com um decote de corte original. As mangas, sobretudo, são originalissimas. As aligeiras, bordadas com os mesmos enfiletes.

"A pathologia feminina deslocou-se. São a pneumonia da base, o pleuriz, a nephrite "a frigore", muitas vezes o lumbago, que agora ameaçam as nossas "grandes déshabillées", conclue o clinico de Paris. E deixa escapar esta manifestação de desanimo: "Nem a crise do carvão (agora em França faz muito frio!) consegue desconjurar o perigo!"

Vae este aviso ás "elegantes"...

DR. NICOLAO CIANCIO.

Dia chegará em que essa pobre coisa, esse pobre frangalho humano fará sentir a sua força occulta... Todos os captivos terminam, e mesmo os mais dolorosos e anniquiladores como o da raça que se libertou a 13 de Maio. Por que nós, mulheres não havemos de esperar que chegue o nosso 13 de Maio, a nossa abolição, e que tenhamos direito a ser parte do genero humano, ou antes, do genero humano brasileiro, porque só no Brasil, hoje, em toda a terra civilizada a mulher é o ponto de mira de todos os assassinos... Oh, minha grande patria! Oh, meu grande Brasil! Como podes assistir a essa sangueira continuada, a essa barbaria sem nome? Como ainda não expurgaste de teu corpo esse tumor putrido que se chama jury, essa chaga mal oliente que empesta o teu ambiente, essa calamidade publica que se ufana de absolver assassinas, que vive do subúrbio, do estacionado, de toda a classe de patifarias, e que se acoberta sob o nome de Justiça, e leva o seu desplane a collocar em sua sala a imagem de Christo!...

CAROLINA PEREIRA

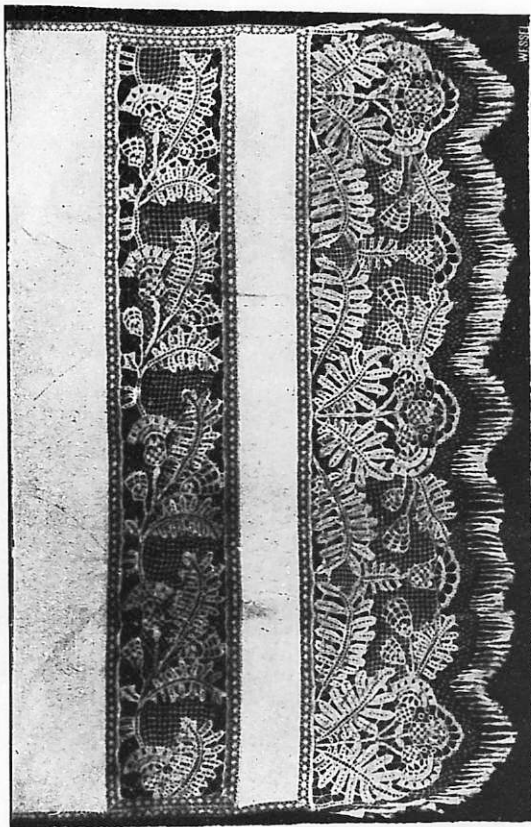
Rio, 1920.

Renda em ponto francez

Motivo de lado. — Executar com trancinhas um pequeno motivo de abertos de 3 cms., procedendo-se do mesmo modo que no motivo precedente, isto é, na per-

Motivo de lado. — Executar com trancinhas um pequeno motivo de abertos de 3 cms., procedendo-se do mesmo modo que no motivo precedente, isto é, na per-

3 malhas presas na trancinha que deve rodear o motivo, virar duas trancinhas, um picot, duas trancinhas, tres malhas, duas trancinhas, nm picot, duas tranci-



Store em tela "ajourée", guarnecida de um entremeio e renda em "ponto francez". Pode-se fazer um "brise-bise" com o mesmo entremeio. A renda de baixo parecerá um pouco pesada, podendo, pois, ser substituída por uma franja. A altura do "brise-bise" poderá ser de modo a mediar entre as duas de 0m,15 a 0m,20 cents.

.Nervura.—Começa-se por esta executando-se uma carreira de trancinhas

nhas. Continuar assim para ter uma largura de 5 cm, fazendo-se a ultima carreira de abertos, sem picots, 3 trancinhas, saltar duas malhas, e uma trancinha; isto prompto, rodear com meios pontos o motivo, con-seguindo-se assim a base da flor.



Grande abat-jour em seda flexível, guarnecida de perola.

Para se obter na parte superior do motivo os 2 pequenos triangulos executar 6 meios pontos, depois 5, não se prendendo sinão na parte inferior dos meios pontos da carreira precedente, depois 4 prendendo os da carreira inferior inteiramente; 3 meios pontos presos somente na parte inferior dos da carreira precedente, depois 2 e finalmente 1; rodear o lado esquerdo de meios pontos; repetir o mesmo motivo uma meia brida adiante e tereis assim os 2 triangulos da parte superior da flor; prender 3 meios pontos antes do 1.º motivo do triangulo, 1 trancinha de 9 cm, prendendo-se a ponta dos triangulos que se acabou de executar; 3 meios pontos em seguida ao segundo destes triangulos; recobrir-o de meios pontos e estes de outros meios pontos; dispor 3 malhas, 3 malhas no ar e uma trancinha; cobrir as trancinhas com uma carreira de meios pontos e com uma segunda prendendo-se a parte inferior dos meios pontos da carreira precedente; na parte superior destes novos meios pontos, executar 1 picot formado de 4 malhas, presos nos 2 meios pontos; executar mais duas carreiras de meios pontos, aumentando-os para se obter a forma do desenho; executar ainda 4 carreiras de meios pontos, acrescentando porém 6 abertos e repetir o picot já citado.

Na parte inferior desta flor, acrescentar 5 carreiras de meios pontos, começando-se com 6 e acabando-se com 3.

A moldura se obtém executando-se uma carreira de trancinhas segundo a medida do store, depois volta-se com meios pontos presos em cada trancinha.

Quando todos os motivos estiverem promptos, será preciso cosel-os sobre o desenho com o lado direito

cuidadosamente com pontos de cirzadura; preencher-se-ão os espaços seguindo as indicações do desenho, seja por bridas com picots, ou com pontos de tulle executados com uma linha bem grossa. O ponto de tulle pôde ser variado, tornando assim variada a execução da renda e tornando-se mais rica.

A renda é ornada de uma franja que segue todo o contorno e pôde ser de filet ou de crochet conforme o gosto de cada um.

O cuidado da iluminação em uma casa deve merecer particular atenção por parte das suas donas. A luz tem uma grande importancia; quer-se-á peneirada por veus ou sedas de cores; ora projectada no tecto, espalha-se, diffusa e doce, sobre toda camara; ora contida em uma lanterna festiva, clareia por transparencia; ou então é sob o antigo quebra-luz que projecta sobre o livro ou trabalho todos os seus raios, deixando o resto da sala na penumbra. A fantasia encontra em todos os modos de arranjar uma casa, sempre, uma nova maneira e improvisada de se manifestar.

Segundo uma revista franceza que allude a uma exposição de arte, tem-se visto quebra-luzes cobertos de seda e sobre gumas folhas secas a decoração uma gual, e trabalho ter este resultado. lhas são substituídas por rinhãs que podem uma seda bem clara.

O preto que está pode dar excel combinando-o uma "mouseli" á tinta, a ouro e adorno pequenas

esta applicadas alcas que imprimiam delicadeza sem ealgun poderia obter. Em outros as faldas por algas maseser cobertas por ra.

sempre em moda, lente resultado, com metal; ne", fileitada oleo cor de nada com



perolas da será esten a armação jour". Algumas si to collocadas entre farão sombras chine effeito.

Finalmente as pe diferentes formas dispostas sobre um de seda clara, serão de-se combinall-as que constitue um tra ceção.

mesma cor, dida sobre do "abat-

luuetas de papel preduas "mouselines" zas de maravilloso

rolas de madeira de tamanhos e côres, zimborio guarnecido muito originaes; pocom raffia pintada, o balho de facil execu

Grande abat-jour com renda de crochê franjado sobre seda amarela.

Em geral, nas casas de familia desta cidade, e, provavelmente, em todas as cidades do paiz, não ha o mais comestinho cuidado para a hygiene dos olhos. Quando

uma pessoa monta a sua casa, pede á companhia ou empresa fornecedora de energia electrica, que faça a installação das lampadas. Preparada a illuminação da casa, verificado o bom funcionamento da luz, não se trata de mais nada. Ora, nada mais incommodo do que castigar os olhos ao reverberio de uma ampoula



Lanterna japoneza,

elegantissima

electrica, nua, com for-
velas, a illumiar uma
pessoa passa largas ho-
trabalho. Ao cabo de al-
forço, os olhos hão de
adquirir enfermidades que occasionam a presbytia. E' necessario ter cuidado com a vista... De resto, nada mais desgracioso do que uma casa illuminação, em to-

ca de cem ou mais
secretária onde a
ras de estudo e de
guns annos desse es-
fatigar-se e, por fim,
adquirir enfermidades que occasionam a presbytia. E' necessario ter cuidado com a vista... De resto, nada mais desgracioso do que uma casa illuminação, em to-

dos os seus aposentos, por lampadas nuas, quer de vi-
dro transparente, quer de vidro fosco. Essa illumina-
ção é permitida nos corredores, nas varandas exteri-
res, na sala de visitas e em outros commodos onde não
seja demorada a permanencia dos moradores. A lam-
pada que illumina uma secretária ou um recanto da
sala destinado á leitura, deve estar vestida com um
abat-jour que atteneue a
intensidade da luz. Essa
providencia não é ape-
nas hygienica, mas cons-
titue um adorno onde a
imaginação pode entrar
com o maximo das suas
faculdades creadoras.

Os modelos de abat-
jour que apresentamos
para illustrar estas pagi-
nas são notaveis de ele-
gancia, graça e bom
gosto.

Attentem as leitoras
para a lanterna japone-
za que orna esta pagina
e para o lampadario de
laca vermelha, cuja
cupula é guarnecida de
voile de seda com enfe-
ites de perolas penden-
tes. A luz, dentro desses
quebra-luzes, tem um
brilho mais doce, tem
uma fulguração meiga e
acariciadora e tem a
propriedade de evitar
que a vista se fatigue.

Em geral, as pessoas
que trabalham á noite,
terminada a tarefa, sen-
tem-se os cansaços e esfregam os olhos a miude.
Essas pessoas, as mais
das vezes, não advertem
que o organo que mais
se fatigou foram os ol-
hos. Se, entretanto,
usassem ellas um que-
bra-luz de seda ou mes-
mo de papel, veriam que o cansaço seria menor e que
o trabalho, por isso, se tornaria mais fecundo.

Lampadaria de laca ver-
melha. A cupula guarne-
cida de voile de seda e
perolas.

Cruz Vermelha Brasileira

Realizou-se a 29 do mez proximo passado, no salão do Jardim da Infancia, gentilmente cedido pelo director da Escola Normal, a assembléa geral de eleição da administração desta sociedade. A sra. Presidente, d. Antonia de Souza Queiroz convidou o sr. general Barbeiro para assumir a presidência dos trabalhos; o sr. general convidou os srs. dr. Antonio Mercado, Nelson Teixeira e Luiz Fonseca para formarem a mesa.

Em seguida procedeu-se á eleição, e, feita a apuração, foi declarada eleita, por maioria absoluta, sendo logo empossada, a seguinte Directoria, Conselho Director e Comissões:

DIRECTORIA

- Presidente — D. Antonia F. de Souza Queiroz.
1.ª Vice-Presidente — D. Maria da Cunha Bueno.
2.ª Vice-Presidente — D. Adília Palmeira Mercado.
1.ª Thesouraria — D. Anna Vieira de Carvalho.
2.ª Thesouraria — D. Renata C. da Silva Prado.
1.ª Secretaria — D. Rosina Nogueira Soares.
2.ª Secretaria — D. Lucilla Ribeiro de Souza.

CONSELHO DIRECTOR

General Luiz Barbeiro, D. Eleonora da Silva Vieira Cintra, D. Maria Paes de Barros, D.

Genoveva Rivera Louzada, Dr. Armando Prado, Sr. Luiz Fonseca, Sr. Nelson Teixeira, Sr. Carlos Alberto Gomes Cardim, Dr. Luiz de Toledo Piza, Sr. Nestor Rangel Pestana, Dr. Luiz da Gama Cerqueira, Dr. Oscar Thompson, Dr. José Maria Lisboa, Sr. Mario Gusatini, Sr. Ricardo Figueiredo, Sr. Umberto Serpieri, Sr. Carlos Monteiro Brisola, Sr. Antonio Carlos Fonseca, Sr. João dos Santos, Sr. Pedro Cunha, Sr. Feres Deloquo, Sr. Ge-
lacio Pimenta, Dr. Luiz de Campos Verqueiro, Dr. José Adriano Marrey Junior, Coronel Pedro Dias de Campos, Dr. Alberto da Cunha Horta, Dr. Albalberto Garcia da Luz, Dr. Roberto Moreira, Sr. Pinheiro da Cunha, Dr. Antonio de Assumpção, Sr. Ancona Lopes, Cap. Genérico de Vasconcellos.

COMISSÕES

Commissão de ensino pratico e hygiene
Dr. Mario Pernambuco, Dra. Angela Mesquita, Dra. Celsa Pinho, Dr. Joaquim da Silva Cintra, Dr. Felix Buscetta, Dr. Clemente Ferreira, Dr. Olindo Chiffarelli, Dr. Margarido Filho, Dr. Mario Graccho Pinheiro Lima, Dr. Neno Guerner, Dr. José Cassio Macedo Soares.

Commissão de festas e propaganda

D. Zulmira Pedrosa Rodrigues, D. Olympia Cerquinho Malta, Condessa da Serra Negra, D. Marina Crespi, D. Maria Emene Comenale, D. Zulmira de Queiroz Carvalho, D. Al-

zira Seabra de Camargo, D. Lydia C. Cauti, D. Estella Penteado Prado, D. Jessé Amaral de Souza Queiroz, Viscondessa da Cunha Bueno, D. Antonietta Penteado Prado, D. Judith Salgado, D. Maria das Dóres Sandim Ribeiro, D. Ismenia Cardoso de Almeida, D. Malvina Elias Calat, D. Felicidade Perpetua de Macedo, D. Noemia P. Rubião, D. Altina Jardim, D. Bemvinda Martins de Camargo, D. Carlos Mo-
niz, Sr. Armando Mondego, Coronel Pedro Ernesto de Oliveira, Dr. Eduardo Aguiar de Andrade, D. Elvira Cardoso.

Commissão de finanças

Dr. Antonio Mercado, D. Maria Antonietta Moratti, Sr. Capitão Alfredo dos Santos Diniz.

Commissão de material

Sr. Tenente Jefferson Ferraz, Major Dr. João Pereira Junior, Coronel Kingelhofen, D. Elvira Cardoso, Coronel Soares Neiva.

Commissão de syndicança

D. Amelia Perestrello, Sr. João Castaldi, D. Georgiana Marcondes Buarque.

Commissão de obras

Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Dr. Henrique de Souza Queiroz, Dr. Hypólito Pujol Junior, Dr. Alberto de Oliveira Coutinho.

O Irmãozinho

E' uma recordação de infancia.

Tenho os factos tão presentes na memoria, como se tivessem acontecido hontem. E já lá vão, entretanto, quarenta annos. Eu tinha então seis annos de idade.

Não sabia por que, naquella dia, fui dispensado de ir ao collegio. Isso deixou-me, em parte, muito alegre; mas, em parte, triste, porque havia na familia, no ambiente, em tudo, um presenimento, uma tristeza angustiosa. Minha mãe mostrava-se-me tão carinhosa, que eu sentia vontade de chorar. Ella foi sempre carinhosa, mas, naquella dia, os seus carinhos eram exagerados. Tenho tudo tão presente na memoria, como se fosse hontem. Entretanto, na minha memoria ha uma lacuna. Minha mãe, ha quarenta annos, tinha vinte e dois. Era bella, de uma belleza que fez tradição. Mas eu não posso recordar-me della senão sob o seu ultimo aspecto, isto é, velhinha e magra.

Ella sentou-me ao collo. Olhou-me muito, enleva-

— Já veio? perguntou Genoveva.

— Já está ahí, respondeu minha mãe.

Depois de um silencio, pondo as mãos sobre os rins: — Parece-me que agora é de veras. Fique você um instante com o menino.

Antes de se levantar, quasi me afogou num abraço. Seu rosto ficou mais pallido. Em seus olhos se reflectia uma dôr intensissima.

— Seja bomzinho, meu filho.

— Sim, mamãe.

Vi-a levantar-se. Ape- nas podia andar, vacilante. Ao alcançar a porta, apoiou-se a ella, como se fosse cahir. Prou e ainda o- lhou para mim,



Genoveva procurava tranquilisar-me.

da, como se me visse pela primeira vez. Beijou-me os olhos e a bocca, longamente, abraçando-me com força, quasi a ponto de me magoar. A's vezes chorava. Suas lagrimas eram quentes e eu sentia-lhe, na pelle, o calor escaldante. Aquellas lagrimas exerciam sobre mim um extranho contagio. Chorei tambem. Unidos os rostos, num beijo, elles confundiam-se, misturavam-se.

Atrevi-me a perguntar:

— Que aconteceu, mamãe?

— Nada. Estou um pouco doente. Daqui a pouco estarei boa.

Assim estive com ella a manhã inteira. Por volta do meio dia, observei que o seu rosto se ia descompondo, adquirindo uma expressão que eu não lhe conhecia antes. Suas olheiras se accentuaram em círculos roxos, pizados aqui e alli. Ella devia soffrer muito.

A's vezes abria a bocca, num hausto doloroso. Escondia a sua dor para fazer-me crer que não soffria.

Chamou, numa angustia:

— Genoveva! Genoveva!

Genoveva, como se estivesse á espera, acudiu no mesmo instante, correndo. Era a nossa velha creada. Foi ella que embalou os primeiros somnos de mamãe e tambem os meus, cantando, em voz baixa, as suas velhas modinhas. Era como se fosse uma avósinha a quem todos respeitavamos e a quem queriamos com ardor.

com um olhar longo, que me envolvia amorosamente e em que se espelhava uma angustia suprema. Nunca me hei de esquecer desse momento e, sobretudo, desse olhar.

Genoveva procurou tranquilisar-me, afagando-me e estimulando os meus gostos infantis. Ella comprehendia-me muito, a pobre Genoveva!

Como eu rompesse a chorar, disse-me ella rindo:

— Ah! tontinho! Mamãe não tem nada. Aquillo passa. Quereres que te conte uma historia?

E começou a contar-me uma daquellas historias maravilhosas, onde havia fadas e principes orientaes. Que lindas que eram as suas historias! Eu ouvia-as, mas o meu sobresalto interior continuava vivo.

Genoveva parecia tambem preocupada. A's vezes truncava o fio á narração, pondo o ouvido attento aos rumores que vinham de dentro da casa. Eu tambem, ante esses rumores, tremia, acovardado perante o desconhecido, com a vaga sensação de um medo mysterioso.

Ouvia passos precipitados pelos corredores, vozes

rápidas e abaíadas, pancadas de portas que se fechavam de estalo precipitadamente.

— Que é? aventurei a perguntar, entre soluços reprimidos.

— Nada, filho... Vou contar-te outra história. Ouve.

Mas eu não podia desviar a atenção do rosto pallido de minha mãe, não podia achar uma explicação áquella amorosa despedida...

— Quero ver mamãe.

— Logo...

De repente, percebi, como um clamor que vinha das minhas entranhas e me tomava o coração, aquelle gemido angustioso, soluço de lamentos, de uma vez ferida de morte. Embora longinquo, reconheci a voz de minha mãe.

— Geneveva!

E abracei-me á velha creada, apertando-lhe o pescoço com os braços. Ella acolheu-me, recolheu-me ao regaço, apertando-me muito. Adverti também que ella tremia, embora se esforçasse por aparentar uma serenidade impossível.

Pouco a pouco os gemidos foram cessando. E de novo começaram a resoar passos precipitados pelos corredores, vozes rápidas, abaíadas, mas que me pareceram mais alegres. As portas recommençaram a abrir e a fechar com precipitação e de estalo.

No rosto de Geneveva notei também uma mudança completa. Reflectia anciedade, mas, ao mesmo tempo, uma expressão de jubilo interior, que não se atrevia a exteriorisar-se livremente.

Impaciente, deixou-me só, approximou-se da porta, entreabrindo-a.

Observei que, em voz baixa, falava com outra pessoa. Pela porta entre-aberta saltou um vagido, um choro de creança, um choro crystallino e distante.

E Geneveva, radiante, voltando para junto de mim, gritou, numa explosão de alegria:

— Ah! bobinho!

— Que houve?

— Acabam de trazer-te um irmãozinho!

Angelo Guerra.

Vecchia canzone

(Para Mme. Zilda Mendes de Macedo).



Sondei meu coração êrmo e calado:

Por que tanta tristeza e desconforto?

Elle fitou-me e disse: — O amôr é mórto...

— Já não torna o passado!

Quem espera transpõe, em doce viagem,

O amplo e sereno mar da phantasia.

Agua hyalina e calma...

Que seria esta vida, que seria,

Para quem não tivesse dentro d'alma

A esperanza... a miragem...

Sondei meu coração êrmo e tristonho:

Por que esperas viver? Quem te soccorre?

— Um coração que não espera... morre...

E o passado? — Foi sonho!

Inda ninguem morreu de uma esperanza...

Esperar é beber intensamente

O vinho da chiméra...

E é por isso, talvez, que muita gente

Ri quando soffre e diz que não se cança

De soffrer... porque espera...

MOACYR DE MACEDO CHAGAS

Rio, 25 — 1 — 920.

O LAR MODERNO

Cerâmica — Almofadas e biombo

As ultimas correntes estheticas modificaram o "interior" das casas de bom gosto.

Na cerâmica, cuja industria aqui em São Paulo, dia a dia toma incremento, modelam-se coisas bizarras e elegantissimas. Pelas gravuras que damos ao lado pôde-se constatar o profundo gosto desses moringues e potes.

Quanto às almofadas, que hoje estão muito em moda e que dão uma nota tão distincta aos sofás e aos salões, os modelos ao lado nada deixam a desejar na maravilhosa belleza das suas esplendidas creações.

Usam-se ainda os lindos paraventos bordados, esses graciosos biomboes tão decorativos e senhoriaes. Os biomboes japonezes, já tão em moda, voltam a reconquistar seus logares nos quartos e nas salas discretas e alfombradas. Para as que amam os grandes "panneaux" decorativos, reproduzimos um lindissimo debuxo japonez. Na

tela de um biombo, esse quadro é de um effeito extraordinario.

As leitoras precisam ter muito cuidado no arranjo do seu interior, procurando tornal-o o mais agradável possível. Não raro, a felicidade de um casal depende desse cuidado por parte da esposa. O chefe da familia, ao voltar á tarde para casa, após a sua tarefa

no escriptorio, na loja, na usina, na praça, necessita, a par do carinho da esposa e da paz do ambiente domestico, que esse ambiente, pela graça

com que foi preparado, pela arte com que foram dispostos os ornatos, e pelo asseio rigoroso que preside a tudo, seja tambem agradável á vista e impressione delicadamente a imaginação. Se não houver nada disto, se o asseio fôr suspeito, se as decorações forem de mau gosto; se nada houver que fale de perto á esthesia do marido, este sentir-se-á contrafeito em sua casa, e, sem que

saiba por que, começa a pensar nos aspectos agradaveis que entreviu em outros interiores e a desejar emoções estheticas que não encontra em sua casa. Por mais honesto que seja o homem, por mais pura que seja a sua moral, elle não pôde fugir a essa necessidade, que se lhe impõe com tanto mais força quanto mais adiantado é, intellectual ou espiritualmente.

E' mister, pois, que a esposa ou a filha prepare o seu lar com, carinho, pondo ao serviço delle o maximo de

bom gosto de que disponha, para, assim, tornal-o um ninho de repousante ventura para o marido ou pae. Verdade é que nem todas as moças e senhoras se podem gabar de bom gosto, principalmente em nosso paiz onde se não ministra ás meninas nenhuma noção de arte, e a pouca que, por acaso, se lhes



ministra, é falha. Mas as moças que não tiveram uma educação de arte, e que, por isso, são inha-beis para tratar da ornamentação e decoração dos seus aposentos, do arranjo do seu mobiliário e da escolha dos ornatos, podem preencher facilmente essa lacuna, ouvindo a opinião das pessoas autorizadas sobre esse assumpto, frequentando as exposições de pintura, observando attentamente os mostruários de marcenaria artística, para se familiarisar com os diversos estylos, para, emfim, educar os seus olhos e o seu gosto.

A frequentação das exposições de arte constitue uma verdadeira educação, e, ás vezes, quando a moça é intelligente, só isto lhe basta, não lhe sendo precisa outra aprendizagem.

Mas voltemos á parte moral da questão. A uma senhora medianamente intelligente não lhe é necessaria muita acuidade de espirito nem muito acume de penetração para comprehender que, para tornar a sua casa agradável ao seu marido, não lhe basta cercal-o de meiguices e solitudes carinhosas, é-lhe

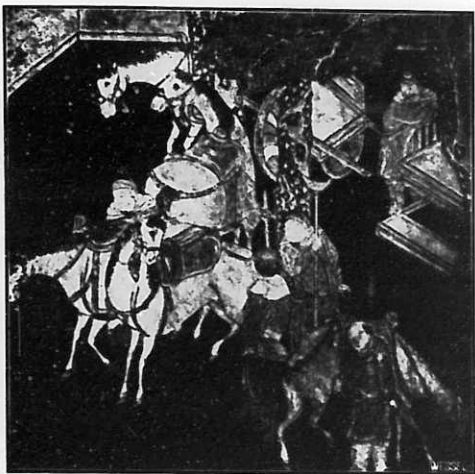
mister, além disso — que já é muito, mas não é tudo — offerecer-lhe um ambiente no qual se sinta bem, não apenas physicamente, mas tam-

bem espiritualmente. Só a arte é que fornece, com o infinito das suas suggestões, esse bem estar espirital, que fóra della em vão se procuraria.

Muitas das leitoras, ao ler estes commentários

que vamos fazendo a proposito do lar moderno, advertirão que a ornamentação dos interiores depende de meios pecuniaros, e que nem todas as senhoras dispõem de recursos bastantes para ornamentar artisticamente o seu lar. E' um puro engano. Quaesquer recursos, mesmo os mais mesquinhos, bastam. O problema depende do gosto exclusivamente.

E tanto é isso verdade, que vemos, a cada passo, interiores ricos, cujos proprietarios possuem rendas colossaes, e que, no emtanto, se caracterisam por um horrendo mau gosto, e que causam repulsão ao primeiro golpe de vista; e, ao contrario, é commum encontrarem-se, mesmo nesta ci-



dade, interiores modestos, que se nos apresentam com um encanto raro. A questão não é, pois, de dinheiro.

Para se obter um biombo, por exemplo, não

são necessários mais que quatro ou cinco sarra-fos lixados e envernizados, unidos nas juncturas por dobradiças de metal. Essa peça de marca-naria não custa mais de dez ou quinze mil réis. Com essa simples armação, quanta coisa bonita não se poderá obter. Nas duas ou tres faces vazias do biombo, pode-se estender, apanhando em pregas, um panno de cassa ou velludo de algodão. Se a senhora tiver alguma noção de pintura, pode, esticada a tela, pintar nella, em aquarella, guache ou oleo, um trecho de paisagem, um lago com um cysne, uma cegonha ou pôr de sol. Todos esses motivos são fáceis de ser executados e encontram-se para elles numerosos modelos.



Se a senhora não souber pintar, e tiver alguma habilidade para o bordado, pôde também, esticada a tela, que será de linho ou de setim, bordar no centro de cada face alguns motivos de bordado, escolhidos dentre os que lhe pareçam de mais effeito.

Isso quanto ao biombo. Para ornar um gabinete, ha também outros objectos, como uma peanha para supportar um vaso com flores, um vaso alto, umas almofadas, objectos enfim cuja aquisição não é dispendiosa. Uma senhora ou uma moça dotada de imaginação pôde, sem dispendir dinheiro, arranjar o seu interior com relativo conforto, dando-lhe encanto e graça.

O que é absolutamente condemnável é o desleixo.

Longe dos olhos

(Ao collega Francisco da Cunha Nogueira).

Longe dos olhos... cada vez mais perto
Do coração. Cada vez mais se aviva
Essa chamma vital que a alma captiva
Enche de sonhos, como um céu aberto...

Longe do meu olhar... longe, de certo,
Não estás, delicada sensitiva!
Mas eu soffro impressão tão afflictiva
Que, em te não vendo, vejo o céu deserto...

Povóas os meus sonhos mais dilectos
De inquietações, de esplendidos desejos...
E eu penso em perpetuar nossos affectos...

Longe dos olhos teus... sonhando, vejo-os.
Aos meus affagos, desmaiar, inquietos.
Num turbilhão de abraços e de beijos!...

EDUARDO CERQUEIRA

Livro Intimo, inédito.

A Jangada

por CLAUDIO DE SOUZA

COELHO NETTO proclama Claudio de Souza o primeiro cineógrafo brasileiro

Ainda no nosso antepesulismo numero tivemos ocasião de nos referir ao grande êxito que obteve a alta comédia O TURBILHÃO, de Claudio de Souza, e já neste numero temos a noticiar um novo e estrondoso êxito daquele escritor com sua nova comédia A JANGADA, levada à scena no Rio, no Triunfo, e que na data em que escrevemos já transpõe meio centenário de representações, pela Companhia Alexandre Azevedo, e vai de vento em popa, dando ênfase sobre ênfase ao elegante theatro carioca, centro da elegância, e de intellectualidade.

E' desnescessario transcrever topicos da critica dos jornais do Rio, pois, já o temos feito em peças anteriores de Claudio de Souza, como ainda n'O TURBILHÃO, em que, desde o Jornal do Commercio que proclamou aquelle escritor como um mestre em sua arte, até as revistas semanais e mensais, toda a imprensa o consagrou como o nosso primeiro cineógrafo, o que ainda affirmam Coelho Netto e Goulart de Andrade, nos artigos cujos principaes topicos, abaixo transcrevemos.

Coelho Netto além de romancista prodigioso e perfeito, de que tem o principado, é um dramaturgo notavel, e seus conceitos, não só pela autoridade litteraria de sua palavra, como por ser o director da Escola Dramatica, do Rio, têm neste caso duplo valor. Goulart de Andrade, engenheiro, prosador, poeta, e autor theatral consagrado, é, como Coelho Netto, um dos quarenta membros da Academia Brasileira de Letras. Dos nomes de grande prestigio, Claudio de Souza, nosso preado collaborador deve estar orgulhoso com os artigos que lhes mereceu seu ultimo triumpho: A JANGADA.

São de Coelho Netto os seguintes conceitos:

"A comédia A JANGADA peça de estrêla da companhia Alexandre Azevedo, no 'Triunfo' tinha, para recommendação, o nome de Claudio de Souza que é hoje, incontestavelmente, o nosso primeiro cineógrafo.

Com a linda comédia 'Flores de sombra' e, seguidamente, com a comédia-farça: 'Eu arrasto tudo!' conquistou elle o posto em que o publico, que é juiz sereno e lento, o mantem, cercando-o de applausos sempre que nelle o vê apparecer com um novo trabalho.

Claudio de Souza possui todas as qualidades do verdadeiro escritor de theatro — a observação aguda que apprehende, à primeira vista, o character, ou digamos melhor: o comico do individuo, a arte de desenvolver essa comicidade, ampliando-a em situações, das quaes saltam episodios, como explodem faíscas de uma fogueira: a linguagem, sempre natural e escripta, sem preciosismo, salpicada, aqui, ali de uma expressão ou de uma construção popular e, principalmente, o dom, que só possuem os privilegiados, de reflectir a vida, tal como se nos apresenta, na variedade multiplos dos aspectos, variando instantaneamente, na mesma situação, do sorriso para a melancolia, como em dia de claro sol, ao leve deslize de uma nuvem, tudo, por instantes, se apenumbra, para reabrir-se em seguida em claridade mais viva.

Claudio de Souza, que viveu na Europa vendendo e estudando com interesse o theatro, aproveitou apenas de tacs lições o processo de

composição, não se servindo do material por entender, e muito bem, que não convinha ao theatro que pretendia realisar. As suas peças correm facies, naturaes, sem esforço algum, o que demonstra o conhecimento technico, nellas que todas as figuras são nossas, são nossos porém, todas as figuras são nossas, são nossos quadros, é nosso o dizer, ferem assumptos nossos, todas as allusões e disso resulta o agrado com que todos se recebem nelle, não só a natureza como figuras e scenas peculiares da nossa vida, ainda simples, apesar da apparencia ou verniz de requinte que elle quem dar.

Claudio conhece tão bem a cidade como o interior e com a mesma segurança com que desenha um estuário ou um patife, desce quem levam a vida sinuosa através de mil expellentes, diâmetros, em traços singellos, mas impressivos, o typo da doçura ou da ingenuidade, do desuso vellinosos, são nossos, que nos encantam as horas enchendo-as de virtudes, ou uma alma de doçozella meiga, tímida, amorosa, como ha tantas ainda, por ventura nossa, no coração da nossa terra.

Esse accordo com que, em Flores de sombra Claudio de Souza funde, de repente, um sorriso em lagrimas commovidas e, por fim, em transição suave, de uma scena raiosa e alegre para um transe sentimental, é delie, como de labele, no dizer de Drouin, era dom a arte inimitavel de aproveitar uma phrase desenvolvendo-a em tres actos de negrura contigua.

Nessa Jangada, por exemplo, ha, além dos typos do primeiro plano, duas pessoas que parecem vir directamente da turba de Moliere: do aquelles velhas de solteira que cochilham, intrigam, boquejam com lingua afiada, e assim como retallam a vida alieia, assim babilham com arte de caudal, inclinando-se diante do vicario, devotas e transudando hypercrista.

Essas duas velhas, que cacarejam durante toda a comédia, são dois fragmentos, e, justamente, porque aquelles symbolos andam por ali à solta, na cidade, como no interior, nas casas como nas ruas, e delles se pôde dizer que o seu verdadeiro nome é Legião.

Claudio de Souza faz o bom theatro, porque o faz brasileiro, não só na fabula como nas figuras, não só nas scenas, como no sentimento e o que nelle nos commove ou faz rir é nosso, da nossa alma — é a nossa bondade ou é o nosso defeito, é a nossa grandeza ou o nosso ridiculo e, para marcar o habitat de quando em quando é uma canção que soa, é uma serenata que passa ou uma dança da nossa gente que se vem requebrar languidamente em scena.

Assim comprehendemos não o theatro nacional, começando pela comédia ingenua para ir, aos poucos, subindo até a analyse das almas complicadas, que, seja dito de passagem, não são communs entre nós e as que por ali apparecem quasi todas trazem etiquetas... de fora e entram no theatro como contrabando. O desempenho que os artistas do Triunfo deram aos papeis d' A Jangada, mereceu os louvores que tiveram e o publico foi justo com Alexandre Azevedo, merecedor e esforço honesto com os mais calorosos applausos.

Destacaremos um nome apenas, o de Inace Maria Almeida, da Escola Dramatica, que collocada entre artistas como Lucila Peres, a grande Apollonia e Judith Rodrigues, Alexandre Azevedo e Ferreira de Souza, fez uma creação muito aproveitada do papel que lhe coube, no qual o seu temperamento revelou-se a vontade e a sua vivacidade intelligente pôde, enfim, manifestar-se e brilhar.

Athletica d'sinceros parabens a Claudio de Souza, um mestre, e a Alexandre Azevedo, que para dispor a realisar no Triunfo o que não se consegue fazer à sombra do governo, pois enquanto elle levanta o theatro nacional, a Prefeitura com o seu leilão o arrebouga de ferro do antigo Apollo com o qual, sem grande despeza, faria um excellente agasalho

para a arte brasileira, que se prepara, nos seus farfaps, para exhibir-se como a Boretheira nas festas do centenário da nossa independencia."

Diz Goulart de Andrade, na primeira pagina d' A Noite, sob o titulo A JANGADA:

"Em certa noite, ao fragor da terra, caída, rola, até as aguas arrepiadas da cauda, uma arvore, subitamente descestrada, e, por isto mesmo, no fastio da vida.

Depois de boiar preguiçosa, atoa, por quanto reboja que a desvie, levando-a de praia em praia, encontra afinal o fio da corrente que a convulsa no labirinto das maréas, para o mysterio azul do mar largo.

Succede, porém, que outra arvore, tombando de alta ribanceira num rincão remoto, chega tambem um dia, unindo-se à primeira: presa e retardada pela estreiteza escachote de uma garganta. Desde então ellas se entrelaçam, e, lindas pelos cipós, abraçadas pelas ramagens, lá seguem o mesmo rumo, riu abaixo, em triste e longa viagem sem destino..."

E' a jangada, que o acaso improvisa com dois troncos para que affronte melhor a fra das ondas, seguras nua ajôia.

Este o symbolo achado por Claudio de Souza, além de nos mostrar dois naufragos de amor que se ligam para resistir aos embates do mundo, até que rotandinho mais forte os desderraga violentamente. E, à semelhança dos dois cascos que descem com as aguas, pode occorrer, como occorre, que um delles encalhe, esfaenando-se em pó numa enseada deserta, enquanto o outro continue a caminho do oceano, passando aqui, parando ali, virando acolá, revolutando sempre, ao azar de novos encontros...

Tal a estrutura da peça com o eminente escritor e os artistas, ora agrupados no Triunfo, realizam o theatro brasileiro, prodigioso e brilhantemente, para alegria de quem ama com sinceridade esta grande patria.

Ahi, o conflito psychologico dos protagonistas é tão bem exposto, tão bem unidas as intrigas dos comparsas, as observações tão justas, que nós, os da minoria intellectual, decejariamos não tivéssemos o autor transigido com o grosso publico, exhibindo aquella desnecessaria parada militar, no intuito talvez de augmentar a parte confiada a um dos bons elementos da companhia, se é que este papel não foi exercitado à ultima hora.

Se a personagem já é de si mais adaptavel ao genero revista, para que lhe accentuar a feição caricata, com prejuizo da obra?

Alfira estas nugas, não vejo em nem autor brasileiro observações mais exactas, mais habilidade no mover os personagens nem mais brilho e naturalidade nos dialogos. As scenas são tão bem entoadas que as situações surgem sem esforço, preparadas pela mão de fôrre.

Quem negará que aquellas figuras de matutos são arrancadas da vida para o palco. As tuções e solerte o capina desfiora-se das zombarias que a gente do littoral lhe infringe. E' a vingança do Jeca-Tati. Tudo lhe pagaremos muito caro.

Ha quem espere, depois da grande scena do 3º acto, que Margarida, o pobre tronco que deu à praia, torne ainda a scena... Para que? Não haveria habilidade de profissional ou tecnico que a traxesse de novo sem dilate o ridiculo.

Elia apenas se assenhoriza da verdade, comprehendendo o termo do seu destino: apacese na mais commoverada das renúncias.

E' a sobrinha quem o diz: "Está tão contente, que até chora!"

Tamanho foi o esforço para occurrir a sua desgraça, que a doiviviana não atinou com a expressão sobrehumana daquella mascara!

Fudesses os responsáveis pelas temporais no Municipal exhibido ao publico peças e artistas com os do Triunfo, que, todavia, nem arruinam o espectador nem canalizam a fortuna brasileira para outras terras."

em no

A Arte do



Ex-Libris



No Brasil, com raras exceções, os artistas não cultivam a bella e difficil arte do "ex-libris".

Paim, Di Cavalcanti, Corrêa Dias, Helios Selinger, continuam ainda a ser os nossos mestres. Os demais pintores pouco se preocupam com esse genero de desenho, que geralmente requer uma phantasia privilegiada, uma erudição profunda e um requintado senso de esthesia.

Entre os grandes mestres "ex-libristas" europeus, porém, está em primeira plana esse bizarro e demoniaco José Sattler.

Emulo do imaginoso artista italiano José Martini, Sattler, que é bavaro, filiou-se á escola dos grandes mestres allemães do sec. XVI.

Os seus desenhos exóticos fazem lembrar Dürero.

Como illustrador, a sua fama internacional é das mais brilhantes entre os mestres gravadores allemães. Seus



José Sattler (Auto-retrato)

ex-libris são unanimemente considerados obras primas no genero.

O mais solido da sua obra está contida nos seus tres albums e nos commentarios graphicos do livro de Henrique Boos. São figuras de exterminio e de barbaros, saques de cidade, pilhagens vandalias, desfi-

les de multidões famintas, coisas macabras, recordando os delirios picturaes de Holbein, Cranach, Rethel, com seus esqueletos que dançam, horriveis, como miseros polichinelos macabros.

Pelas gravuras que reproduzimos, algumas magistrais, como esse esqueleto que, passando sobre o livro, deixa o sulco do seu rasto; essa multidão de famintos, confundidos em massa tumultuaria em festins sinistros, onde nos baixos das mezas cadaveres decapitados apodrecem, esquecidos e immundos; vê-se quão inspirado é Sattler, este inegalavel artista da gravura.

Os seus typos humanos têm sempre, nas mascarar mysteriosas, algo que faz a gente scismar. E' um psychologo profundo do desenho.

As suas iconographias em madeira relembram as gravuras primitivas, onde ao lado de uma admiravel harmonia de conjuncto, ha uma esplendida preocupação de minucias.

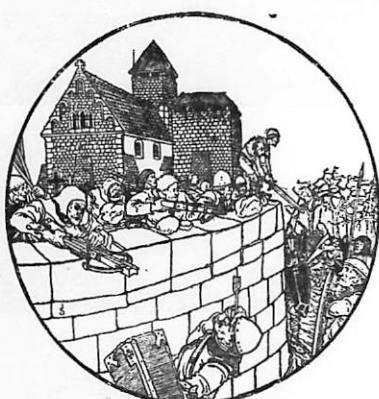
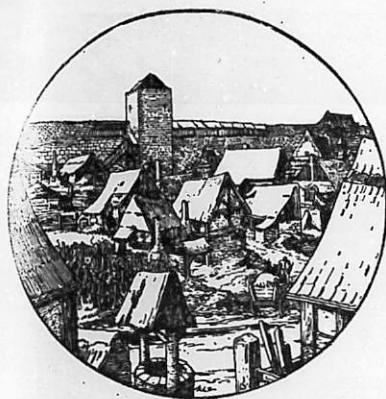
José Sattler foi, ao mesmo tempo que o enigmático creador de phantasias macabras e dantescas, o illustrador satyrico dos poetas da sua

patria. Suas illustrações postas nos quatro volumes da "Historia da cultura das cidades rhénanas", são escriptas de fina "verve", ao passo que representam verdadeiras obras primas de desenho e concepção.

Os artistas allemães, em Holbein, sempre sentiam uma certa tentação pelas coisas funebres; os esqueletos desse artista são universalmente celebres e a sua "Dança da Morte" é uma impressionante e memoravel phantasia macabra, que lhe deu re-



Ex-libris



nome em todo o mundo. A "Traça", de Sattiel, é, cannas. O fauno tem, entretanto, de um symbolismo verdadeiramente admirável. Sómente é comparável a essa formidável "Melancolia" de Dürero e às criações de alguns mestres alemães do sec. XVI.

E' tempo dos nossos artistas tentarem este genero de arte, que está no gosto do seculo e em plena voga.

Entre os nossos poetas, dois apenas conhecemos que têm ex-libris, e são Guilherme de Almeida e Julio Cesar. O ex-libris deste segundo é interessantissimo e original. O poeta, ao adoptal-o, tentou, com exito, resumir as suas attitudes no mundo, que é de um pantheista como poeta e de um christão como homem. O seu ex-libris representa um corredor de claustro onde se vêm

columnas e janellas ogivais. Um fauno, vestido gravemente de uma cogula de frade, traz na mão direita um missal e na esquerda a frauta de duas

chavelhos e tonsura.

E' na verdade, originalissimo. O fauno é o poeta e o frade é o homem. Essas duas entidades completam-se.

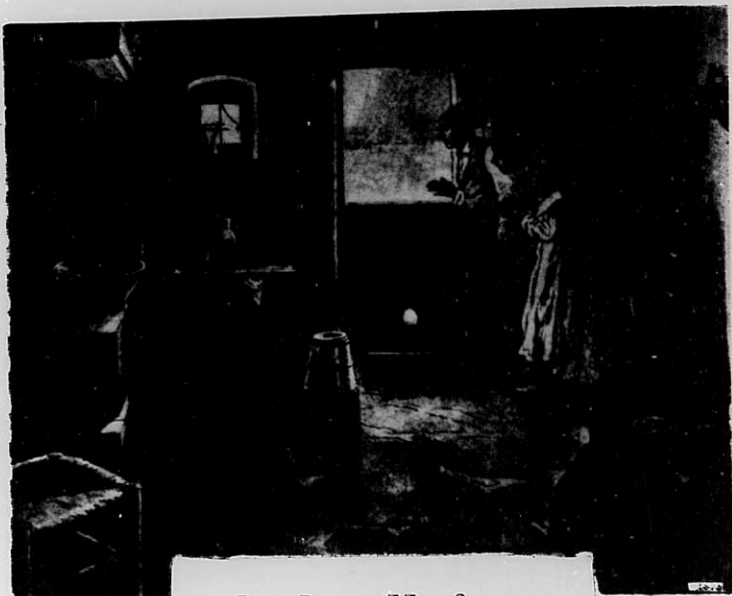
Esse ex-libris é tanto mais interessante, quanto é verdade que elle poderia, com razão, ser adoptado por todos os poetas, que, como se sabe, nunca são sinceros no mundo senão na sua arte.

O poeta tem uma moral para o publico, para a sociedade e para a familia, e tem outra para si, para a sua intimidade e para a sua arte. De accordo com a primeira toma uma attitude que não condiz bem com a segunda. Elle tem, pois, duas entidades, que, apesar de contrarias e oppostas, não se repellem e até se harmonisam. Como homem, elle não consente que se profane a Egreja, e como poeta elle clama aos barbaros que não incendiem o templo de Diana...



harmonisam. Como homem, elle não consente que se profane a Egreja, e como poeta elle clama aos barbaros que não incendiem o templo de Diana...





A Avelleira

João Asturiano era um humilde lavrador. Vivia numa pequena aldeia perdida entre montanhas. Todas aquellas terras, em derredor, eram pobres, terras pedregueiras onde a semente morria á mingua de humus. Sem embargo, as chuvas eram constantes por aquelles lados, ás vezes aguaceiros terríveis, e porisso talvez o excesso de humidade compromettia as plantações.

A lavoura de João Asturiano era tão pequena, que elle, em menos de dez minutos, dava uma volta descascada em torno das suas terras. Apesar de pequena, do ser tratada com carinhos maternaes, revolvida, estrumada, a terra pouco dava.

Tinha elle, porém, em sua humilima herdade uma avelleira, uma avelleira magnifica, celebre em todos aquelles arredores pela frondosidade dos seus galhos e pelas suas abundantes colheitas. Era uma immensa, uma formosa arvore centenaria, muito alta e cujo tronco não podia ser abarcado por quatro homens. Com a sua altura, com sua enorme fronde ramalhuda, parecia um colosso entre aquellas arvores rachiticas e aquella vegetação rasteira que lhe ficava ao pé.

João, como é de ver, tinha um grande orgulho da sua avelleira; não o tinha menor a sua mulher, Anna Thezeza, uma camponesa alta, robusta, ossuda, que avançava o seu marido em todas as fainas da lavoura, avançando-se-lhe até em actividade e força.

Aquella herdade valia pouca cousa, quasi nada. Uma geira de terra marinha, sem aguas regadias, endurecida de pedronços, que podia valer? O seu unico valor consistia naquella velha avelleira, sombria e maternal, que supria, todos os annos, a escassez dos seus donos com sua pingue colheita de lindas e gordas avellãs, preferidas por todos os negociantes da cidade.

A arvore tinha, além disso, a sua historia. Dizia-se que, muitos annos antes, quando ainda funcionavam os tribunales da Inquisição, certo clérigo, accusado do

crime de bruxarias, para fugir aos seus perseguidores, ahi encontrou salvação, occultando-se nas ramas da arvore. Do alto, onde se escondera, vendo que já tinham passado os soldados, desceu e mudou-se para outro paiz, tendo tambem o cuidado de mudar o nome. Esta lenda corria de bocca em bocca, o que augmentava o prestigio e a veneração que as gentes da aldeia sentiam pela avelleira gigantesca.

Um vizinho de João, de nome Jacob, camponio rude e invejoso, a quem aborreciam o bem-estar e a delativa felicidade do seu compadre e amigo, procurava a cada instante azedas e irritantes questões a proposito da arvore, sob pretexto de que a sombra projectada por ella nos limites divisorios das suas terras, lhe vinha causando, desde muito, os mais serios prejuizos ás plantações. Não havia nada mais injusto do que isso, porque a verdade é que a parte melhor das terras de Jacob era exactamente aquella que ficava sob a sombra benfazeja do colosso.

A injustiça doia a João, que, sem embargo disso, se calava, porque era um homem de indole boa e não gostava de questões. Um dia, o tal Jacob, que era violento, discutindo com elle, disse-lhe:

— Se não cortas esta arvore, que tanto me prejudica, hei de pedir ao diabo que mande um raio que a derrube.

João, apesar de supersticioso, encolheu os hombros e guardou silencio. No fundo, porém, incommodava-o aquelle odio reconcentrado e feroz de seu vizinho, de quem temia qualquer brutalidade.

Transcorreu o tempo. Numa tarde de outono, que se annunciara tempestuosa pelos ventos quentes que sopravam do sul, João Asturiano e sua mulher estavam encerrados em casa, olhando com inquietação o horizonte e ouvindo, através das janellas fechadas o barulho torrencial da chuva. De repente, um relampago illuminou a arvore,

produzindo um estalo secco e rapido, que fez tremer pelos alicerces os muros da casa.

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamou, muito pallida e tomada de uma angustia subita, Anna Thereza. — Acho que o raio apanhou a avelleira.

— Cala-te, mulher, — falou João, tão angustiado como ella.

— Meu Deus, que desgraça!

— Quando passar a tempestade iremos ver.

Logo que a chuva amainou e houve uma estiada, marido e mulher desceram á horta, detendo-se, cheios de horror, ante o destroço causado pela tempestade. O gigante, com os enormes galhos despegados, jazia meio inclinado, com uma larga brecha aberta no tronco, que o fendia em toda a sua extensão. Algumas raízes haviam removido e levantado a terra, mostrando-a a descoberto com sua cor amarella.

— Meu Deus! Meu Deus! que desgraça!

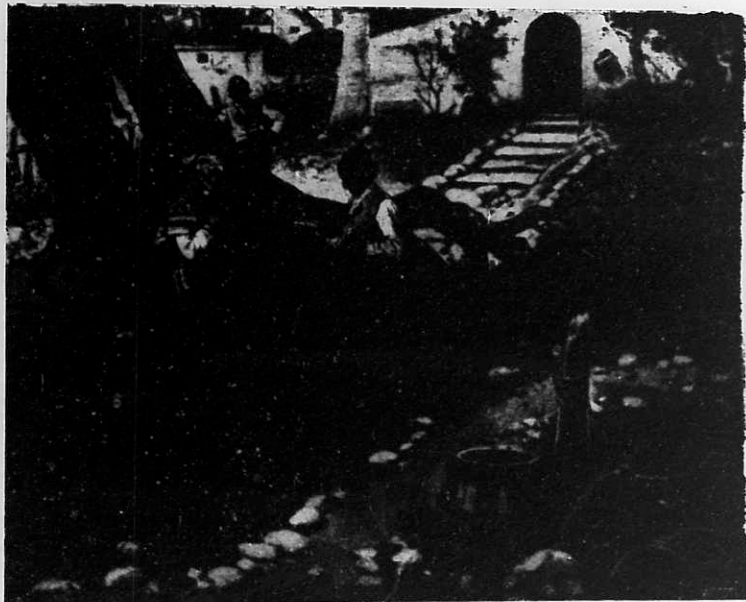
De subito lançou um grito de surpresa e agachou-se a procurar um objecto que appareceu entre as raízes da arvore.

— Vem cá, João! Vem até cá, exclamou com emoção.

O objecto que apparecia ante os seus olhos attonitos era uma pequena caixa de ferro, inteiramente enferrujada pelo longo contacto com a terra humida. João, com as mãos febris, arrancou, ou melhor, quebrou a tampa, e ante os seus olhos pasmos reluziam, á luz do poente que incendiava o horizonte, diversas moedas de ouro, cujo som inconfundivel fez palpar com força o coração dos camponios.

— Ah! fez João Asturiano, arregalando os olhos.

No fundo da caixa encontraram um papel amarellado e humido, onde estava escripto o seguinte:



— Meu Deus! Meu Deus, que desgraça! — repetia Anna Thereza, levantando os braços para o ceu.

Seu marido completava a catastrophe, immovel. A surpresa do horrendo desastre enmudecia-o.

Jacob, o seu vizinho, appareceu do outro lado. Vinha risinho.

— Isto é coisa perdida. Já não dava mais colheita, disse, procurando dissimular o sorriso perverso que trazia nos labios.

João olhou o invejoso, adivinhando o jubilo cruel que naquelle instante experimentava.

— Foi satisfeito o seu desejo, murmurou com uma indizível amargura.

E receoso de que, arrebatado pela colera, tivesse um gesto de insulto e fosse obrigado a agredir o inimigo implacavel, voltou-lhe as costas e acercou-se da sua mulher.

Anna Thereza, desolada junto do tronco abatido, vertia lagrimas abundantes, repetindo sem cessar:

“Ameaçado por injusta condemnação á morte, e tendo-me evadido da prisão, achei refugio e salvação nesta arvore e na hospitalidade que seu dono me prestou durante nove dias, acolhendo-me e occultando-me em seu lar. Estas moedas de ouro, que são toda a minha fortuna, pertencem a Pedro Asturiano ou a qualquer dos seus descendentes que as descobrirem, caso a Providencia não me permita voltar para as levar de novo commigo. Escripto a 23 de Fevereiro de 1796. O clérigo Montes.”

— Abençoados os meus antepassados! exclamou João com emoção religiosa.

E accrescentou, olhando de frente o vizinho:

— Já vês, Jacob, que a avelleira ainda me tinha reservada a melhor colheita.

Deus assim o quiz, respondeu Anna Thereza, elevando para o céu o seu olhar agradecido.

Delgado Rey.

A morte do Jatobazeiro



O verde arbusto de folhagem rala e tronco fino nascera ao pé da colina e lentamente se tornara a mais bella e mais robusta arvore daquelles sitios.

Enterrando, fundo, muito fundo, no âmago da terra, as grossas raízes em busca de seiva e frescura que lhe offertavam as aguas mansas de um rio que lhe serpava aos pés, — o velho jatobazeiro, que o tempo transformára de tenro arbusto na mais viçosa arvore daquelles sitios, sacudia alto, muito alto, para além da colina, a verde copa mûrma, dominando outras arvores vizinhas, alcançando, quasi, o céu, e mirando a cidade branca e silenciosa que se espraia, ao longe, como um grande rebanho de ovelhas adormecidas... E pertinho, aos seus pés, passava, correndo, o rio, cantando cantigas leves e risosas, cheias de sol e amor, e dizendo-lhe com a sua meiga voz de crystal: és bella, ó arvore! Das arvores, a mais bella!

E pertinho, no cimo da colina, um exercito verde de bananeiras, que a mão do homem alli plantára, curvava-se o dia todo, em vis measuras aduladoras, mandando-lhe pela voz do vento a litania habitual: és forte, ó arvore! A mais possante de todas!

□ □

Havia muito tempo já, que o jatobazeiro vivia orgulhoso e triumphante, cheio de força e belleza, abrindo no espaço azul os mil braços de gigante, onde se agasalhavam ninhos de passaros palmeiros. E na primavera, uma trepadeira debil emergia dentre as grossas raízes da arvore, e cariciosa e meiga, enroscava-se-lhe ao tronco mosqueado, enfeitando de linda guirlanda de um verde muito claro, salpicado de flores, — pequenas campainhas de um transparente azul.

□ □

E o grande jatobazeiro amava a terra fecunda em que nascera e se tornara, pouco e pouco, arvore enorme. E o grande jatobazeiro amava apaixonadamente o céu azul que, de dia, lhe dava a caricia meiga de um sol de ouro, e, á noite, o inundava com a prata liquida do luar, os, ainda, lhe cingia a fronte alva da rutia aureola das estrelas.

E amava, ainda, as brancas chuvas rejuvenescedoras, as auras buliosas que lhe desmanchavam rindo a verde cabellera, e as cigarras cantadeiras que o buscavam no verde, para, de muito alto, dos seus ramos mais finos, soltarem no espaço a vibrante fanfarra do canto triumphal. E o céu azul, as brancas chuvas, o sol de ouro, o luar de prata, as fulgidas estrelas amavam a arvore protectora que abrigava em seus braços fortes ninhos mil de passaros e escondia entre as raízes insectos doirados como estrelas e leves como frócos; e era, ainda, a salvação e o refugio dos animaes pequenos que habitavam a orla da matta e que o homem perseguia; e era, ainda, a vida das plantas frageis que só poderiam crescer e vicejar á sua larga sombra.

□ □

E por isso o jatobazeiro cantava, cantava glorioso e ufano, pela garganta das aves, pelo suspirar do zephíro, pelo estridulac das cigarras; mas tambem quando, batido pelo vendaval violento, gritava colérico e raivoso, sacudindo num impeto irrefreavel a versada galbaria, assustando aves e insectos, emmudecendo a meiga voz do rio manso e fazendo o exercito verde das bananeiras rastejar pe'lo chão, tranzidas de medo...

E o jatobazeiro, triumphal de mil braços poderosos erguidos para os infinitos céos, era a arvore mais bella e mais robusta daquelles sitios.

□ □

Um dia, era julho, e começava a velhice da terra e a secca pincelar de amarello a extremidade dos ramos e estendia sobre os campos um lençol jaldé. O jatobazeiro, immovel e melancolico, pensava, pensava na mysteriosa vida da terra mysteriosa que annualmente parece aniquilada, morta, e no entanto revive gloriosa e bella, annualmente... E nesse dia, em julho, um homem, um lenhador passou por alli com um machado ao hombro e uma cantiga brejeira nos labios... Passou... e, á sua passagem, fran-

zinas arvores estremeciam convulsivamente, mordidas pelo ferro do machado e cahiam por terra, gemendo, no esterior da agonia.

E o homem viu a arvore majestosa e bella, a mais formosa e mais virente daquelles sitios; viu-a e, cubitoso, mediu-lhe, com o olhar, a espessura do tronco enorme, e com um sorriso mau brincando-lhe nos labios, ergueu nas duas mãos unidas a arma assassina, e descarregando-a rapida e violentamente sobre a arvore, feriu-a com uma dentada cruel.

O jatobazeiro estremeceu levemente, tomado de horror...

Nunca! ali nunca! o seu corpo fóra tocado pelas mãos sacrilegas do homem e seria em vão aquelle attentado! A sua carne era ferro, mais forte, mais dura, mais resistente que o gume do machado!

E o homem ergue de novo os braços... rebrilha o ferro ao sol, e o machado estruge sobre o tronco... A arvore ferida de novo retreme, dolorosamente, cobrindo o homem de um punhado de folhas seccas. E os passarinhos, espavoridos, num remigio tonto, fugiram para a amplidão bonançosa dos céos, e depois, confiantes, em revoada, buscaram a quente pellicia dos ninhos.

O homem lançou por terra a arma destruidora e poz-se a pensar... Um dia, todo um longo dia de trabalho e canceira não lhe bastaria para vencer o gigante verde; e a idea assassina e vil germinou-lhe no cerebro. Tomou de novo o machado e, a golpes vigorosos e repetidos, foi lascando a casca da arvore, rasgando-lhe no tronco rugoso, larga cinta profunda e mortal... E o homem cantava alegres canções, emquanto o machado, movido por mãos fortes e experimentadas, gritava, rangia, reclinava, rememorando a epiderme da arvore, escorchando-a, e o cerne vermelho apparecia — carne viva gotejando sangue...

E o jatobazeiro soluçava, tremendo, tremendo... Gigante poderoso de mil braços hercúleos e desmesurada altura, que zombava, por igual, da furia impetuosa dos vendavaes e do ataque imprevisito dos coriscos fulminantes... mas ao qual o homem, pequeno e fraco, vencera, vestindo-lhe a dolorosa tunica de Nesso, que lhe devorara a carne e consumira a vida, lentamente...

□ □

Veiu agosto e veiu setembro.

A terra enlanguescia, depauperada pela secca. E o jatobazeiro, muito cedo, sentiu amarellecem-lhe as folhas que, mais cedo ainda, juncaram o sólo de um farfallante tapete. O sol ardente queimava a terra e um vento rijo e brutal varria os ares e desmanchava em farrapos a arrogante tunica do jatobazeiro. Fugiram as aves para o recondito das mattas e a trepadeira ali morreu abraçada ao tronco amigo; mas as cigarras ficaram nos galhos nus, gritando, gritando... E o jatobazeiro, dessa vez, sentiu cruéis, duridamente cruéis as chicotadas de fogo, com que o sol lhe zurzia o tronco ferido, e suas raízes, debalde sugavam a seiva vivificadora que circulava, lenta e lenta, em seu corpo enfraquecido, onde o machado do lenhador abria horrivel chaga que crescia e se aprofundava, alastrando como incuravel lepra...

□ □

E sobre a desolação da terra adusta se desdobrava, serenamente azul, o pallio luminoso do céu.

□ □

Chegou finalmente o bello tempo das aguas e, de um dia para outro, como ao toque de varinha magica, um grande beijo humido da chuva transformou o deserto da terra exsicada num esplendente oasis.

Verde e fresca relva, do verde esmeralda, tanto tempo esquecido, alcatifou a terra e a esperança pontilhou de verde as pontas dos ramos.

Mattas e campos, montes e vales, cantaram delirantes o hymno triumphal da primavera na orchestração maravilhosa do verde. E a varinha magica da chuva bondosa roçou o jatobazeiro desolado, pincelando de verde claro os ramos mais altos, e um mez depois, em pleno inverno, vestiu-lhe a roscante clamyde de setim verde, — talvez de um verde mais pallido e menos brilhante que o dos outros annos. E os passarinhos ingratos voltaram, aos

bandos, trinando de alegria, para os galhos maternos abertos no espaço e a trepadeirainha resurgiu e devagarinho começou a subir... a subir... cingindo num grande amplexo amoroso a chaga aberta no largo tronco.

O rio, engrossado pela chuva, passava alegre, apressado, saltitante, cantando uma canção luminosa e festiva como a primavera e o verde exercido das bananeiras do cimo da colina, roçava a frente pelo chão na litanias habitual de lisonja. E no entanto o jatobazeiro sofria, sofria amargamente, quando o vento brejeiro passava os dedos vivazes pela harpa de cem cordas dos seus ramos que mal desferiam sentidíssimas nenas, soluçando em surdina...

E o jatobazeiro sofria, sofria pungentemente aos afagos do rio, às lisonjas das bananeiras, e seu grande coração exulcerado chorava de saudades... saudades doridas dos esplendores da terra moça e formosa, do longínquo céu sereno, da alleluia dos passaros, da fanfarra vibrante das cigarras amigas; maguadas saudades da vida...

— Quanto tempo, ainda, traria? Por quanto tempo veria ainda a exuberância da terra?

Ah! Era forte, muito forte, a arvore mais bella e mais vigorosa daquellas paragens, mas o homem ingrato e máo, vestira-lhe a mortal e indestrutível túnica de Nesso.

□ □

O tempo passára célere e pela terra os mesmos espectáculos alegres e tristes se renovavam. E ainda uma vez passou julho e veio agosto.

A secca reencetára a rude tarefa de ceifar a beleza e enterrar a vida, e o jatobazeiro muito cedo despia a pallida roupagem, pobre de chlorophylla, e seus galhos finos, fustigados pelo vento, a pouco e pouco se quebraram, enquanto a grande chaga aberta pela dentada venenosa do machado, crescia... crescia...

O sol era aborrazador, o ar parado e os dias se escoavam lentos e tristes; mas a cinta do jatobazeiro se alargava, profunda e cinzenta, tomando-lhe todo o largo tronco, attingindo já os ramos principaes, descendo quasi até às raízes... E na ardência corrosante dos dias de agosto, o tronco do jatobazeiro se afinava e a casca apodrecida cahia aos pedaços, desfazendo-se em pó... Os passarinhos fugiram de novo e a trepadeirainha azul morreu, para resurgir sem o apoio amoroso da velha arvore. Agosto esvaíu-se em fumaça e calor e no silencio da terra desolada só se ouvia o metallic estridido das cigarras, filhas do sol...

Veiu setembro. O jatobazeiro perdera os ramos mais finos, reduzidos pelo vento, e o seu corpo tão vasto e tão possante, ficou reduzido a cinco galhos principaes, semelhante ao colmo de milho contorcendo-se no espaço num doloroso gesto de suprema supplica...

□ □

As bananeiras já não lhe rastavam aos pés, mas o rio — caridade e docura — amiegava a voz entristecida, cochichando, de mansinho, suas jovias cantigas...

E no crepusculo sombrio, urubús sinistros, cór do luto, cór da morte, vinham de muito longe, poisar merencoreos nos galhos hirtos do jatobazeiro, que tremia de horror e de medo.

— Quando? Quando viria a morte?

□ □

Setembro arrastava os seus ultimos dias flammejantes e pesados de calor e tristeza e o jatobazeiro despedia-se da vida. O vento arrebatára-lhe tres dos ramos principaes e do largo tronco, roído pela lepra, subiam dois galhos seccos, braços de louco, retorcidos de dor... E a lepra crescia e se aprofundava e a velha arvore

mal resistia ás rajadas do vento, oscillando, oscillando, sacudindo no espaço cinzento os braços crispados na agonia final...

Um dia... um dia qualquer, seu corpo tombaria por terra. E o jatobazeiro soluçava de desespero e odio contra o homem vil e ingrato que, em paga da protecção e da belleza do seu corpo cheio de força e de graça, lhe trouxera o soffrimento e a morte...

E o cupim, perverso como o homem, ouvia-lhe as queixas, insensível, e fabricava sobre o tronco a sua morada, envolvendo em longas espiraes vermelhas, semelhante longa e estranha serpente adormecida.

□ □

Era a ultima tarde de setembro.

Fazia calor asphyxiante e o sol sumira-se no horizonte, cingindo o céu de largas faixas de brilhante purpura e deixando a terra immersa na claridade livida que precede as grandes tempestades.

O jatobazeiro vivia os ultimos instantes e num longo olhar doloroso despedia-se da natureza, presa ainda de cataleptico sono ao qual seu glorioso e resplandecente para as nupcias da primavera.

Não tardaria muito que a chuva visitasse a terra e com ella viria a vida, a força, a belleza, mas a vida, a força, a belleza, nunca mais voltariam ao seu corpo exanime.

— Porque não viria o homem contemplar a sua obra? pensou com amargura.

..... e o homem veio... veio assoando alegre canção.

Os prenuncios da tempestade surpreenderam-no em plena matta quando exercia o seu officio desumano de lenhador e voltára bem depressa, receioso da chuva e da ventania. Mas, na volta, lembrou-se do jatobazeiro magestoso que, a dois passos da estrada, havia mais de anno, ferira de morte...

— Deve estar secco, pensou, satisfeito... — Não perco o meu tempo... com duas machadadas derribo-o e tenho uma boa provisão de lenha...

E o homem ingrato veio apressado com receio de ser apanhado pela chuva.

Escurecia. O céu tornava-se de negra ardósia... O ar era pesado e turvo como uma consciencia criminosa e na sinistra calmaria do ambiente não se escutava o mais leve rumor... um ruflar de asas, um oscillar de ramos, o debil pio de um passarinho inquieto... um chio de insecto...

A terra esxiçada, requemada por um sol de fogo, esvaíu-se na tristeza, na penumbra, no mortal silencio das camaras mortuarias. E o homem ingrato veio apressado e seus olhos se dilataram de prazer ao contemplar a arvore...

Quem nella reconheceria o gigante verde de tronco erecto e mosqueado, sustentando a viride copa ondulante? Quem nella reconheceria a arvore anossa e magnifica, a mais robusta e mais formosa daquelles sitios? E o homem contemplou-a um instante com olhos cubicosos; e depois, erguendo nos braços fortes o machado destruidor, cravou-o no coração da arvore moribunda. O golpe reboou soturno pela terra toda e a tempestade, que estava prestes a rebentar, estalou furiosa, como monstroza fera que, tendo quebrado os grilhões que a prendiam, houvesse, enfim, num terrivel salto, aprisionado nas garras e nos dentes afiados pela fome a ambicionada presa. E o vento ululava gembendo e ameaçador, açoitando, uivando, impetuoso; e enlaçando nos seus braços invisíveis o tronco do jatobazeiro, saucudiu-o violentamente, atirando-o por terra, sobre o corpo do homem assassino, ferido tambem de morte...

E o vento uivava um grande grito de dór victoriosa, e as arvores ramalhavam, frenéticas, mas a noite — pobre louca — envolvia indifferentemente no negro manto da vizez e do silencio, — o assassino e a victima, o homem e a arvore, — enfim vingada!

Goyaz.

Marilda Palina.

UM FINO PRESENTE PARA SENHORAS

Vende-se, nesta redacção, por 25\$000, a collecção da "Revista Feminina", relativa ao anno de 1919.

E' um lindo e grosso volume, encadernado em percaline a cores, constituindo o mais util e precioso presente que se possa dar a uma senhora ou a uma moça.

As leitoras da nossa revista, que têm a sua collecção desfalçada, devem adquirir a nossa collecção encadernada.

ARTE CULINARIA

Acha-se exposta á venda, nesta redacção, a terceira edição do "Adaluis", que é o melhor e o mais precioso livro para uso das donas de casa.

Todas as suas receitas são experimentadas e todas ellas são de facil execução.

Preço, 25\$000.

Enviam pois o seu endereço e a quantia de dois mil réis em sellos, e receberão pelo correio o precioso e utilissimo livro.

Representação tragica

por

SARAH BERNHARDT

Um dia recebi uma carta nestes termos:

"Senhora. — Somos seis condemnados á morte. Nosso unico desejo é vê-vois e ouvir-vois. Tende piedade dos que vão morrer; consenti e nosso governador vos fará o pedido official."

Eu respondi espontaneamente: sim.

O pedido foi feito; eu accitei.

Visitei quasi todas as prisões da Europa. Tive arrepios de horror deante dos cubiculos de S. Pedro

flanela branca e listas negras. Ouço o hymno nacional e agradeço. Saúdo o maestro da orchestra, o qual avança e beija-me as mãos reverentemente. E' um francez.

E, como eu me admiro de vêr um francez nessa prisão, elle me diz com o ar mais natural e galante deste mundo:

— Não se espante, senhora. Nós os francezes formamos uma pequena colonia, nesta penitenciaria. Estes senhores de pijama, que a senhora vê, são todos prisioneiros. Aquella é a orchestra da prisão.



e S. Paulo em S. Petersburgo, debruçados sobre o Neva. Vi as tremendas prisões de Hespanha, antros infectos. Visitei todos os carceres de França, celebres pelo distico gravado nos portaes: "Liberdade, igualdade, fraternidade." Faltava-me, porém vêr a prisão de San-Quentin, na California.

Esta prisão encantadora está edificada na península. O caminho que lá nos conduz costeia os fiords da bahia de S. Francisco. Fil-o em auto, sempre maravilhada, até San-Quentin.

Um grande parque cerca esta prisão, cujas janelas parecem grandes ogivas de cathedral, gradeadas, é verdade, mas com grades elegantes e finas.

Em redor estatuas, flôres, muitas flôres, apesar de estarmos em Fevereiro. Quando o auto chegou, ouvi a "Marselhesa". Levanto-me, no auto, e, num kioske Luiz XV, vejo uns musicos em pijamas de

Saudo-os um pouco contrafeita e depois pergunto, discretamente, qual o crime do mestre da orchestra.

— Oh! não é lá um grande criminoso, disse-me em inglez o governador da prisão.—Não é um assassino. Consegui surrupiar uns cem mil dollars. E' um estellionatario.

— Isso consola-me um pouco: não é um assassino. O auto continúa a rodar na alea e adiante vejo um pavilhão; ah! moram o governador e sua familia.

E' no quarto da mulher do governador que eu me visto. E, enquanto faço minha *toilette* para a scena, ella me fala com carinho e emoção dos seus prisioneiros. Fui para a prisão, onde ha um pequeno theatro bem arranjadinho. Nós haviamos enviado para alli nosso scenario: "Uma noite de Natal sob o Terror". Faltava luz electrica mas o sól scintillava em todo o seu esplendor.

O golpe de vista era esplendido; o recinto estava apinhado de bancos e, sobre os bancos, dois mil e tantos prisioneiros! Os guardas misturavam-se com elles. Num canto, reunidos num grupo, os seis condemnados á morte, vigiados pelos guardas. Dois delles m'os indicaram como devendo ser executados d'ahi a dois dias: um grego e um americano.

O grego tentára suicidar-se nessa manhã mesmo. Sua cabeça pallida estava faixada e no linho, uma mancha escarlate de sangue se via. Um das trinta mulheres prisioneiras tambem estavam na platéa. Uma dellas era bellissima e elegante, loura, moça, de aspecto amavel. Tinha simplesmente cortado o pescoço da sobrinha, para apossar-se-lhe da herança...

Quando cheguei fui recebida em "hurrahs! e pela "Marselhesa". Quando estava para subir ao palco, um joven encarcerado pára-me, dirige para mim a objectiva da sua machina photographica, e tira um instantaneo. Esse homem devia ter uns 25 a 28 annos. Era de uma belleza rara.

— Que crime commetteu elle? — perguntei.

— E' um condemnado á morte, responderam-me.

— Assassinou um amigo intimo, para roubar-lhe os 20.000 francos que lhe perdiera ao poker.

— Olhai, — disse-ram-me, apontando-me um moço elegante, que passava — esse rapaz foi condemnado á morte ha sete annos. Garanto que vae demostrar ainda a execução, graças ás ardislidades da lei. Mas acabam sempre sendo enforcados...

— Eu não serei enforcado — disse o moço approximando-se. Ou salvo-me ou me matto.

O governador deu de hombros sem responder.

— Que fez elle? — indaguei.

— E' um terrivel bandido! Degolou, á traição, dois socios no Kbondyke, para roubar-lhes o ouro que haviam achado. E' riquissimo, mas não escapará á sentença e ao castigo.

O espectáculo começou. Confesso, porém, que estava perturbada perante esse bazar publico de 2.000 falsarios, assassinos, bandidos...

Perto da orchestra, as mulheres. A joven loura, de ar amavel, estava ao lado de uma morena, que tinha a cabeça coberta por um véu. Esta havia esartejado o marido e despachado, na American Express, os varios pedaços.

Separada das mulheres brancas — que nem mesmo na prisão toleram as negras — uma gorda preta ria ruidosamente ás graças do sargento La Balfre, o comico da peça. Vi-a, porém, commocionadissima, quando o condé Kersant toma nos braços seu filhinho doente. Grandes lagrimas rolaram-lhe pela face.

Perguntei qual era o crime daquella mulher.

Havia sido condemnada ás galés perpetuas por haver assassinado seu marido, seu filho, duas filhas e mais a ama. Havia-os assassinado com uma selvageria sem precedentes nos annos do crime. Mas, nos Estados Unidos, não se condemnna á morte as mulheres, o que me parece mais logico que na França, pois se se lhes nega igualdade de direitos e responsabilidades, não se lhes póde logicamente applicar iguaes castigos.

Após a representação foi-me lido um discurso em inglez e em francez, por um presidiario barbeado de fresco e de botinas de verniz. Tinha no bolsinho do pyjama, um pequeno lenço de seda malva. O discurso era commovedor e bem feito. Seu autor era Ruel, prisioneiro de San-Quentin, por haver roubado ao Estado cinco milhões de dollars, isto é, vinte e

cinco milhões de francos. Creio que Ruel vae ser agraciado ao terminar o prazo da sua condemnação. Prepararam-lhe em S. Francisco um banquete collossal, no qual todas as autoridades tomarão parte. Espera-se que volte novamente á administração do Estado, cujos negocios já mais foram prosperos como durante sua gestão, apesar do roubo formidavel.

Como fosse meu filho Mauricio Bernhard um dos autores da peça que representei, havia no discurso do sr. Ruel este topico:

— "Vosso filho é vosso orgulho. Senhora... Nós tambem fomos o orgulho das nossas mães..."

E os dois mil prisioneiros applaudiram!

A prisão é um palacio. Visitei-a toda. Magnifico refeitório, deliciosas pequenas cellulas, salas de banho, piscinas, duchas quentes e frias, agua doce, agua de mar, tennis, base-ball, bibliotheca. Não exaggero nada. Na magnifica cosinha reparei que o cosinheiro procurava tirar os nervos dos bifes.

— E' o almoço dos condemnados á morte, — disse-me baixinho o cosinheiro.

O prisioneiro que me servia de cicerone, era um polaco louro e herculeo. Chegados á sala das execuções, disse:

— Olhai: aquella é a corda. O nó está atraz. E quando o corpo cae, esse nó quebra a columna vertebral e o pescoço fica fino como um braço de creança... Eu fui condemnado á morte; depois agraciado. Ah! se não fôra isso teria que ter posto essa gravata no pescoço e os pés nessa banquetta.

E, para mostrar-me como se fazia, subiu na banquetta. Mostrou-me a mascara com que se cobriam os rostos dos condemnados.



REVISTA FEMININA

— Servem só para uma vez. Queimam-se depois de usadas.

E atirou a que tinha na mão numa cesta. Como, porém, eu me mostrasse surprehendida, confirmou:

— E' facto. Só servem uma vez. Pudera!... O condemnado á morte podia soffrer de molestia contagiosa e..." disse essa pilheria sorrindo-se e afastando-se depois de me saudar.

Deixei a prisão no meio de hurrahs! Eu estava num estado mental impossível de definir. Tocamos directamente para o Theatro de S. Francisco, onde, dentro de uma hora, eu precisava representar a mesma peça. Durante o caminho eu via corpos humanos esperneando na ponta das cordas: vultos de

negras... photographos... mesmo uma cabeça loira e bonita... Afinal soltei um grito, num anção de sobresalto, porque uma mão invisível forçava-me a ficar num antro negro da prisão...

A chuva cahia torrencialmente. Meus companheiros comprehendendo minha fadiga, começaram a fechar a capota do auto.

Caral Merabuer

Beduinos

Do João Soares Filho.

No Sahara da existencia, a enorme caravana
Dos miseros mortaes, galés da ingrata terra,
Avança ou retrocede, a rota acerta ou erra,
Soffrendo, que soffrer é a eterna sina humana.

E marcha... Da descrença o sol as farpas ferra
No coração humano, e as glorias do homem fana.
Depois, ruze o simum... E' a dor, em furia insana,
Que faz do riso—pranto, e muda a paz—em guerra.—

Entre lagrimas e ais, a caravana avança.
Longe, miragem cruel seduz a Humanidade...
E ella corre, de balde, em busca da Esperança!

Oasis, Sedenta, infrene, a caravana o invade.
Muita sombra... mas falta a fonte clara e mansa!
— No proprio oasis do amor não ha felicidade!...

Macau, 1920.

EDUARDO PACHECO.

TRAÇOS

Nestes dias de chuva e de tédio, em que a melancolia emmudece a garganta das aves e retira das ruas sombrias a graça e o sorriso das mulheres, a minha memória vive de recordar... O rumor monotono da chuva que rufa nas frondes pendentes traduz-se em mim por silêncios de exaltação interior. A bruma é uma tela de evocações, das evocações que ficam dentro de nós, soluçando ou cantando, como espelhos sensitivos das alleluias gloriosas e das tristezas profundas das horas extintas. Na monotonia embaladora destes dias sem sol, perpassam pela nossa imaginação todas as impressões emotivas de factos e de coisas que ficaram para traz, na alameda sombria do passado, todo povoado de imagens que o tempo diluiu e apagou, dando-lhes o aspecto de espectros que rondam como condemnados eternos em torno das ruínas em que se converteram os torreões e os minaretes soberbos dos nossos sonhos desfeitos... Foi certamente numa hora semelhante ás horas que correm hoje, que alguém, de vestes talares, tomou-me as mãos e disse: — "Venho trazer-te a offerenda dos Deuses, o hostiário do sonho, que te dará o gozo da Belleza perfeita e das emoções magnificas..." Estendi as mãos em supplica, ao mensageiro divino, mas o hostiário precioso da felicidade era feito de bruma im-

material, impalpavel como o proprio destino...

Tive um gesto voluntario de desdem: Onde a offerenda dos Deuses? O emissario mysterioso comprehendeu o meu gesto, e, pondo nos labios o sorriso superior dos eleitos, fallou lentamente: "Sei bem que a realidade corporal dos teus sentidos te fez zombar da minha dadia immaterial e intangivel; mas, se queres ter a sensação da felicidade perfeita, soffrê-la os gestos que reflectem a tua exaltação sensorial... A graça dos Deuses é feita de bruma intangivel e impalpavel, e, ai de ti! se ella adquirisse um dia o tangivel das formas... Contenta-te, mortal, com a illusão da verdade, e, lutando pela acquisição da verdade, terás o gozo da felicidade na illusão da victoria que nunca alcançarás... Não abandones nunca o prazer de sonhar, porque o sonho traz no seu encantamento a maravilha da vida perfeita, numa eterna escalada para a apothose suprema..." O mensageiro calou-se e eu vi as suas formas de nevoa diluirem-se no ar, como uma miragem que deslumbra um momento e logo se extingue...

Desde então, trago commigo a illusão de gozar a sensação da Belleza absoluta, confiado na divina offerenda do Sonho...

Bello Horizonte.

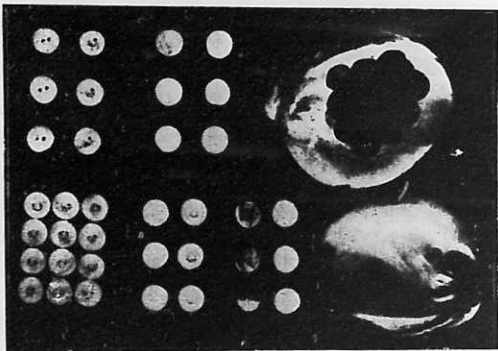
MARIO MENDES CAMPOS.

OS BOTÕES DE MADREPEROLA

Esses botões de madreperola, que nossas gentis leitoras tanto admiram, entraram, relativamente, ha muito pouco tempo para a industria universal.

Ha vinte e tantos annos, apenas, em Muscatine, (Iowa), estabeleceu-se a primeira fabrica de botões desse genero. Hoje em dia aos milhares pululam ellas por todo o mundo. A pesca, pois, da concha nos rios Mississipi e Ohio, assim como os seus afluentes que regam os Estados de Illinois, Wisconsin, Iowa, Indiana, Kentucky, Missouri, Arkansas e Tennessee, tornou-se uma industria importantissima.

A concha preferida para a fabricação dos botões é a "Quadrula



Conchas do molusco chamado "cabeça negra" (*Quadrula ebena*), perfurada uma dellas mechanicamente para se obter a materia prima dos botões. Varias series d'estas nas diferentes phases da sua fabricação.

ses polidores, a parte negra e aspera que fica no reverso. Isto feito, outro machinismo fura os buracos por onde passará o fio de linha.

O polimento final que lhe dá o brilho e a finura, effectua-se collocando-se todos os botões em grandes barris cheios de um liquido proprio, sendo então agitados. Depois, lavados e enxutos, passa-se ao trabalho da escolha, separando-se os varios typos de botões conforme o tamanho. São então fixos, em papel laminado e prateado, em pedaços de papelão, e dahi guardados em caixas.

As fabricas modernas chegam a produzir mais de mil grossas por dia, e são dotadas deapparelhos tão aperfeiçoados que todas as operações aqui descriptas são feitas com a maior rapidez e menor gasto de mão de obra.



Seleção das valvas ou conchas do molusco antes de serem perfuradas

pla ebena", também chamada "cabeça negra".

Nas praias também ha varias especies de valvas que se prestam para essa industria: a *Lamplilis anodontoides* é uma variedade amarella muito procurada.

A fabricação de botões é realmente simples. As conchas são, logo depois de pescadas, lavadas cuidadosamente e fervidas. Nas fabricas, para onde se transportam, ficam armazenadas em logares proprios. Depois de preparadas devidamente, por meio de processos que lhes diminue a fragilidade, são tiradas das valvas por meio de machinismos proprios, pequenos discos.

Isso feito, com uma segunda operação, é o disco acepillado, tirando-se-lhe, por meio des-



Operarios occupados na perfuração mechanica das valvas do molusco

foi preso e algemado e sepultado posteriormente em masmorras da Ilha das Colúmbas.

"Alii, sem papel nem tinta, refere o historiador, aproveitava-se dos poucos recursos que imaginava, para escrever seus versos. Servia-lhe de pena o pedúnculo de uma laranja que lhe davam para sustento; de tinta, o fumo da canieira, que o alumina; e de papel a enegrecida parede de carcere."

A heroína do lyrice mineiro morreu octogenária; sobreviveu ao seu trovador e a imortalidade transbordou de Gonzaga para Maria Dorotheia, pois os dois ganharam a mesma coroa de glórias e saudades.

Barbara Eulheria Guilhermina da Silveira, também aparece na história, envolvida nos sonhos do surto da independência nacional, fomentada em Villa Rica, Paraíba, como Marília, dona do coração de Alvarenga Peixoto, e mais do que Maria Dorotheia, poetisa; havia trafego mutuo de affeições e ritmos entre os dois apaixonados. Americo Werneck chamava-lhe a "Heroina da Inconfidência", pois tomou parte mais activa nos planos da trama gloriosa. Descendia de illustre familia de S. Paulo.

Segundo a narrativa dos historiadores era linda, dotada de fina cultura e intelligencia fidalga. Desposou em fim o seu apaixonado que depois foi official do 1.º regimento de cavallaria auxiliar, ex-ovidoir do Rio das Mortes; figura salientissima do movimento revolucionario e o proponente de Versiluco Virgíliano que serviu de emblema ao programma patriótico: "Liberitas quae sera tamen".

Refere o general Carlos de Campos em recente publicação que Barbara Eulheria, amada loucamente pelo poeta, exercia sobre elle grande influencia.

Todas as idéas e projectos da santa conspiração mineira que partiam de Alvarenga Peixoto eram submettidos ao juizo da esposa adorada, quando os seus não clarejavam juntos os mesmos. O traço do caracter della estava na energia, finura intellectual, que faziam parallelas aos seus dotes phisicos de belldade. Amantissima generis, idealizava para sua filha Maria Euphrosina até a ascensão ao governo, pois assim referem os historiadores nomenclaturas (baseados em documentos e testemunhos fideles), se a revolução fosse victoriosa, e se da Europa não viesse governante adrede combinado. Depois do sinistro successo do malogro da revolução embrionaria, que tantos soffres e tantas lutas commoveu Eulheria encolheu e assim, finouse.

Pelos informes historicos de Valadão, a insanía della foi mansa; cantava e falava em voz baixa e os delirios vagavam-se referiam á revolução sangrada em inicio, e aos despois vingadores; pensava distribuir ouro em pó aos que della se approximavam; outras feitas revelava os verros que o marido lhe enviara do presídio da Ilha das Colúmbas.

...

Como accentua o general Carlos de Campos, de quasi todas as grandes revoluções democraticas entre nós, em beneficio da nossa personalidade nacional, emergem e salientam-se os vulnos feminis, que fazem corpo com grandes progreos da liberdade e da civilização. Assim foram, Benta Pereira, na Capitania do Rio de Janeiro, em 1793; Anna Lins, nas Alagoas, em 1817; Anna de Alencar Arraiz, no Ceará, em 1834; as irmãs Bento Gonçalves, Anna e Antonia, no Rio Grande do Sul, de 1835 a 1845 na guerra farroupilha; e Annita Garibaldi, na mesma época, em Santa Catharina".

Das grandes heroínas patrióticas, Annita Garibaldi, apparece de novo, no Rio de Janeiro, depois de ter desenvolvido o seu glorioso unificador da Italia moderna, quando ella se envolveu nas lides intestinas brasileiras, na revolução rio-grandense; a figura de espirito, a belleza phisica e beldade de coração fazem da bella catharina o type das heroínas nãcões, pois, em quasi todas ha traços communs de lindeza, cordura de alma e de denodo pouco vulgar no sexo.

Ahi se não esgota a grandeza moral das brasileiras illustres. Nomes ha ainda de resalto nos annos da patria como o da abbaessa Joanna Angelica, bairrã virtuosa, cognominada pela historia "a freira martyr"; o de Maria de Medeiros, a guerreira impetuosa, que arrastou os bakianos á pacificação da Bahia; e de quantas outras que no olvido dos fellos anonymos tanto se esforçaram para o exemplo de intercepção, ouso valorar na constituição do nosso caracter colonial e do nãcõ independente.

As qualidades da mulher portueza exerceram grandes influências na organização do traço phisico-moral da brasileira; mas independentes destas já haviam apparecido as heroínas indigenas, que não deveram denodo, intelligencia e bondade ás raças liberas.

Tomou recentemente assento mais saliente nos fastos nãcões, e na historia da marroquina de S. Paulo, o ben delatado, em estilo rebuscado e floreado, por Alberto Rangel, que a cognominou a Pompadour brasileira, na corte de Pedro I.

Ignoramos se a illustre e pennambucana, no livro: "Muthers illustres no Brasil", pde em relevo muitos espiritos feminis alem dos já citados por J. Norberto.

Entre muitos outros, desde os tempos colonias, á epoca contemporanea, biographia o caracter de Cecilia Barbalho, Maria Cesar Santos, Francisca Sandi, Lourença Tavares de Hollanda, Beatriz Brandão, Damiana da Cunha, Barbara de Alencar, Dona Theziza Christina e varias outras que á capacidade investigadora e a intelligencia espirital do proprio sexo, procuraram, com justiça, exaltar, desenterrar do olvido patrio, para que chegassem á tona das glorias historicas nãcões.

Não esqueçamos, porém, de Isabel — a Redemptora, a boa e grande brasileira que lavou de um surto a macha original da escravidão do nosso solo. Não foi, sabemos, exclusiva de ella a pena; a cidade libertadora augmentou nos dias da vida nacional, graças aos esforços de Nabuco, José do Patrocinio e varios extraneos abolicionistas, mas a Real Senhoria, devotou inextinguivel o advento da liberdade, trazendo por mio femina, na feliz regencia de 1888. O renascimento patrio social e politico, originou-se desse successo, pois, a escravidão enegrecia a moral americana, e não afastava oociedade da civilização.

Cumpra não exagerar valores feminis nãcões por enobismo, por prazeres estylisticos ou por espirito de novidade. O que

está escripto, entretanto, serve de prova demonstrativa que, nos extractos da nossa historia nunca deixaram de apparecer ou de tomar plano saliente, espiritos feminis.

A mulher contemporanea brasileira, tem afforado á tona do nosso progresso, e basta citar nas letras Julia Lopes de Almeida, Iguatuba Sabino, Francisca Julia, Albertina Bertha, Carmen Dolores, Gilka Machado, Senhora Iracema Villela (Abel José), Laura da Fonseca e Silva, Laurita de Lacerda, Anna de Souza na pintura, Beatriz Veiga; Fedora Monteiro; na escultura, Nicolina; na musica, Gaurimar Novaes, Antonieta Rudge. O magisterio primario e secundario de nossas escolas, tem um exame de talentos eruditos, operosos e dedicados á causa que abraçaram. Quantos, porém, guardam no recesso do lar, os primores dos seus talentos!

As escolas profissionais, as associações femininas, a Cruz Vermelha, os surtos patrióticos da alma mulleir, tudo está indicando o impulso de que se vac animando, entre nós, a mais bella metade humana.

O concurso social feminino brasileiro, tem, em vinte annos, augmentado de maneira inesperada. As nossas estatísticas a este respeito ainda não se acham muito apuradas, mas está na consciencia de todos que, no Rio de Janeiro, em S. Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerias a acção femina influenteira dos nossos costumes é patente.

No ensino primario e secundario as evidencias são merfissimas. Foi fulsor do Pedagogium, que era no tempo, escola de aperfeiçoamento das normalistas e diplomadas, e pude surprehender o alar, a dedicacão, o preparo de muitas discipulas que hoje fazem a gloria do aprendizado primario entre nós.

Basta citar, entre ellas, Esther Pedreira, Leonor Possada, as irmãs Frota Pessoa, Celina Pegado, C. Alzira Rocha e multissimas mais, que são conhecidos como exímias e eruditas educadoras e algumas das quaes, escritoras de talento.

As senhoras da familia Jacobina, merecem um voto de especial intelligencia, por que, modestissimas, esgotam o talento em diffundir a intelligencia secundaria em institutos femininos de primeira ordem. Tenho em meu poder um livro medido de maximas da senhora d. Maria William do Paço, que pertence a uma familia em que as senhoras são intelligentes, energicas, activas, "masculinas" como pittorescamente costume chamar-lhes.

III

A FUNÇÃO SOCIAL DA MULHER

Multissimos são os escriptores que ultimamente se tem occupado da função social da mulher, sobretudo acerca do feminismo, que será certamente o capitulo mais brillante das revoluções sociologicas modernas.

A habilitação femina para as indústrias, para o pequeno commercio, demonstra que a mulher será fatalmente chamada á collaboração mais efficiente no concerto harmonico da evolução dos povos.

O tratamento da mulher melleira, diz Spencer, quando as circumstancias impõem aos dois sexos occupaões semelhantes".

A guerra actual veio demonstrar que o elemento feminino constitua uma maior surpresa de capacidade, pois nas fabricas de munições, nas indústrias em geral, no commercio, nos transportes e até na propria milicia a mulher tem cooperado espantosamente, além das humilidades praticadas pela Cruz Vermelha, na maioria composta de mulheres. O voto feminino concedido pelas grandes nações é prova fatal das asserções acima. Ruy Barbosa assim se exprime em uma das suas multo memoraveis conferencias politicas:

"A segunda exigencia da justiça, immediata a essa, é a equaldade dos sexos perante o trabalho. A desigualdade entre os dois sexos era, sobretudo, um dogma politico. Mas da politica já elle desappareceu, com a revolução que introduzia de uma vez no eleitorado britannico seis milhoes de eleitores, que, nos demais paizes onde a civilização pde a sua vanguarda, tem elevado a mulher aos carcos administrativos, ás funções diplomaticas, ás cadeiras parlamentares e, até, aos ministerios, como em alguns Estados da União Americana, ha muito, já se costuma.

Nem supponhamos que seja de agora esta minha maneira de ver. Não haio, senhores, moda falsa; não tenho opiniões de occasião. As tendencias da minha natureza, o amor de minha mãe, a companhia de minha esposa, a admiração da mulher na sua influencia sobre o destino de todos os que a comprehendem, bem cedeo me convencem de que as theorias do nosso sexo acerca do outro cedeo no mesmo caso da historia, narrada pelo fabulista do leão pintado pelo homem. A mulher pintada pelo homem é a mulher desfigurada pela nossa ingratidão.

Quando cabeças como a de Stuart Mill assim pensam, não se ha de envergouhar um cerebro ordinario como o meu de pensar talmente, e se estas não fossem, ha muito, as minhas idéas, não teria sido eu quem assumiu, no silencio das nossas leis, a iniciativa de aconselhar ao illustre sr. Nilo Pecanha, quando ministro das Relações Exteriores, a innovação de admitir uma senhora brasileira a concurso para um dos cargos da sua secretaria.

No tocante, porém, ao elemento feminino do operariado, a desigualdade é de uma insubsistencia ainda mais palmar. A guerra actual evidencia que a operaria realiza o operario nas indústrias, como as de productos bellicos, e nos serviços, como os de condução de vehiculos, em que os privilegios da masculinidade se haviam por nulla ingratissimos.

Mas, como quer que seja, toda a vez que a industria emprega, indistinctamente, paralmente, identicamente, nos mesmos trabalhos o homem e a mulher, sujeitando os dois á mesma tarefa, no mesmo horario, ao mesmo regimen, não ha por onde cohestrar a crassa absurdez de, no tocante ao salario, se collocar a mulher abaixo do homem. Nada tem que ver o sexo. A egual trabalho salrio egual. Esgueto, que se mostra a operaria realista o operario nas indústrias, o feminista diz que a base do feminismo, está na equaldade do homem e da mulher, salvo em casos de genio. Repete que tudo que o homem faz a sua metade biologica pode a mulher também fazer.

Novikov, outro defensor da mulher, demonstra que o direito femilim tem sido sacrificado na civilização actual, pois a humanidade

comple-se de duas partes eguaes: se a metade mulheril não gosa das prerrogativas e fortunas equivalentes do homem, a collectividade soffrerá naturalmente. Para o vigoroso escriptor a mulher em nada é inferior ao homem, nem no aspecto physico, moral, ou intellectual.

Os surtos de coragem de Carlota Corday, da sra. Joubert entre outros, até a sagacidade politica dos mais antigos gestos femininos, como Roxane de La Reine, que entrou simples escrava do harem e logo dominou Solimão, o Magnifico, além dos exemplos já citados de Christina II, Maria Theresia, prova do que é capaz a mulher nos varios dominios da historia.

Apezar de se nos depararmos inimigos acerrimos do feminismo e da equalidade feminina nos trabalhos de jaezes diferentes, como Vogt, Moebius, contudo a humanidade marcha positivamente para a acceitação do elemento mulheril na collaboração social. Moebius estuda a questão mais no aspecto physiologico e psychologico, Vogt mais na mira sociologica, e agride o "sexo fraco", por causa do ridiculo, violento nos affectos da ferocidade de odio do egoismo, da falta de tacto, pela menelicia, astucia, e conclue pela incapacidade feminina e superioridade do homem. A paixão e a boca cerrada deste publicista não poderão destruir a onda crescente da influencia da mulher na civilização actual.

Sim, porque o reducto do feminismo avoluma-se dia a dia. Se bem que as leis, os costumes, os conceitos philosophicos, não accordem no direito de equalidade social dos dois sexos, contudo, pouco a pouco, com a pertinacia da gota de oleo na folha de papel, a collaboração da mulher nas sociedades bodinas, infiltra-se, ramifica-se, e das letras o espirito do feminismo contemporaneo tem-se mostrado brilhante e vigoroso, apezar de, na cifra geral, apresentar mineria acanhada.

Entre as astrônomas americanas contam-se Maria Mitchell, sra. Fleming; dirige um dos observatorios russos a sra. Klumpke, cuja irmã é a sabia viúva do professor Dejerine, sua collaboradora assidua, neurologista notavel, e actual presidente da Sociedade de Neurologia de Paris.

Sophia Kowalevskia é professora de mathematica na Universidade de Stockholm; a sra. Currie foi a dedicada collaboradora do marido, no desenvolvimento do radio. As romancistas, poetisas contemporaneas são abundantisimas Selma Lagerlof, proprietária do ultimo premio litterario Nobel; Lucile De La Rue-Miranda, Gip, sra. Leconte de Noully, Dora Dümmler, Mathilde Sersio, Ada Negri, sra. Noyale, e quantas e quantas.

Nos Estados Unidos a perfectibilidade e o progresso femininos conseguem atingir o apice da curva.

O direito de voto em varios Estados, como o Wyoming, Utah, Colorado, Idaho. Em dezembro de 1912, em Washington, a sra. Jolivia Crook tomou lugar na Camara dos Deputados. Clara Lemlich é o exemplo de acção e coragem, pois, em 12 horas formou um exercito de 40.000 unidades, disciplinadas, pacíficas, perseverantes, que venceram a força irresistível da verdade e da união e contra o pequeno salario que lhe era pouco até então.

Quando foi eleito Woodrow Wilson, immenso cortejo de suffragistas percorreu a pé 250 kilometros, de Nova York a Washington, para demonstrar o vigor e resistencia, e reclamar, a favor dos seus direitos, o novo presidente eleito.

O numero de medicas, advogadas, phrarmaceuticas, empregadas, é progressivamente crescente nos Estados Unidos do Norte.

Nos Estados Unidos, em Nova York, mais de duzentas mil exercem profissões liberais. Neste pais ha mais de quinhentas mulheres proprietarias e contribuintes.

A Rússia é um dos paises em que o feminismo tem encontrado facil guarida. As universidades são abundantemente frequentadas por mulheres, e ha cursos superiores creados e fundados por mãos femininas. Ainda recentemente, após a derrocada monarchica de Petrogrado, formou-se um exercito feminino, á frente do qual estava uma nova Joanna d'Arc, como classificaram os jornais.

No Suecia, a palavra de uma motvel publicista, Frederica Breckinridge, na penha e oração de Selma Lagerlof, glorificada como o título de doutora pela Universidade de Upsala.

Li ainda Ellen Key, mostra a energia feminina pela scintillação da intelligencia e pelo vigor da propaganda em bem do feminismo e da verdade.

Na Suíça, França, Italia, Hespanha, os movimentos de acção feminina são litterarios, sobretudo na Prussia, onde, nas ultimas decadas, a collaboração social mulheril revela-se extraordinária.

No Brasil, em recentes annos, o feminismo complacente brota, não pelo desejo de escripturas, ou partidos, mas, pela fatalidade da evolução social.

A cifra de empregadas publicas, dactylographas, caixeiras, operarias e pharmaceuticas, augmenta diariamente, talvez em maior proporção do que seria de prever, dada a enorme mania e bondosa da mulher patricia. No campo, a sua collaboração foi sempre eficiente e quasi egual á do homem. Ha pouco, tivemos a primeira engenheira, graduada pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

O ensino primario entregue ás mãos femininas, deu resultado magnifico. As reformas neste sentido tem sido muito proficuas e os servicos municipaes do Rio de Janeiro e estaduais, maxime a instrução primaria e civica, nestes ultimos quinze annos, é tão animador, que faz calar um pouco os maldizentes systemáticos das colias nacionaes.

Os conceitos de Faguet, a propósito do feminismo, são exageradamente optimistas. A influencia feminina não se fará por harmonia social.

A noção theorica do feminismo não augmentará nem diminuirá a sua função paulatina no seio do progresso humano. A mulher

cooperará como parte integrante do homem, toda a vez que a isto for solicitada.

Na guerra actual, a mulher tem actuado com tanta solicitude e elevação estoica, que a função biologica materna quasi desaparece, e a collaboração com a acção social.

As discussões philosophicas, as propagações destroem-se perante a simplicidade dos factos. Tudo se fará "gradatim" e não "per saltum".

A energia social da mulher, auctorizada, até que surjam as necessidades da sua collaboração directa, em partes equipotentes. A mulher está reservada, naturalmente, dos papeis importantissimos: o lar e a sociedade. Por enquanto, se mesmo tomo a palavra, a mulher não se dá conta dos machinismos e entroagens da vida industrial, intellectual, militar e maritima das grandes nações.

Uma ponderada escriptora lusitana, Anna de Castro Osorio, em livros dedicados a "As mulheres portuguezas", acredita que estas não de chegar á vez de comprehender que no "trabalho" encontrarão a carta de allusão. Não no lar brutal, especie de catigo, mas na labuta que ennobrecer o espirito, que dá o bello orgulho de contar com ellas mesmas, e não serem algumas modestamente a algum, desde que indolem do homem, que é uma especie de senhor disfarçado. Só assim obterão a carta de liberdade.

A mulher, de facto, não se dá conta da sua importância, e nos livros o propaganda, serão pela propria acção da mulher nas rarias, pequenas commerciaes, advogadas, dentistas, medicas não pelo desejo de escripturas, ou partidos, mas, pela facilidade da

As accusações feitas á mulher litteraria pelo descaio em que se ha, são cabiveis á brancura que se não dá conta da importância do trabalho constante do bicho da seda ou do cupim, minadores scienciosos, para que o nivel social feminino se eleve sempre, e tenda á equalidade da halator activa humana.

As mesmas publicistas acclama as suas patricias: "Sejam mulheres" como o devemos ser: creaturas conscientes e autonomas, companheiras e alliaças do homem, as verdadeiras educadoras dos seus filhos.

Agostinho de Campos já disse que para valorizar a mulher cumpre afastar o triangulo fatal: "casamento, ociosidade e prostituição".

As palavras severas e exactas do elegante escriptor e moralista, erro humano para com a mulher: — o luxo e a ociosidade. A mulher objecto de luxo, é conduzida pelo homem para o triado esquivador de que nos fala o moralista, porque se tanto mais se deixa levar ao avelludado ocio caseiro ou social, em que o cultivo de frialidades nonadas, picuinhas, caprichos luxuriantes produz a differença capital entre os sexos. Quando o elemento feminino se afasta dessa figura geometrica moral, logo se muda o scenario, e se transmuetam os caracteres, e o homem e a mulher se tornam moral e intellectualmente como justas amadas do coração e do pensar.

O malgrado Livro de Castro, na obra hoje classica nas letras brazileiras, "A mulher e a Sociogenia", conclue muito bem assim: "Para a philosophia social a evolução feminina é util e necessaria porque significa a evolução da especie, porque significa a selecção intellectual, estabelecida com o mesmo rigor da selecção physica no passado, e que se adapta ao ambiente, e a especie ao meio em que se deve desenvolver. Para a philosophia social a evolução da mentalidade feminina significa a multiplicação das energias cerebraes, a transmutação do "sexo humano" em "especie humana" que pouco menos pôde ser que a transmutação da especie".

A educação da mulher é um interesse da especie, porque a evolução tornar-se-á mais facil e mais rapida. A evolução, porém, tanto mais facil quanto mais proxima da mentalidade masculina estiver a feminina."

Tudo demonstra, sem forcas de propaganda, que o elemento intellectual feminino progride na parte que pôde ser dispendiosa pelo homem, ou naquella em que a psychologia feminina mais se adapta, sem grande confeto psychologico de primazia. A educação feminina nestes ultimos cincoenta annos tem de tal maneira melhorado a sua intelligencia no mundo inteiro, que as obras de ficção e as didacticas escriptas por mulheres, vão em

Em uma monographia muito apreciavel — "O papel da mulher e sua educação", escreveu judiciosamente a sra. Lamphere:

"Para facilitar a evolução do feminismo importa delle afastar as coisas vaidosas. A identidade illusoria de que muitas se encorajam a discutir, só conduz a desastrosas experiencias, e faz reasumir por tempo indefinido o verdadeiro progresso que se poderia garantir, os direitos da mulher por enquanto não são da mesma natureza que os do homem."

"Os homens de ciencias, e as mulheres bem esclarecidas, que procuram o progresso pelo emprego racional das forças sociais, não se limitarão a condemnar o feminismo e as inconsequencias minima, excellente força nas collectividades civilizadas.

A função social feminina é emprego, racional da actividade fea mulher, pela perfectibilidade de educação, entra em concurrencia, não guerreira, mas suave na harmonia e temporanea, e a mulher representa grande energia, pois ella é o lar, quer diabolico, o caracter, a escola, o espirito, de toda a humanidade. Nas sehoras mais as tem desenvolvido uma das faces da energia, que é o affecto. A proporção do sentimento nellas é muito maior que a do pensamento.

A personalidade philosophica religiosa de Clotilde des Vaux é a expressão symbolica da grandeza de um dos principios moraes do positivismo.

Na idade Media no tempo da Cavallaria, os caelleiros estabeleceram o culto das donas e sempre diziam "Deus e minha Sehora".

A collaboração feminina justa e mais elevada reside no sentimento que pôde despertar e conduzir o homem ao desenvolvimento da energia moral.

(Continúa no proximo numero).

LIVROS NOVOS

O PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz.
— Edição da "Revista do Brasil", S. Paulo, 1920.

É um dos livros mais interessantes em prosa que se tem escrito em S. Paulo. Léo Vaz é um estrônte, mas apresentou-se com tal galhardia, com tal desembarço, que ninguém o cuida tal. senão um escriptor já feito, já possuidor de uma personalidade caracteristicamente definida.

"O Professor Jeremias" não é precisamente um romance, é uma narração, no genero humorístico, cheia de factos e digressões que nada tem que ver propriamente com a acção, mas que concorrem para tornar a leitura ainda mais leve, emprestando-lhe encantos surpreendentes. É, sobretudo, um livro meditado, estylizado, feito com o maximo cuidado da forma e da lingua. O seu genero é o mesmo que foi adoptado por Machado de Assis em "Braz Cubas" e "Quincas Borba". Embora não haja semelhança flagrante entre o mestre e Léo Vaz, na maneira de narrar, ha, contudo, entre a maneira de o outro, um certo laço de parentesco. Esse parentesco se evidencia no modo de conduzir a narração, na graça com que externa as ideias em phrases curtas. O autor é tambem, como Machado de Assis, muito concisoso.

Muitas das suas observações são graciosissimas.

Vejamos:

"Ora eu, que me morreu meu pae aos dez annos, hem conheço a curiosidade de saber que conselhos me daria elle se tem retardado a morte por alguns lustros. Devia dar-m'o curiosos e de proveito. Contudo, não digo que os seguisse. Os conselhos são geralmente inúteis para quem os recebe, servindo apenas a quem os dá, de pretexto para remexer o archivo da experiencia sempre quando a gente não tem mais o que fazer della, é natural que se queira d'alas aos outros, e aos fillos, de preferencia."

O autor descreve uma festa em familia, com foguetes, para selemniar a victoria da legalidade. Foi no tempo de Floriano Peixoto.

A proposito dos foguetes, faz elle estas observações, que fazem sorrir e ao mesmo tempo pensar:

"Eu teria esquecido hoje Floriano, o avô, e o espelho, e o sofá, e toda a sala de visitas, talvez, se as bombas daquelles foguetes nos não tivessem afundado na memoria. Os foguetes são das coisas que se não esquecem, e, com elles, tudo quanto abraçam os ecos dos seus estampidos. Assim, a memoria humana não é talvez senão a cadeia dos estrondos de sua existencia, e a Historia, memoria da humanidade, o catalogo dos estampidos celebres. Quando os foguetes são mais fortes, de ruido mais intenso e fumaça mais larga, os reidos forçam os limites de uma unica geração e derramam-se na posteridade, como os de Napoleão, e vão morrer nos livros."

Sobre poesia:

"Um poeta de verdade deve possuir a convicção primaria de que a propria esthesia é a que amis convem a todo o mundo. Para se ser poeta é preciso, como para ser musico, pintor ou esculptor, possuir aquella serena superioridade que afasta dos deuses o ridiculo inherente á humanidade commun. É necessario que se tenha uma singular confiança na excellencia dos proprios sentidos, para imaginar empréstalos ao proximo, no intuito de o apparellar melhor para a contemplação das coisas. Vê que os poetas que maior nota alcançaram são os que nos emprestam uma emotividade mais forte através do qual tudo nos encontra. Os poetas têm esse privilegio de irradiar a propria emoção. Mas, para isso, não de sobrepõe ao ridiculo humano, porque em toda emoção ha um fundo comico de ingenuidade de surprehensão."

Por essa transcrição pode o leitor fazer uma ideia do estylo do autor. "O Professor Jeremias" é um livro leve, encantador, repouante, que se lê sem pressa e com enlevo.

É sobretudo, um livro casto, e por isso o aconselhamos ás nossas leitoras.

LES NOSTALGIES, versos de L. Prado. —
Genebra, Edição Star, 1919.

Quem conhecer a bohemia literaria de S. Paulo de ha quinze ou vinte annos passados, lembrar-se-á, porventura, de Licio de Almeida Prado, um dos mocos mais elegantes e distintos daquela epocha. A sua elegancia exterior, discreta, bem medida e todavia brilhante, condizia bem com a sua elegancia moral e intellectual. Ves-

tia pelos figurinos mais recentes e trazia bem vivas na memoria as mais recentes ideias. O que, sobretudo, o tornava original em nosso meio, que era acanhadissimo e onde o homem de letras tinha, um relevo excepcional, era o seu proposito de só escrever versos em lingua franceza. Já então os fazia correntios, com boa forma e boa syntaxe. Nunca versejou senão em francez. Houve, é certo, entre os rapazes da época, um ou outro, de indole hostil, que lhe censurou esse proposito, assaolhando que Licio Prado não escrevia em vernaculo porque não o conhecia senão superficialmente. Nada mais injusto do que isso. Elle foi sempre um apaixonado cultor da nossa lingua; lia assiduamente os escriptores e poetas portuguezes, e principalmente os classicos. Muitas das suas cartas, escriptas de Paris, onde viveu alguns annos, e mais tarde da Suissa, são reveladoras de um estylo original, muito característico, e em que se nota, a cada passo, a patriótica preocupação da veracidade. Verdade é que, na intimidade, elle sempre confessou que lhe era penoso vestir em versos portuguezes certas ideias subitas, lançando as culpas á nossa lingua, que elle taxava de pesada e espessa. Não vamos aqui discutir se o poeta tinha ou não razão. Outros escriptores, brasileiros ou portuguezes, com maiores responsabilidades no mundo das letras, têm dito a mesma coisa, não confidencionalmente, como fazia Licio Prado, mas, o que é peor, em publico.

Licio Prado mora actualmente no Porto, onde exerce a medicina. A preocupação das letras, e particularmente do verso, nunca o abandonou de todo: "Les nostalgies", que acaba agora de publicar, são uma prova disso. Nellas estão enfileirados alguns sonetos e poesias, formando uma elegante "plquette" de oitenta paginas.

Licio Prado não é um poeta moderno. A influencia dos parnasianos francezes, notadamente de Leconte de Lisle, Herédia e Bainsville, foi nelle tão poderosa, que, ainda hoje, não consegue desembarcar-se della, tratando o verso com aquella minucia de forma e com aquella fria emotividade, se assim nos podemos exprimir, que foram os caracteristicos da velha e sobre correntes parnasiana. Em "Les nostalgies", não se nota nenhuma influencia dos poetas da ultima geração. Não vale nisto censura ao poeta patriótico. É o seu feitiço. Licio Prado é, realmente, um poeta, o que é coisa rara, um poeta que sente profundamente o que escreve, e, o que mais é, que transmite a quem o lê as suas sensações, por mais subitas e fugitivas que sejam.

Para que os leitores façam ideia do livro, aqui transcrevemos o magnifico soneto que tem por titulo "Amour sacré du Beau".

Ello:

Amour sacré du Beau, tendre, pur et fervent,
Vision de l'azur à jamais poursuivie.
Tu souris dans nos cœurs, apaisant toute envie,
Comme un dieu paternel, magnifique et vivant.

Que l'artiste soit fier, riche ou pauvre souvent,
A la seule beauté son âme est asservie:
L'idéal foule aux pieds les hideurs de la vie
Comme un coursier qui fait sur le désert mouvant.

Car tel ce grand bours fidèle et nostalgique,
L'œil hagard et songeur sous un ciel érotique,
S'achemine à pas lents vers la fraîche oasis,

Nous, rêveurs insoumis de l'éternelle gloire,
Dans les sentiers brûlants d'un monde exploiteur,
Nous marchons en priant ce grand dieu de jadis.

□ □

ESTOS E PAUSAS, versos de Felix Pacheco, da Academia Brasileira de Letras. —
Edição de Jacintho Ribeiro dos Santos, Rio de Janeiro, 1920.

Mais um livro de versos de Felix Pacheco. É incrível como Felix Pacheco consegue, a despeito das multiplicas actividades que exerce, como jornalista e como homem politico, sobrecarregado de tantas tarefas de responsabilidade, roubar ás suas horas, que são por certo preciosas, minutos bastantes para se dedicar á sua arte, e o que mais é, com tanta paixão e carinho. É a verdade é que o consegue, e a verdade é que, dando conta dos seus trabalhos, quer na Camara como deputado, quer no "Jornal do Commercio" como jornalista, quer, provavelmente, em outras actividades tambem, desempenhando-se de todas ellas com uma eficiencia notavel e com um brilho excepcional, ainda reserva bastantes energias para cultivar a sua Arte, compendo versos com uma abundancia de que só elle, em nosso paiz,

REVISTA FEMININA

é capaz. Compor versos em quantidade não é talvez difícil, mesmo a gente disponha para isso de minutos escassos, quando a quantidade não corresponde a qualidade. Mas se é verdade que Felix Pacheco produz muito, é igualmente verdade que produz o bom e, não raro, o ótimo. As suas composições, por ligeiras que pareçam, sempre se caracterizam pelo perfeito acabamento, pelo excessivo e amoroso cuidado da forma, pela elevação da concepção e pela pureza da língua.

"Estos e pausas" são um livro magnífico. Divide-se em seis partes, que levam os seguintes títulos: "Pêndulo da tala verde", "A janella dourada", "A nova espada", "Hymno da paz", "Codigo de fé", "Paciencia" e "Recordações".

Leia-se, por exemplo, este soneto:

Mas não é só o amor que volta e dura.
Tudo mais que é formoso resuscita.
Abre-se o cofre da lembrança afflictiva,
E um rosario de perolas fulgura.

Recompõe-se a soberba saminura,
E em cada exemplo bom, que a historia cita,
Uma força eternal vibra e palpita.
Como lição verídica mais pura.

O que a saudade justiceira exalta,
Nunca parece uma novella falsa,
Como a de agora e a do futuro incerto.

Feliz quem ama e serve ao tempo extinto,
E restaurando-o, sente-o, como o slinto,
Não longe e morto, mas bem vivo e perto!

Ou este outro:

Abre a cortina espessa; ergue-a e repara,
Beija e suspende a lápide esquecida.
Dentro da terra fria ha luz e vida.
E prosegue a illusão, que não findara.

Qual que, na guerra, brioso, pelejara,
Volta e conta o que diz cada ferida.
Qual que, um dia, gemeu na harpa sentida,
Retoma e tange as cordas que tocara.

E o tribuno, o pintor, os reis, os sabios,
Quem quer que alguma vez foi grande e nobre,
Grande e nobre outra vez surge e apparece.

E que linguagem bella a desses labios!
Quanta riqueza ahí não se descobre!
Triste de quem não ama e tudo esquece!

Estes sonetos, que são magníficos, não foram escolhidos, senão tirados ao acaso da preciosa collecção dos "Estos e pausas".

□ □

ALMANACH FREIRE DE AGUIAR, para
1920. Edição da Typographia Martinelli e
Passos, S. Paulo.

As publicações deste genero, destinadas, como a que temos em mãos, a ser distribuídas gratuitamente, são em geral, sem interesse, e não visam outro escopo senão fazer propaganda de productos pharmaceuticos ou outros. Mas o "Almanach Freire de Aguiar", com as suas duzentas e tantas paginas, lindamente impressas, cheio de vastíssima materia sobre multiplos assumptos, como viagens, aneddotas, narrações novellas, poesias, sciencia ao alcance de todos, historia, vernaculismo, politica internacional, conselhos de hygiene e medicina, moda, esthetica, critica, etc., etc., é uma publicação de grande valor e que deve ser conservado como livro de consulta e de cabeceira. Nunca vimos, no genero, nada que se lhe compare.

A sua leitura satisfaz todos os gostos e paladares. Segundo está declarado no prefacio, este almanach não foi publicado com o intuito exclusivo de propagar os productos pharmaceuticos de Freire de Aguiar, que, como é notório, sempre tiveram uma immensa acceitação em todo o paiz e mesmo no estrangeiro, senão de prestar uma homenagem ao grande clinico brasileiro.

□ □

FRUTA DO MATO, romance de Afranio
Peixoto, Livraria Francisco Alves, Rio de Ja-
neiro, 1920.

O sr. Medeiros e Albuquerque, referindo-se, numa chronica, ao sr. Afranio Peixoto, disse, com muita graça, a proposito deste ultimo trabalho do illustre academico, que Afranio Peixoto é o pseudonymo colectivo de um grupo de rhapsodas. Elle é, pois, o Homero da nossa raça. Porque, de facto parece impossivel que um homem que, como o sr. Afranio Peixoto, tem tantos deveres a cumprir, como medico e, o que mais é, como um dos mais distinctos profissionais na sua specialidade, como homem de sociedade, ainda tenha tempo de escrever com tanta abundancia sobre assumptos tão complexos e tão varios. Como medico psychiatria, as suas obras, adoptadas em nossas Faculdades de Medicina, são, dizem, das melhores que se encontram em nossa lingua. A sua contribuição para o nosso "folklore" é preciosissima. São notaveis as suas obras sobre hygiene, medicina legal, psycho-pathologica forense, o seu "Tratado de Medicina Publica". Pvis, além disso, já é muito para um homem ornamental e mesmo para um sabio, já é vasta a sua produção de contos, novellas, romances e simples phantasias literarias.

"Fruta de Mato" é um lindo romance, cheio de observações curiosas, e de um enredo que empolga. É um romance eminentemente brasileiro, que se lê com prazer e que deixa, após a leitura, uma impressão agradável de vida vivida.

□ □

MARTA, romance de Medeiros e Albuquerque,
Rio de Janeiro, 1920.

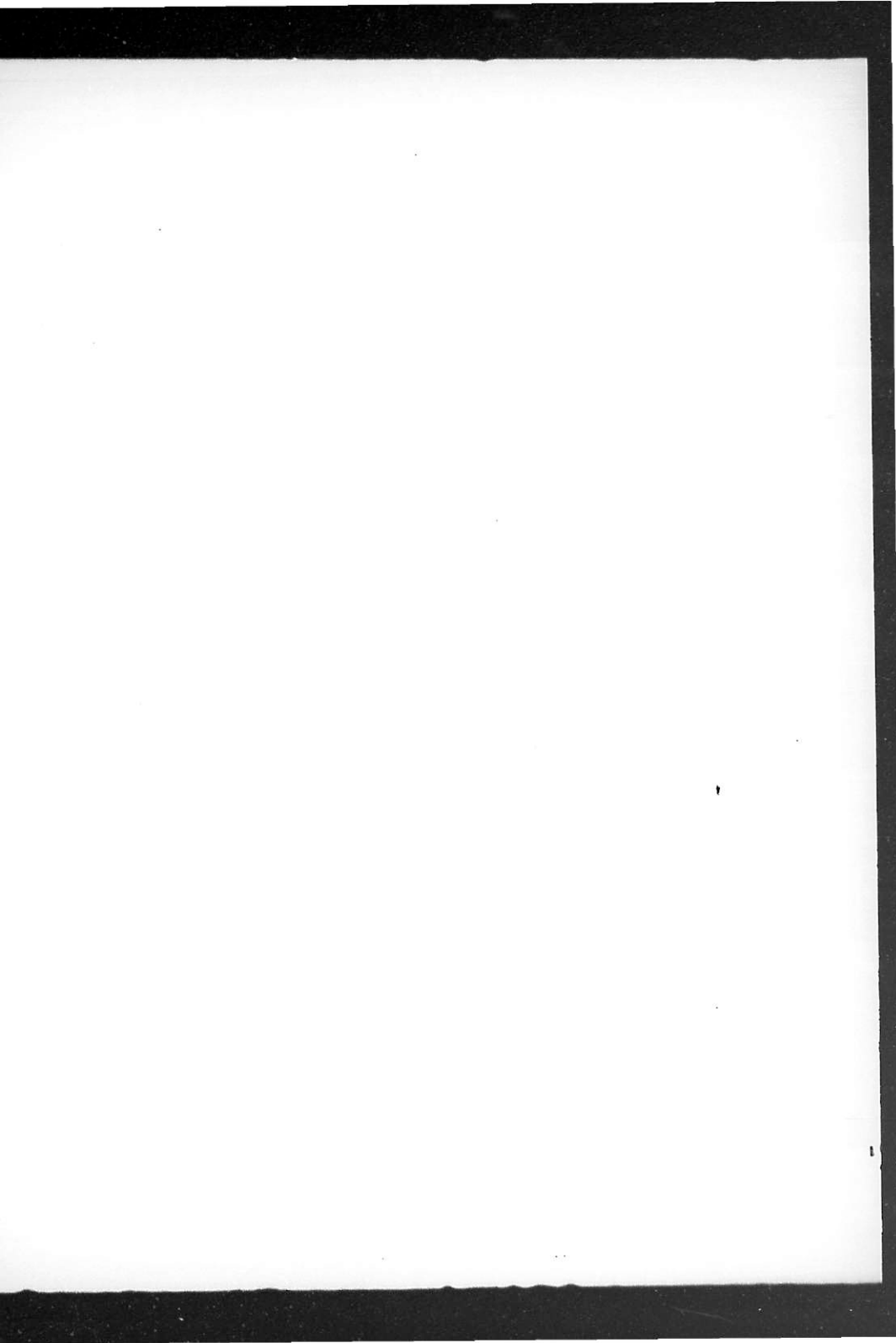
O illustre jornalista sr. Medeiros e Albuquerque possui uma crebração privilegiada. Elle tem, em literatura, todas as especialidades, e, ao serviço da sua imaginação, que é notavelmente fértil, dispõe de um estylo claro, conciso e correntio. As idéas, por mais subitas e fugitivas que sejam, ou por mais profundas e obscuras que nos antolhem, elle, ao externalas, torna-as tão claras á percepção do leitor, como se as apresentasse nadando na agua diaphana. Atravez do estylo do eminente polygrapho não ha obscuridades. Na sua primeira mocidade verçejou, e é extranhavel que o nome do sr. Medeiros e Albuquerque não seja citado entre os dos nossos bons poetas da geração não-parusiana. Verdade é que, entregando-se ao jornalismo, e o que é mais, ao jornalismo de comlante, nunca mais tangeu a lyra, deixando por certo, que as cordas d'ouro do seu instrumento se oxydasssem sob a acção do tempo. Como novellista, deixou muita coisa apreciavel, destacando-se, dentre as suas composições, que são vastas, um conto magnifico "D. João", publicado na "Revista do Brasil", de S. Paulo. Esse conto, pelo interesse do assumpto, pela originalidade da concepção, pelos graciosos conceitos que o autor emite, a cada passo, a proposito do amor e da psychologia amorosa das mulheres, pelo muito que faz pensar e pelo grande numero de suggestões que desperta em cada pagina, é um dos mais bellos contos escriptos em nossa lingua.

O autor de "D. João", apresentando-se com tão raras qualidades de narrador, devia, pois, escrever um romance. E foi o que fez, escrevendo "Marta".

Diz-se que, geralmente, o autor é inferior á sua obra. E é a verdade. Quem privar, por exemplo, com os nossos homens de letras, sem exclusão dos mais altamente cotados nas rodas intellectuelles, observará que elles valcm immensamente menos que as suas obras. Mas o romance "Marta" aberra da regra geral, porque é muito inferior ao seu autor. Medeiros e Albuquerque, que é um finissimo psychologo, que é dotado de um excepcional espirito de observação, devia ás letras nacionaes um romance que fizesse epoca, um romance que encreasse para o seu nome uma notoriedade maior, integrando-o, radican-do-o mais fundamente nas nossas letras. Entretanto, pensa-nos diz-lo — e essa opinião não é apenas a nossa, mas de toda a gente com quem, a proposito desse romance, trocamos idéas — o sr. Medeiros e Albuquerque ao publicar "Marta", em vez de ganhar mais uma sentella para o brilho do seu nome, eliminou-o de uma ou mais sentellas. Para falar verdade, nem comprehendemos porque o illustre polygrapho publicou esse romance. O seu trabalho não resultou apenas inutil, mas negativo.

"Marta", como enredo, é pouco interessante.

Feita a leitura desse romance, tivemos a impressão de que o sr. Medeiros não o escreveu, mas dictou-o, dictou-o de principio ao fim para um secretario intelligente, que o tachygraphou, não cabendo ao autor outro cuidado senão o de o ler por alto, para verificar a justeza das expressões, virgulando, corrigindo, ao seu modo, a syntaxe e a graphia. Foi essa a impressão que tivemos.



lfrania
de Ja-

no sr.
ultimo
onymo
la nos-
i que,
como
inaces
tempo
nos e
as em
que se
"folk-
2, me-
felici-
i our-
: con-

curio-
mente
uma

iquer-

cere-
lades,
de de
e fu-
a an-
leitor,
estilo
i mo-
e Al-
gera
n, e,
lyra.
: oay-
coba
astas,
asil".
ignin-
tte, a
: mu-
stões
escri-

les de
sere-

ver-
ctras,
ques,
dras,
co in-
psy-
devia
: que
, ra-
a-nos
gente
Me-
mais
mais
illus-
sultou

o sr.
o fim
do a-
ustera
e e a

Mulheres assassinadas!

Todos os dias na nossa Patria caem inanimadas dezenas de mulheres sob o punhal, sob a navalha, ou varadas por balas homicidas... O jury a todos os assassinos absolve. E a mulher brasileira vai-se tornando uma peça de caça selvagem e monstruosa!

Em edições successivas temos tratado da campanha em boa hora iniciada pela nossa brilhante redactora D. Anna Rita Malheiros, contra a moral que se vai firmando a respeito do adultério, e da qual decorre o direito para o homem de assassinar fria e covardemente a esposa adúltera. Como bem friza a nossa collaboradora, o assassinato systemático das mulheres no Brasil vai-se alastrando. Já não se mata sómente a esposa adúltera; mata-se qualquer mulher solteira, casada ou viúva, que não queira corresponder ás propostas, desejo ou brutalidade de qualquer homem! Uma moça que recusa um pedido de casamento, por exemplo, está assim sujeita a que o pretendente a faça desaparecer com um tiro, uma facada ou uma navalhada. São ás centenas esses casos, que se reproduzem, diariamente, em todo o Brasil, e que os jornaes commentam emprestando celebridade suggestionador a seus autores, e que o jury, essa maior crápule e infamia de que está maculada a nossa civilização, absolve systematicamente... Onde iremos parar si nós, mulheres, não oppuzermos um dique a esse cruel, des-humano, brutal, selvagem, covardíssimo e monstruoso assassinato?

Mil vezes temos dito aqui: nenhuma justificativa nos pôde merecer o adultério. Mas si essa falta não merece a nossa defesa como é o do assassino?

E si não houver uma reacção contra a monstruosa pratica ella acabará por se incorporar definitivamente aos nossos costumes, como um habito elementar e normal, como uma especie de café da manhã. Exageramos? Não. Já de uma estatística ficou provado que no Brasil se assassinam uma mulher de quatro em quatro horas!... E' uma cifra pavorosa, que não se encontra entre os peiores cannibales. No jury, que absolve toda aquella classe de assassinos, já um delles, se levantou ao fim da sessão, e ao ouvir ler a sentença de sua absolvição prorompeu num viva á Republica, acompanhado do hymno por uma charanga de manifestantes.

E está já arraigada no espirito publico a convicção de que o marido ultrajado tem não sómente o direito "como ainda o dever" de matar, de assassinar, de lavar sua honra enlameando-a com um crime, que quando apparece alguém que o não faz, e que, ou por um espirito de religião, ou de caridade, ou de respeito ás leis, não se torna assassino, os jornaes ao noticiarem o seu acto, debocham-n'o, crivam-n'o de ridiculo... E' ou não é o reflexo da opinião publica? Estas nossas considerações vieram justamente a proposito de um caso desses, occorrido no Rio. O marido não quiz matar. Preferiu os meios legaes para se desultrajar. Pois a seguir transcrevemos o que sobre elle escreveu o "Correio da Manhã", um dos mais populares órgãos da opinião publica, ferindo com settas de acerba ironia o desgraçado que não quiz sujar suas mãos com o sangue do assassinato...

Leiam as nossas leitoras a noticia que, a seguir transcrevemos, e vejam quanto urge uma campanha de nossa parte contra uma monstruosidade que já se infiltrou na consciencia popular como uma solução normal e unica!

E' a seguinte a noticia, acompanhada de titulo e sub-titulo, e entrelinhada:

"ESTE É DO SEculo XXI — De como um homem fleugmatico e de excellentes bôfes pôde tornar comica uma situação tragi-comica. — O nosso homenzinho andava desde ha muito desconfiado dos passeios de sua cara metade, que, mesmo á noite, não deixava de sahir, dando uns pretextos, que afinal, elle aceitava, porque era pacato de natureza e não viera ao mundo para se metter em violencias... Depois, vamos, lá, não deixava de ser desagradavel isto de fazer de valente, não contando muito com um resultado favoravel. Seria de qualquer modo, uma fachaça que lhe custaria disabores não sanarian o mal irremediavel que seria a confirmação das suas suspeitas. E as suspeitas mais e mais se avolumavam quasi chegando á confirmação...

— Afinal — havia de dizer elle lá consigo — esse verdete está procurando envenenar-me a alma. Mas eu tenho o corpo fechado...

Verdete, ahí, era o seductor, o motorreiro João Verdete, que o nosso philosopho tinha como o companheiro de passeios de sua mulher, Conceição S. T.

Nas suas desconfianças, o marido enganado ia relutando e, muitas vezes, tendo podido seguir os passos da mulher, preferia continuar em duvida, com receio de chegar á certeza...

Hontem, porém, vendo-a sair, sentiu-se tentado e seguiu-a, á distancia, dissimulando-se, e, afinal, viu-a entrar na hospedaria da rua Coronel Pedro Alves n. 393, e, logo depois, tambem enveredar pela porta da mesma casa o João Verdete.

Já não era preciso mais nada para afastar as últimas duvidas sobre a traição e se alguém estivesse perto d'aquelle Othello em perspectiva e soubesse de toda a historia havia de estar tremendo sobre as pernas, por ser obrigado a assistir a uma tragedia com todos os seus matadores...

Mas a tragedia não veio e o caso foi resolvido de um modo muito despoído de estardalhaço... O marido enganado era muito pacato demais. Não nasceu para figurar em tragedias... Havia meios ainda mais bons para resolver tudo a contento geral e foi assim que o homem procurou agir.

Lá perto da hospedaria, estava passeando, despreocupado, e a passo tardo, o guarda civil n. 1010, que foi chamado e effectuou o flagrante, levando o casal, cabis baixo para a delegacia, e, quasi sorridente, seguindo todos, o nosso homem tomou o mesmo destino.

Na delegacia foram dadas todas as explicações do caso e foi lavrado o respectivo flagrante, em que depuseram o seductor, a mulher e o marido, que é o sr. Antonio F. T.

Terminado o trabalho de cartorio, o sr. Antonio retirou-se, mas antes de sahir, ainda quiz dizer alguma coisa, e explicou a todos os presentes na sala da delegacia que não sentia prejudicada a sua dignidade não tendo praticado um desatino que o casal que ficava não merecia:

— Vou tratar da acção de divorcio — concluiu — e está tudo assim acabado.

E depois, voltando-se para o Verdete, disse-lhe, com ar ironico e allusivo:

— Adeusinho. Fique em paz e queira aceitar os meus sinceros parabens pela magnifica acquisição...





SOPA A' LA CRÉCY

Cortam-se seis cenouras grandes em pedaços, alguns nabos e grãos doces e deite-se tudo em uma caçarola com uma porção de manteiga e um pouco de assucar. Quando os vegetaes tiverem ensofado bem a manteiga, não se espere que correm, molhem-se com o caldo, cozam-se por espaço de duas horas e passem-se pela peneira ou passador, molhando-os com o caldo em que foram cozidos. Põe-se outra vez o purê ao lume para que ferva e deita-se sobre cedeas de pão passadas em manteiga.

CARPAS A' LA PARISIEN...

Cortem-se as carpas em filetes e deite-se em uma terrina, com sal, pimenta, especiarias, alguns cravos da Índia, cebolas em roda, maugericão de uma hora. Em seguida escorram-se os filetes, esfriem-se e frijam-se em azeite ou manteiga, servindo-os com uma guarnição de salsa também fria.

FILETES DE GALLINHAS A' L'IMPERIALE

Limpem-se as gallinhas e tirem-se-lhes os filetes do peito, que se immergirão em agua fria, achatando-os depois levemente com o cutello.

Tire-se-lhes a pelle e um nervo, que os filetes mais pequenos teem ao comprido. Aparem-se e deitem-se n'uma frigideira com manteiga e sal.

Quando estiverem prompto untam-se com clara de ovo, enfiçam-se com tubarás recortadas e temperam-se de sal.

A' hora do serviço, embulhem-se em um papel untado de manteiga e levem-se ao forno deixando-os passar, mas não corar e sirvam-se com o seguinte molho: Deita-se n'uma caçarola uma mão de vitella, alguns ossos de gallinhas em pedaços, tres cebolas pequenas, uma cenoura, pimenta, pouco de sal e um ramo de cheiros. Deixe-se cozer tudo isso brandamente por espaço de um quarto de hora, sem deixar corar e junte-se-lhe algum caldo até cobrir os ossos. Logo que o caldo ferva, retira-se a caçarola para o lado do lume, deixando-o cozer de vagar, durante tres horas. Findo este tempo passa-se o molho por um panno, desengordura-se, junte-se-lhe uma pouca de substancia de molho, deixa-se reduzir um pouco e serve-se com os filetes.

O MENU' DE MEU MARIDO

OVOS A' LA POULETE

Ferva-se n'uma caçarola um copo de leite, misturado com uma pouca de manteiga e temperado de pimenta e sal. Juntam-se

alguns ovos cozidos cortados em quatro, salsa picada e uma cebolinha inteira, que se tirará na occasião de se servir os ovos. Deixe-se cozer tudo por espaço de alguns minutos, lique-se o molho com uma pitada de farinha e sirva-se.

COSTELLETS DE VITELLA A BORDALEZA

Lardeiem-se as costellas com bocadinhos de pepino e anchovas, ponham-se de molho em azeite durante vinte ou trinta minutos, embulhando-as depois em toucinho fresco, e pondo-as a fritar em manteiga, pimenta e sal, e um pouco de caldo.

BROCULOS A' FRANCEZA

Tirem-se aos broculos as folhas do pé, mas conservem-se inteiras.

Coza-se tudo em agua a ferver temperada de sal, em vasilha coberta, com dez grammas de manteiga e um fio de vinagre.

Conhece-se que os broculos estão cozidos quando se lhes espete um garfo com facilidade.

Tiram-se então do lume, mas conservam-se na agua para que não se esfriem. Faz-se um molho branco vulgar, ligado com duas gemmas d'ovo aniassadas, escorrem-se os broculos, dispõem-se em pyramides n'um prato e regam-se com o molho.

GELEA DE MAÇAS

Escolham-se maçãs reinetas, que são as melhores para geleia, descasquem-se, cortem-se em quartos, tirem-se-lhes os caroços e vão-se deitando as maçãs em agua, para não ficarem amarellas. Deitem-se em seguida n'uma vasilha, com bastante agua e cozam-se ao fogo vivo. Quando cedem a pressão do dedo, escorram-se n'uma peneira, recolhendo o succo n'uma terrina. Ponha-se esse succo sobre um bom fogo, com meio kilo de assucar esmagado, para cada meio kilo de succo e junte-se-lhe algum sumo de limão para cada vinte e cinco maçãs.



Vida feminina Arte e ciência e letras

Exposição Bertha Worms

S. Paulo apreciou a arte de Bertha Worms, cuja exposição, pintura, na Casa Editora "O Livro", constituiu um bello certamen artistico.

Bertha Worms nada tem de rebarbativo, de exótico, de artificioso na sua arte. E' simples, expressiva.

O cubismo, o futurismo a preocupação pre-raphaelita, victoriosa mesmo entre nós, e afirmada com duas exposições de jovens artistas brasileiros. — Di Cavalcanti e Helios Sellinger — não a atraem.

O exotismo manceiro não está nos seus methodos de realiação. E' por isso que seus quadros agraçam, retemendo uma arte tradicional e serena, essa arte que por ser equilibrada e humana, ha de ser eterna.

Pelos flagelados do Norte

O coração feminista paulista não deixou de pulsar piedosamente, á lembrança da miséria e da angústia que flagelam o norte.

E' assim que gentis senhoritas da nossa fina sociedade, exímias cantoras e pianistas, organizaram festivales de arte, cujo producto foi destinado aos nossos miseros irmãos do norte.

Jornalista brasileira no Uruguay

Esteve em S. Paulo D. Lia Fonseca, brasileira de origem e que se publica em Porto-Rico, D. Amparo Fernandes Nater assigna um bello artigo sobre a campanha anti-tuberculosa, naquella cidade.

O trabalho, lançado sobre bases scientificas seguras, que demonstram a erudição da sua autora, trata da prophylaxia do terrivel "morbus" que devasta á humanidade.

Mostra ao mesmo tempo as preocupações da alta finalidae social a que se dedicam hoje em dia as mulheres. Entre nós, tambem o exemplo deve ser seguido. O campo das especulações scientificas não deve ser um jardim fechado á actividade da mulher.

Notas scientificas

No "Heraldo de la Mujer", bella e gaharda revista que se publica em Porto-Rico, D. Amparo Fernandes Nater assigna um bello artigo sobre a campanha anti-tuberculosa, naquella cidade.

O trabalho, lançado sobre bases scientificas seguras, que demonstram a erudição da sua autora, trata da prophylaxia do terrivel "morbus" que devasta á humanidade.

Mostra ao mesmo tempo as preocupações da alta finalidae social a que se dedicam hoje em dia as mulheres. Entre nós, tambem o exemplo deve ser seguido. O campo das especulações scientificas não deve ser um jardim fechado á actividade da mulher.

Lady Astor e Lady Wernher

Conforme se esperava, Lady Astor conseguiu eleger-se Camara dos Comunes, habendo com 14,495 votos o candidato trabalhista, W. T. Gay, que obteve 4,292 votos e o liberal, Isaac Foot, que apenas conseguiu 4,139.

Lady Astor, candidata unionista, é a primeira mulher que terá assento na Camara dos Comunes.

Na cidade de Luton começou-se a fazer uma seria campanha para levar Lady Wer-

nher a ocupar o lugar de governadora daquelle cidade.

Aé esta data não ha na Inglaterra nenhuma representante do feminismo nos governos municipaes.

Precocidade maravilhosa

Nunca, nos annaes literarios, se deu um facto, ou melhor, se registrou uma estrêla literaria que causasse tanta sensação, como a estrêla da menina Diana Bridgeman, em Londres que acaba de publicar o seu livro de contos, "Poemas e Quadros". Ella conta apenas 12 annos de idade, filha mais velha do conde de Bradford.

Esse livro foi prefaciado por sua mãe, condesa de Bradford, que diz, nas primeiras paginas da obra:

"O trabalho era publicado é original, pois não soffreu qualquer correcção. Foi escripto pela autora, entre os oito e doze annos de idade que com elle preenchia, por mero divertimento, as suas horas de recreio. A autora recebeu as primeiras lições de desenho aos seis annos de idade, produzindo muitos trabalhos, com os quaes presentou os amigos da família".

Segundo os mais abalizados criticos, o livro "Poemas e Quadros" nada deixa a desejar. Os poemas e desenhos versam e são allusivos a historias de fadas, seretas, criancas, estrellas e outros assumptos peculiares a uma imaginação infantil.

Capacidade Juridica da mulher

Finalmente, na Itália, segundo informa um jornal official de Berna, foi publicado o decreto que approva o regulamento concernente á lei, presentemente creada, que reconhece a capacidade juridica da mulher, abolindo a formalidade da autorisação marital.

E' de tal importancia esse decreto, que prescindimos de qualquer commentario, contentando-nos com registalo.

Mulheres magistradas

Na Inglaterra acabam de entrar para a magistratura algumas mulheres. Essa novidade é tanto mais surpreendente quanto é verdade que a Inglaterra, apesar de ser a patria do feminismo, é um paiz immensamente conservador. Se a noticia nos viesse dos Estados Unidos da America do Norte, não haveria de surpreendente porque nestes paiz são possiveis todas as reivindicaciones femininas. Mas a nomeação de mulheres para cargo de magistratura na Inglaterra, é realmente para espantar.

A propria sr. Lloyd George tem presentemente assento numa corte de justiça do Paiz de Gales.

Não é somente nos tribunaes que as mulheres inglesas têm assento, ultimamente: tambem para juizes singulares já têm sido nomeadas algumas dellas.

Ainda no dia 31 de Dezembro passado, em Stalybridge, uma senhora tomou posse da sua cadeira de juiz.

E' provavel, é quasi certo que pegue a innovação. Ninguém, de boa fé, pôe mais em duvida as attitudes da mulher para cargos de responsabilidade no governo e na magistratura.

Entretanto, que disse a Franca a proposito disso? E' interessante saber. Um chronista parisiense disse que é daveloso que a innovação pegue. Vejamos o que elle disse:

"Seria uma experiencia terrivel para o feminismo, se os legisladores francezes se lembrassem de adoptar tambem essa idea da mulher magistrada. No caso do juiz singular, sobretudo, e mesmo para os processos de pequena importancia, que arma nova e terrivel nós confiaríamos a nossas companheiras! A mulher-juiz, á primeira vista, não parece uma fantasia de poeta, o ultimo acto de uma peça de Shakespeare ou de Musset, a conclusão de um capitulo de "Heptameron" ou de um conto de La Fontaine? Levam suas contendas perante ella não é inclinar-se previamente ante o sentimento, deixando de lado a razão? Não é jogar com o capricho, far-se do imprevisito, arriscar a fantasia? Não é perder o beneficio dos mais solidos argumentos que se guardavam em reserva, para tentar vencer por um sorriso, por uma lagrima, por uma phrase de espirito, por um gesto apaixonado, num minuto de emoção que perturbaria a alma do nosso juiz?"

O Suffragio

Segundo noticia de Santa Fé (Estado de Novo-Mexico) o poder legislativo deste Estado ratificou a emenda imposta á constituição referente ao suffragio feminino.

Este é o trigésimo segundo Estado que ratifica a emenda em questio.

De 12 em 12 horas assassina-se uma mulher no Brasil!

Uma estatística criminal que foi feita por um curioso sobre o numero de mulheres assassinadas "por amor", nas principaes cidades do Brasil, em 1919, dá a cifra espantosa de 500 e tantos daquelles crimes, o que equivale a dizer que de 12 em 12 horas mata-se uma mulher no Brasil... "por amor"!

E' horrivel de pensar na progressão em que vae aquella monstruosa estatística, e mais horrivel e monstruosa ainda é o cancro social do nosso jury, que a todos os assassínios absolve por privação de sentidos.

Transcrevemos, a seguir, uma chronica de Bastos Tigre, o admiravel humorista:

O "semanal" dos matadores de mulheres não teve nenhuma nota de especial relevo.

O "semanal"... não estranhe a expressão: os apaixonados a tiro e punhal deram para ter o seu caso por semana, como a Associação Commercial ou a Sociedade de Agricultura têm as suas "semanas". O termo está consagrado no patá da imprensa que o tem de estender nos assassinios por amor e ciúmes.

O de ante-hontem, identico a tantos outros, resume-se como os outros tantos, em poucas palavras: um individuo casa-se, põe alguns filhos no mundo e uma mulher no inferno; logo após os primeiros annos de casamento, descobre que não era aquelle o matrimonio dos seus ideaes, tal qual os republicanos historicos verificaram não ser esta a republica dos seus sonhos, delles.

A volta no regimen antigo da pena gálgica seria, para o esposo arrependido, o remedio indicado; a mulher que lá se houvesse, enfiando de si e dos filhos, como fazem as viúvas que



menagem á castidade e á innocencia que li-
sonejava a escolhida e lhe dava direito ao tí-
tulo gentil de "rozière".

Ora, as chronicas da aldéa registaram um
facto inaudito: as "rozières" ficaram gréve-
l. O conselho communal havia-se reunido para
designar a mais virtuosa rapariga, escolhera
uma cujos predicados indiscutíveis indicavam-
na para a alta honra e havia-lhe communican-
do, nas formulas habituaes, a feliz noticia.

A rapariga agradeceu, depois quiz saber qual
era a quantia designada como premio da sua
virtude. Disseram-lhe que não era mais de
250 francos.

—Como? respondeu a rapariga sacudindo os
ombros, é para ser recompensada com uma
tão modesta quantia que eu resisti altivamente
a todas as tentações? Isto significa que se
considera muito pouco a virtude no meu país,
ou que ella tem muito pouco valor!

E exigiu com energia um augmento do
premio.

Nos Estados Unidos, no Estado de Wis-
consin, deu-se outra gréve, que mereceu regis-
tro.

Tendo sido negado ás suffragetas um pa-
vilhão novo feira estadual, organizada pelo pro-
prio governo do Estado, as mulheres formula-
ram a seguinte ameaça:

—Se menos que esta decisão não seja revo-
gada, nós boicotaremos a feira e cessaremos o
cumprimento de nossos deveres de mulhe-
res: de lavar a roupa, cozinhar as refeições,
lavar os pratos, varrer a casa, espumar a mo-
lissia, lavar as vidraças das janelas, remendar
as unhas, engraxar as botas dos nossos ma-
ridos.

O "New York Times" fazia porém observar,
nessa occasião, que as mulheres que na Amé-
rica do Norte executam os deveres especifi-
cados pelas mulheres do Wisconsin são tão
raras quanto a roca e o fusão.

Também na Africa existem mulheres evo-
luidas... e organisadas.

Em Marznik, capital do Fezzan, não é rara
a gréve das mulheres. Se uma mulher é of-
fendida e não obtém logo a devida satisfac-
ção, dirige-se á Cheika chamando-a com o grito
característico de "zignaret". A Cheika, depois
de ouvir as suas razões, reunete com o mesmo
grito todas as outras mulheres que desertam o
mercado dois ou tres dias.

A gréve é geralmente feliz com a interven-
ção de algum funcionario. O offensor é con-
denado a uma multa que em geral consiste
numa certa quantidade de perfumes e man-
teiga para a "toilette" das cabellós. Os funcio-
narios compositores das gréves são muito res-
peitados e estimados pelo bello sexo.

Numa fabrica de lãns do Lancashire o di-
rector, um bello rapaz, havia, sem querer,
roubado o coração de todas as suas dependen-
tes, uma das quaes, um bello dia, lhe polou
o petecote e deu-lhe um beijo. O director, in-
timidado, despediu-a. Mas apenas as outras o su-
peraram, enlureceram-se e pediram que a cul-
pada fosse realinhada ao trabalho e a dis-
cordia tanto se exacerbou que as operarias se
puseram em gréve. E venceram-na: a rapa-
rigo do beijo foi de novo accetida.

Outra gréve feminina não menos bizarra
declarou-se em Londres, em uma casa de ne-
gocios. Era verdade e fazia um calor suffocante.
As senhoritas decidiram abrir as janelas mas

o director oppoz-se a isso: dahi o abandono
do trabalho.

Em South Norwalk, no Estado de Con-
necticut, ha uma fabrica que occupa trezentas
operarias. O chefe tinha o intento de nomear
tres inspetoras, escolhendo-as entre as ope-
rarias mais antigas. Pediu para isso a cer-
tido de nascimento das trabalhadoras. No dia
seguinte nem uma se apresentou ao serviço!
As telefonistas de Stockholm recorreram á
arma da gréve para defender a liberdade de...
pentearem-se segundo a moda do dia. Esta-
va então em voga o penteado á Cito de Mé-
rois que cobria as orelhas e que por isso não
parecia muito proprio para as telefonistas
que devem ter, ao contrario, as orelhas des-
cobertas. Os superiores prohibiram tal pen-
teado. Mas as senhoritas abandonaram o tra-
balho e não o retomaram senão depois de
obtida a victoria.

O habito muito espalhado entre os mendigos
de todos os países de andar com crianças
para mais entrever, tornou-se tão geral na
Polonia que deu origem a uma verdadeira in-
dustria. Em Varsovia o preço médio de uma
criança assim emprestada era de quarenta
centesimos por dia; e quanto mais feia e de
aspecto doctio, mais alta cotação tinha.

E visto o dia de Anno Bom render mais
aos mendigos, as tristes mães que especulam
com a sua prole, pediram para esse dia tarifa
dobrada. A recusa dos mendigos, ellas res-
ponderam com um gréve geral e durante uma
semana não se viu mais nenhuma "mãe des-
graçada" nem uma "criança pobre" estender
a mão aos passantes.

Conselhos ás donas de casa

Eis aqui nos excellentes conselhos que a
escriptora americana Maria Firm dedica ás
donas de casa.

"Reza antigo e conhecido proverbio:
"quem sabe obedecer sabe mandar". Com
efeito, uma senhora que nunca entrou na
cozinha, nem sequer para preparar um doce;
que não põe numa agulha para entreter o
tempo; que não sabe o que lhe falta em ca-
sa, poderá brilhar num salão, poderá en-
cantar em sociedade, mas não será nunca
uma boa dona de casa, e é impossivel que
o marido e os fillos estejam sempre satis-
feitos e a seu gosto, porque não se vive so-
mente de exterioridades.

Parece que essa elevada posição social
deve eximir de certos cuidados; accredito,
apezar de dissentir da opinião de muita gen-
te, que deve ser justamente o contrario, por-
que a casa mais difficil de administrar, não
obstante os majordomos e camareiras, é
justamente aquella que dispõe de muitos
criados. A mulher que não faz um estudo
por si mesma da confiança que deve inspi-
rar-lhe cada um delles, deixará muito a de-
sejar. Como terá a necessária energia para
enfrentar as difficuldades que surgem? Co-
mo evitará as lutas internas entre o pessoal
que a rodeia?

Não ha negar que as difficuldades que, ho-
je mais do que nunca, apparecem, devido á
anarchia social, tornam quasi impossivel en-
contrar bons criados.

E', pois, hoje-a grande preocupação do-
minante das familias de qualquer posição, a
escolha do pessoal de serviço, porque já se
foram os tempos em que os criados nasciam
e morriam numa mesma casa; não existe
mais, na actualidade, esse tipo de servido-
res antigos. Em contraposição os que os
substituíram, são infernaes.

Consultam-me algumas pessoas sobre o
systema que poderiam adoptar para serem
melhor servidos.

E' um problema arduo, porque não depen-
de apenas da dona de casa pôr em pra-

tica os meios de conseguir isso. Seria ne-
cessario escrever dois colligos: para os pa-
tões e para os criados.

Darei, portanto, sem grande convicção,
algumas breves indicações.

Não exigir muito dos criados; procurar
desde o primeiro momento que conheçam e
cumpram as suas obrigações, dando-lhes pa-
ra tal fim o tempo sufficiente.

Se tolerante com as faltas que resultam
de motivos involuntários, nunca com os que
possam prejudicar o serviço.

E, por ultimo, preferir as pessoas simples
às pretenciosas e exigentes, porque aquellas
se amoldam ao serviço que dellas se espera".

...

A resistencia dos microbios

Observações espantosas

E' sabida a resistencia dos microbios. Um
experimenter francez, ha coisa de uns vinte
annos, collocou em ampoulas de vidro uns
tantos microbios productores de certa epi-
zootia que grassava nos rebanhos de Fran-
ça. Ao cabo de quatorze annos, elle quebrou
as ampoulas e observou aquelles organis-
mos Estavam hibernados. Submettidos a
uma temperatura mais favoravel, começa-
ram a virar, e, o que é mais para admirar,
apresentaram-se dotados de um poder mai-
or de infecção.

Mas a descoberta do sr. Galippe, recente-
mente feita, é ainda mais assombrosa.

O sr. Galippe, segundo communicação
apresentada em uma das ultimas sessões
da Academia des Sciences, acaba de desco-
brir, no tecido de um papyrus da época pto-
lemaica, bacillos ovoides e microcoscos que,
após tres horas de hydratação, se mostra-
ram dotados de movimento.

O seu somo durou cerca de 21 seculos,
pois elles são identicos aos que revela o
exame de grãos e hastes do "Cyprus" que
os antigos egypcios empregavam para a fa-
bricação do seu "papel".

As experiencias do sr. Galippe, anterior-

mente feitas, já haviam deixado comprovada
a resistencia dos infinitamente pequenos ao
calor e aos antisepticos; os seus trabalhos
de agora vêm demonstrar que tambem o
tempo não tem accção sobre elles.

TUBERCULOSE

é difficil de curar-se.
O prudente é evita-la
tomando-se aos pri-
meiros indícios de
Fraqueza Pulmonar
a afamada

Emulsão de Scott

Indiscutivelmente o
melhor preparado de
Óleo de Fígado de
Bacalhão. Suavisa
os bronchios e os
pulmões e augmenta
poderosamente a
nutrição de
que se necessita
para combater
a molestia.

Sem Alcool.

Exige sempre
esta marca.



JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas comunicações de nossas leitoras, bem como produções literárias que não excedam de 60 linhas em prosa e de 14 em verso.)

E' nosso intuito desenvolver assim o gosto litterario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções litterarias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas).

CARIDADE

Flór mimosa que impregnas teu finissimo aroma nos corações virtuosos do christianismo, eu te admiro excelso conforto dos miseros mortaes!

Dilecta filha de Deus, tu, que ascendes impolluta pelo espaço afóra, onde quer que te chame a voz afflicta da esposa infeliz que vê chegado o ultimo momento do moribundo companheiro; tu, que corres a mitigar a dôr da mãe que vê seu filho encerrado n'um esquiife; tu, que entras na cabana do pobre saciando a fome áquelles infelizes para quem não brilha um raio de esperanza, volve os olhos lá para cima, para os irmãos queridos que, naquellas terras abrazadoras, lutam com a fome, com a sede, com todas as misérias juntas.

Une os corações de nós todos felizes.

Felizes sim que habitamos um clima ameno, e que todos reunidos, num só impulso, levemos, aos nossos patricios do Norte, o obulo do auxilio, o obulo da esperanza!

A' semelhança daquella Rainha Santa que levava aos pobresinhos o regaço cheio de pão, que á vista de sen esposo tyrano, se transformava em rosas, levemos ou enviemos-lhes nós tambem o producto de nossas economias, já na compra d'um vestido, já na privação d'um theatro ou na redução de nossas despesas quotidianas, que nada custando a fazer, são, entretanto, nobres, nobilissimas virtudes aos olhos de Deus.

Quem sabe se essa pequena importancia adquirida no fim de cada semana, quantas lagrimas que irá estancar? quanto soffrimento mitigar e quanta fome irá saciar? nada custa subjugor o prazer de vestir um vestido novo, podendo desse modo concorrer para aliviar o atroz soffrimento que ha de ser o da fome aos nossos queridos irmãos que do Ceará nos estendem suas esqueléticas mãos.

São vossos bellos gestos outras tantas rosas que offereceis ao throno de Deus que do céu vos recompensará.

Lembrae-vos, Senhoras, que é a Caridade o mais bello apanagio da alma feminina.

Rio Preto, 15—2—920.

Dulce.

A's colleghinhas do "Jardim fechado"

Ao pisar, pela primeira vez, o sacrario que é o "Jardim fechado", apresento ás queridas companheiras o meu saud affectuoso, acompanhado de innumerables felicitações pela entrada do anno novo, fazendo votos para que elle nos seja rico e prodigo em alegrias e paz.

Desejosa de satisfazer uma curiosidade, aliás muito natural, venho rogar ás prezadas amigas a fineza de esclarecer-me sobre o seguinte:

1.º A quem se devem o pensamento e a execução da Bandeira Brasileira?

Ainda não me foi possivel obter, neste sentido, o mais insignificante esclarecimento. No entanto, o cerebro que produziu tal sublimidade, penso, devia ser tão conhecido como os proprios fundadores da nossa Republica.

2.º Qual o melhor preparado para o enfraquecimento prematuro da vista?

Lena Siszy.

Grão-Magol.

Mlle. Nair.

Tenho acompanhado, com um interesse que a senhora não imagina, a collaboração das leitoras desta secção no assumpto referente aos sonetos brasileiros. Num dos numeros passados da "Revista Feminina", vi publicadas, com prumo, umas quadras de não sei quem, offerecidas á apreciação do mademoiselle como soneto. A sua enquete, que teve, como era de esperar, um tão grande successo, visava apenas os sonetos. Não sei, pois, por que a tal collaboradora, cujo nome não me lembra, lhe enviou aquellas quadras. Mas eu não lhe escrevo esta carta para discutir esse assumpto, que, de resto, não tem importancia nenhuma. Eu escrevo-lhe para contribuir tambem para a sua collecção, que já é bastante grande, mas onde cabe, sem duvida, o meu pequeno contingente. Demais, mademoiselle Nair não poz um limite á collectanea.

Como já viu pelo interesse que tomei pela sua "enquete", gosto de sonetos. Para mim, não ha nada, em arte, que traduza, como o soneto, tanta emoção e faça pensar tanto como essa forma da poesia. Eu tenho de cóp, para o meu uso, mais de trinta sonetos. Prefiro sempre os decasyllabos. Dentre elles, destaco um que tem por titulo "Ambição", de Thales de Mello, que acho magnifico.

AMBIÇÃO

Na incerteza em que vivo, na illusoria
E dolorosa angustia em que me vejo,
Ocellillo, entre o desanimo e o desejo,
Numa vaga esperanza de victoria.

Amo-te loucamente. Amo-te e almejo.
O' namorada e inatingivel Gloria,
Sentir, na minha frente merencorea,
A divina dequda do teu beijo.

Martyriso-me, na intima tortura
Dos poetas — desespero que sublimas,
Sonho impossivel que me configura.

E vendo que de mim não te aproximás,
No desconcolo desta vida obscura,
Envelheço, entre lagrimas e rimas...

Esse soneto eu vi publicado, entre outras composições do mesmo autor, na "Revista do Brasil", num dos seus ultimos numeros. E' lindo, na verdade, não acha?

S. Paulo.

Thereza Vox.

Nair Veiga.

Constantemente me lembro de lhe enviar, por esta secção do "Jardim Fechado", uma carta, mas tem-me faltado o animo. Gostei immenso da sua iniciativa de colleccionar, de accordo com o gosto de cada uma das collaboradoras desta secção, os melhores sonetos brasileiros. Dentre os que têm sido publicados, alguns me encantaram, alguns me deixaram indifferente porque não encontrei nelles emoção nenhuma e alguns, a maior parte, me desagradaram de todo. Bem

sei que a galante Nair não tem culpa de que meu gosto não se harmonise com o gosto das colaboradoras que acudiram ao seu apello. Bem sei que não se trata de uma selecta de sonetos para ser apreciada por artistas e poetas, mas sim de uma collectanea especialmente organizada de accordo com o gosto particular das moças. Sendo assim, é-me permitido tambem offerecer o meu contingente, porque eu tambem sou uma ardorosa e entusiastica apreciadora de sonetos.

A collecção de sonetos que tenho, recordados de revistas e jornaes, daria para mais de dez volumes! Imagine!

Dentre elles, os que mais me agradaram e mais fundamente falaram ao meu coração, são estes dois do poeta paulista Julio Cesar da Silva, que submetto á criteriosa apreciação de Nair.

Eil-os:

HONTEM E HOJE

Partia. Voltava. Com a alma a tudo affecta.
Acolhe, resignado, a deventura
De que, afinal, tortura por tortura,
Fiz a mais farta, a mais cruel colheita.

Nem mais sique a sua mão enjeita,
Nem mais dos labios afastar procura
Esse traço de fel e de amargura
Que o mão destino em sua taça deita.

Hontem, a alma sem freios e sem brida,
Tendo sonhos e risos por escola,
Partia. Hoje, a tarefa concluida.

Regressa: ao regressar, suspiros solta,
E o bastião rico que levou na ida
Lhe serve de muleta para a volta.

CIUMES

Rallia-me, sim: mas rallia, tu, que és boa.
Usando em dósse egual fel e doçura,
Sem lampejos no olhar nem phrase dura,
Mas com o olhar meigo e a phrasa que perdona.

Não faças nunca uma censura á tua:
Quando hajas de o fazer, antes procura.
Adequando-lhe e fel, uma censura
Que não amargue muito e que não dóa.

E's ciumenta demais. Tens o costume.
Que têm, de resto, amantes ou esposas
De tempear amor com acedume;

Mas sabes bem e confessar não ouças
Que, como o microscopio, tem o ciúme
Essa virtude de augmentar as cousas...

Ahi estão elles. Eu acho-os lindos, muito suggestivos e executados com uma grande arte. Que pensará delles a Nair Veiga?

Mogy-Mirim.

Rosa Raiza.

NATAL ENTRE ROSAS

Bertha seismava!...

No pináculo da collina, a ermida, graciosa e louça, destacava-se do espesso rendilhado das arvores pela nitidez das suas paredes claras. Banhavam-n'a os ultimos reflexos do sol poente, e aquellas reverberações de sombras e luz, tinham a ternura dulcificada e nostalgia de um sorriso. O lindo campanário badalava naquella instante a hora suavissima do Angelus, e um quê de pungente transmitido á saudade daquella echo, repercutia no silencio dos bosques floridos, como tremulantes e longinquo arpejos de Chopin... A languida fragrança das rosas crestadas; as pequenas nuvens que passavam ligeiras e alpinas sob um firmamento d'ouro e azul, tremulantes como se fossem azas d'anjos a voçejarem vaporosas e intangíveis na serenidade tropical do nosso céu... O leve murmuro de zephíro romorejando caricias através da exuberante folhagem das rosas, como numa escala inebriante de osculos ligeiros e subtilez! Ou a doce melodia de uma voz a ciclar dulcissimos segredos... Emfim!... Toda esta orchestração do bello, do amor, da prece e harmonia da natureza em Deus! Vinha tão languidamente insinuar-se com o infinito na sua melancolia, que a meiga almasinha de Bertha, como que fundia-se no tabernaculo da natureza em flôr, evolvendo-se, juntamente com o perfume das flores em ondas de fragranças, impalpáveis, flutuas, estheticas, ao céu translucido e sereno... Um mez?? A eternidade do seculo contida no envolver de um mez. Não mais os extasis d'out'ora, porque no plenilunio do sonho surpreendeva a da

dor a aspreza! e do passado, agora, apenas restava-lhe uma triste reminiscência tão perto, mas tão distante?...

Talvez que o destino insondavel fizesse um dia, ainda renascer das cinzas daquelle amor maguado, channas de uma vez profunda; tambem das cinzas aniquiladas do Vesuvio surgem imprevisitas lavas. Porém, a injusticia eruel daquelle abandono vibraria como signal indelevel no mais occulto da sua sensibilidade como o sentir de uma infinita tristeza no infinito de uma resignação. Como as rosas do seu jardim, o seu meigo romance tivera a mesma ephemera existencia!... Lembra-vase que foi em Março, a vez primeira que o viu, e que nunca mais podera olvidar a sua pallida imagem?... Com o decorrer das dias o seu idyllio augmentou. Semi curvava levemente as palmeiras e o revia em sua alta esbelta estatura, cabellos negros de azeviche, olhos escuros; aquellos olhos sob os quaes a sua vontade parecia esvacecer ante a luz de tanta vida!... Agora ia esperal'o todas as manhãs e tardes entre as suas rosas queridas. Algumas vezes fugia para o rio com as suas amiguinhas, e Elle, lá estava esperando-as para remar o brango barquinho que fluctuava suavemente á tona das aguas crystallinas como uma concha de pérolas bonduzindo um esplendor de Nereidas. Depois... sem que ella soubesse porque?... Debalde o esperou debruçada sobre o varandim do seu curramãocho em flôr?... Arrafos? Ciumes? Tem por acaso alguma culpa, ou mesmo pode exilar, a rosa meiga e sinceramente enamorado do zephíro, as lionçejãs imperipencias do travesso Colibri?... Que tão eccentrica e inexplicavel maneira de pensar? O inverno aproximava-se confundindo-se com o inverno do seu coração. Sua familia deixaria... no dia seguinte. Ella tinha espargido rosas, sempre rosas e magnolias sobre o solo, nos jarros e moveis do seu quarto, e adormecera sobre as flôres... Muito tarde despertou ouvindo um canto que vinha do bosque num rythmo melodioso e dolente:

(Letra da valsa: "Quando o amor morre")

Lorsque tout est fini. Quand se meurt

Votre beau rêve.

Pourquoi pleurer les jours enfuis?

Retenir les songes partis?

Les baisers sont fletris. Le roman vite s'achève.

Pourtant le cœur n'est pas guéri.

Quand tout est fini!!

Mais un beau jour, pour rien sans cause

L'amour se fane avec les fleurs;

Adieu, printemps! déjà l'automne

A dépouillé les prés, les bois.

Et voir tout has étiolé

De n'aimer plus comme autre fois.

Berthazinha traduziu com interesse os versos daquella musica suggestiva. Adeus, primavera querida daquella Natal de...! Adeus, puro devanço de um dia!... Sim: se Elle, agora não tinha sabido emoldurar com a ternura e solida constancia do seu affecto a meiga ternura do seu coração, o que lhe reservaria o futuro?... Devia esquecer... Mas... os seus divinos olhos azues potaram suavemente sobre todas aquellas magnolias que Elle, tanto e tanto queria! e a lucida alvorada do seu pensamento liquifica-se no crepusculo nevado de uma lagrima!...

Pernambuco, Recife, 10—12—1919.

Luiza Cavalcanti, Cirurgã-Dentista.

Sra. Redactora.

Peço venia para lembrar á illustrada redacção da "Revista Feminina" a criação de uma secção musical onde sejam publicados trabalhos ineditos de artistas patricios e trechos de artistas estrangeiros. Refiro-me a musicas escolhidas que nos venham desenvolver o gosto artistico e o senso esthetico.

O nosso povo tem um gosto especial pelos tangos, valsas, rag-times etc., desprezando as musicas classicas.

Acho muito justo que apreciemos essas musicas que falam tão de perto ao coração de nossa gente, mas urge que tenhamos uma educação musical mais perfeita para que não se reproduzam factos como este que ha pouco se deu numa das nossas capitais: Um maestro estrangeiro deu um concerto; pois diversas pessoas retiraram-se do Theatro antes do fim por que não puderam suportar a sensaboria das musicas classicas! Se a minha idea fór accolta terai immenso prazer.

Potyguarina.

Consultorio Medico gratuito

DA "REVISTA FEMININA"

D. M. F. B. — Ibaté. — A senhora queixa-se de ter tido ha poucos mezes um aborto e que desde essa occasião soffre de perdas sanguineas quasi que diariamente, tendo por isso ficado enormemente debilitada, tem tonturas e vertigens]

Com toda certeza, a senhora está com uma metrite hemorrhagica e os medicamentos internos e applicações locais não dão resultado satisfactorio. A senhora deve se recolher a um hospital, procurar um especialista e fazer-se operar. Depois de poucos dias de feita a raspagem uterina, poderá voltar aos seus affazeres.

Si está muito debilitada e emquanto não se resolve a aceitar o meu conselho, tome um tonico que contenha ferro, ha tantos, pode usar com toda a confiança o preparado Guderin, que é excellenté.

D. O. N.—Conta-me V. Excia. que "está gravida presumivelmente de trez mezes e tem vomitos diarios". V. Excia. não deve se assustar com o que está lhe acontecendo: os vomitos durante a gravidez são communs e raras vezes attingem grande intensidade, de modo a perturbar gravemente a saude. Sendo entretanto um phenomeno desagradavel, devem ser combatidos.

Eu lhe aconselho a formula seguinte, com a qual tenho obtido bons resultados:

Estovaina 30 centigrs.
Sulfato neutro de atropina 5 milligrs.
Agua chloroformada . . 10 grammas
Solutio a 1%/100 de adrenalina 10 grammas
Tome 5 gottas 4 vezes ao dia.

Ha casos de vomitos incoerciveis, nos quaes a saude e a vida da mulher correm grandes perigos; felizmente esses casos são raros. Tem-se empregado nesses casos solução de adrenalina, só de veia renal de cabra gravida, e quando os phenomenos crescem de vulto, o medico é obrigado a lançar mão do ultimo recurso, que é a provocação do aborto, cousa de grande responsabilidade e que só deve ser feita depois de um laudo unanime de diferentes profissionais.

E. C. — Capital. — Talvez eu me engane, mas desconfo muito que V. S. seja um marmanjo, em todo o caso

a sua historia é clara — teve uma erupção, está actualmente com feridas na boca, tem dór de cabeça, doem-lhe as canellas, sente dores rheumaticas em differentes articulações. O seu mal é avaria, e o unico remedio desta é constituído pelos preparados de mercurio, 914. Póde, si quizer, tomar Elixir de Sucupira composto, é de effeito seguro.

Sta. A. S. — Si acredito na efficacia da Agua da Beleza? Sim, de olhos fechados, é a que uso em casa e com excellenté resultado. E póde crer no reclamo que

della faço: é gratis, só conheço o fabricante de nome. Si ao menos elle me mandasse uns vidros, eu economisaria em beneticio do... proprietario que me augmentou o aluguel.

L. B. — Velho medico, respeitavel pela idade e pelo saber, a uma senhorinha noiva ha dois annos, e que se queixava de emmagrecimento continuo, fraqueza, falta de appetite, receitou banhos... de egreja. Não fosse isso receita de um esculapio encanecido e seria um grande desaforo, não concorda? Por essa razão eu, que ainda não sou respeitavel nem pela idade, nem pelo saber, nunca receito banhos... de egreja. Receito um passeio ao interior do Estado, distracções, alimentação sadia, e um tonico. Ha diversos, experimente o que indiquei á primeira consulente.

A diversas consultas respondemos por carta.

Pedimos encarecidamente que as consultas venham com informações, detalhadas, principalmente quando se trata de crianças é imprescindível saber a idade, estado de saude dos paes, irmãos, para que se não veja a braços com serias difficuldades o

DR. JOENFI.



ber a idade, estado de saude dos paes, irmãos, para que se não veja a braços com serias difficuldades o

Dr. F. A. Dell'Ape

Ex-interno por concurso de Clinica Obstetrica da F. de Medicina

TELEPH. 468 BRAZ

CONS. AV. R. PESTANA, 130
DAS 3 AS 5

ENTRE DUAS ALMAS

Continuação do numero anterior

Valderez murmurou um "obrigada", e retirou-se. Ghiliac seguiu-a com os olhos, tornando depois para o gabinete. Com um gesto impaciente, afastou a poltrona onde se sentara, havia pouco, a moça:

"Decididamente, é irreductível essa antipathia! disse entre si. Que razões de queixa tem ella contra mim? Julguei que isso não passaria de uma crâncie de menina devota, saltada de escrúpulos. Quiz castigá-la, porque, primeiramente, isso feria fundo o meu amor-proprio, e depois eu não podia proceder de outro modo com uma criatura que me declarava a impossibilidade em que estava de amar-me. Pensei conseguir, em pouco tempo, fazê-la mudar de opinião e julgar-se muito feliz por eu querer olvidar as palavras pronunciadas por ella. Mas não! Dir-se-ia até que a sua desconfiança para commigo augmenta de dia para dia! E é por essa mulher que me desdenha, que eu, commetti a primeira loucura em minha vida, — uma innominavel loucura, porque afinal esse pobre diabo parece-me quasi um moribundo e tem uma cara que me é summamente desagradavel. Mas como resistir áquelles olhos... e áquella alma feita de caridade e delicada bondade? Só para mim é que ella é glacial como a neve, da qual possui a alvura. Virá a amar-me um dia? Mas esta situação não se pôde prolongar indefinidamente. E' de mistério que acabemos com isto, de um modo ou de outro. Si decididamente, ella não mudar de attitudé a meu respeito, tratarei de obter a annulação do nosso casamento. Pelo menos, renviá-la-ei para os Altos-Pinheiros, não querei ouvir falar della, nunca mais verei essa criatura que me faz estúpido como um adolescente."

Deixou-se cair numa poltrona, acendeu um cigarro com mão trêmula, assombrando os supercíllos, o que lhe deu á physionomia uma expressão um tanto dura.

"Ora ahi está uma, a quem, por acaso, esqueceu-lhe a facerrie, e cuja candida simplicidade, por mais sceptico que seja, sou obrigado a reconhecer. Talvez por isso mesmo, é que eu lhe causo medo. Tem-me sem duvida, por algum negro demonio. Ora, pois! Deixemo-la com as suas crencas, deixemos a esse floco de neve na sua solidão, e vamos nós cuidar de outra coisa, meu bom Elias, porque, de feito, estamos um pouco doente... e um tanto doído," concluiu elle, com um riso escarninho, que ressoou pelo amplo aposento, cujos perfumes capitosos o ar frio, que vinha de fóra, dissipara inteiramente.

* * *

No dia seguinte, deu-se pressa Valderez, ao sair da missa, em ir á casa dos Dubiets levar-lhes a boa nova.

Fugindo, toda commovida, aos seus calorosos agradecimentos, voltou a moça para o castello, passando pelo parque. Caminhava lentamente, um tanto sonhadora. Estalava-lhe sob os passos a neve que cahia desde dois dias antes. Sobre o vestido, muito simples, feito por ella mesma com o auxilio da camareira, trazia uma das pellichas de sua corbelta de noiva, esse mesmo manto, do qual a senhora de Noclare dissera, e com razão, moveria a inveja das rainhas. Uma observação de Ghiliac, que se admirava por não vê-la servir-se delle, decidira Valderez a trazê-lo, desde então, algumas vezes. Em sua inexperiencia, mal julgava ella do valor que representava uma semelhante peça. A admi-

ração, porém, da velha baroneza d'Oubignies, com quem se encontrara nessa manhã, ao sair da missa, os olhares de inveja que, nesses ultimos dias, lhe lançavam as senhoras de Vrinieres, haviam-na esclarecido um pouco sobre isso. A sua simplicidade, o seu afastamento de tudo o que podia chamar sobre si a attenção dos outros, faziam que ella o usasse constringida; era, todavia, obrigada a utilizar-se delle. nos dias frios, pois que o marido lhe havia dito:

— Quero que se utilize delle o mais possível, assim pela manhã, como durante o dia, porque tenho horror ás coisas que permanecem intueis.

Observação, a que a senhora d'Oubignies acrescentara, com um fino sorriso, quando Valderez lhe repetira, havia pouco, essas palavras do marido:

— Tem muita razão, o senhor de Ghiliac. E como foi elle que escolheu esta maravilhosa pellica, quer ter o prazer de apreciar o quanto ella a torna ainda mais linda.

A aragem fria dessa manhã de inverno banhava, refrescando, o rosto de Valderez, fatigado por uma noite de insomnia. Sentia-se a moça, nessa manhã, muito cansada, inquieta e triste. Pesava ainda sobre ella alguma coisa da vespera. Parecia-lhe que a existencia, tal como era, havia um mez, tornara-se-lhe impossivel. Sua desconfiança, longe de diminuir, tomara desde a vespera uma acuidade maior. O senhor de Ghiliac revelara-se-lhe sob uma luz nova e, entre todas, perturbadora. Subsistia ainda na alma de Valderez um profundo cuidado, si bem que, na vespera, á noite, elle tivesse encontrado o marido tal como de costume, talvez mesmo um pouco mais frio.

Subito, estacou, immobilizada por uma grande surpresa. Por um dos arruamentos do parque, vinha a cavallo o senhor de Ghiliac, trazendo sentada á frente Guilhermina, toda córada de alegria.

Alguns dias antes, entrara elle de improviso no salão branco, no momento em que a criança, nervosa e facilmente assomada, era presa de uma dessas crises mui frequentes nella, e que Valderez só conseguia acalmar a custa de muita meiguice e paciencia. A entrada do pai, cessou immediatamente de tripudiar, e, toda tremula, olhos baixos, ouvia-lhe a voz friamente irritada que a condemnava á privação da sobremaneira e do passeio em carruagem durante toda a semana.

— Que influencia tem o senhor sobre essa criança, que o ama estremecidamente! disse Valderez ao marido, quando a menina se afastou.

Sinceramente surpreso, Elias replicou:

— Ella me ama, a mim? Muito me conta a senhora, porque eu nada tenho feito, confesso-o francamente, para obter semelhante resultado.

— E ella bem que o sabe, a pobrezinha! E muito soffre com isso!

Parecendo não dar muita attenção a estas ultimas palavras, elle fez derivar a conversa para outro terreno. Teria, entretanto, reflectido, dando-se conta das suas sem-razões para com a criança?

Approximando-se, pois, de Valderez, Elias descolheu-se, dizendo-lhe a sorrir:

— Aqui está uma menina que encontrei no parque e arrebatei a "miss" Ebbville. Tinha a dizer-lhe alguma coisa em segredo, que espero não lhe esquecerá. Vamos descer, Guilhermina!

Passou a criança a Valderez, apeando-se tambem. Levando pelas rédeas o cavallo, fez-se Elias de volta

REVISTA FEMININA

para o castello, em companhia da mulher e da filha, falando dos hospedes a quem esperavam, depois que se informou, consoante a costumada cortezia, da saude de Valderez.

Quando Guilhermina se viu sósinha com a madrasa, atirou-se-lhe aos braços, rindo e chorando a um tempo.

— Que tens, meu amor?

— Papai deu-me um beijo!... e chamou-me sua querida filhinha!

— Verdade? Deves então estar muito contente!

— Oh! muito, mamã! Mas também ralhou commigo: disse-me que eu fazia muito mal em encomendar-te com as minhas raivas; que eu fazia com isso que ficasses doente; que, si eu continuasse, elle me fazia entrar para o collegio, e eu ficaria longe de ti, longe delle!

E a essa perspectiva, Guilhermina rompeu-se em pranto.

— Ora vamos, filhinha! Já sabes o meio de evitar essa desgraça: não tens sinão empregá-lo, e, com isso, o teu papai ficar-te-á querendo ainda mais. Agora, vamo-nos vestir, porque já é tarde, e os nossos hospedes estão a chegar.

O senhor de Ghiliac, quando o queria, era o mais amavel dono de casa. Nesse dia, tiveram disso a experiencia o senhor e a senhora Vallet. Alice, porém, que se sentira ferida pelo tom reservado, quasi constrangido, das cartas de sua amiga, não se deixava deslumbrar completamente, como o marido, pelo seductor castellão. Inteligente, e conhecendo bem o caracter de Valderez, ella teve logo a intuição de que a jovem marquez, a despeito de todas as apparencias, não era feliz. Todavia, não lhe tendo esta feito nenhuma confidencia, não ousou interrogá-la, despedindo-se um tanto preocupada, nessa mesma noite, cortando cerce as palavras entusiasticas do marido com estas palavras, pronunciadas num tom de funda animosidade:

— Sim, meu caro André, elle deu-te volta ao miolo, a ti também. De mim, porém, receio muito que esse bello senhor não torne, em breve, infeliz a minha cara Valderez!

Entretanto, tendo acompanhado os hospedes até o automovel, que os conduzia a Angers, Ghiliac e Valderez detiveram-se no terraço. A noite estava maravilhosa: não corria a mais leve aragem. No ceu, lavado de nuvens, scintillavam as estrellas, e o crescente lançava um doce luar sobre os relevados e as serras, cujo perfil se recortava ao longe, na imprudencia do firmamento.

Valderez apoiara-se á gradiada, em quanto, Ghiliac, immovel, ao pé della, ficara-se a contemplar-lhe o delicado perfil, emoldurado na branca charpe de renda em que a moça envolvera a cabeça.

Subito, junto della, salta á balastrada um corpo felpudo. Era um gato preto, pertencente, sem duvida, a um dos ajudantes de jardineiro. Valderez, saltando uma exclamação de terror, recuou, num movimento repulsivo, mas fê-lo tão abruptamente que foi cair nos braços do marido, os quaes instinctivamente, se abriram para recebê-la. Durante alguns segundos, os labios de Elias roçaram a fronte da moça, que sentiu sobre as palpebras a caricia de uns cuidados bigodes. Ella, porém, se desvencilhou, rapido, balbuciando:

— Perdão... esses animaes causam-me sempre uma impressão desagradavel...

E dirigiu-se para o salão. Elias permaneceu ainda alguns momentos no terraço, a fumar e a passear de uma a outra extremidade. Sósinha no salão, Valderez retomara o trabalho. Mas a agulha, nessa noite, não lhe corria veloz entre os dedos. Medrosa, inquieta, a moça levantou-se, na intenção de recolher aos seus aposentos.

— Vai já subir?

Era Elias que entrava, pronunciando estas palavras com voz indifferente.

— Vou. Sinto-me um pouco fatigada. Boa noite!

— Permitta-me que eu a detenha ainda alguns minutos. Quero communicar-lhe a minha proxima partida... para depois de amanhã.

— Realmente! O senhor decidiu-se muito depressa!

— Como sempre. Detesto os projectos a longo prazo. Vou passar alguns dias em Paris, e de lá partirei para Cannes.

— Mas então... Benaki... vai com o senhor?

Um sorriso de inexplicavel ironia entreabriu os labios de Ghiliac.

— Ah! Os seus cuidados são pelo Benaki! Levo-o, naturalmente. Vai-se-lhe interromper a instrucção religiosa, mas a senhora retomar-lha-á depois. E' bem possivel até que eu o envie para cá, no verão, si puzer por obra o projecto de uma expedição ao polo norte.

— Uma expedição ao polo norte! repetiu a moça, com os olhos augmentados pela surpresa.

— Porque não? Si fôr bem o resultado, será uma gloria a mais; si deixar por lá os ossos... nada se perderá com isso, não é assim?

Deu uma risadinha sarcastica, vendo Valderez desviar um pouco o olhar, ao mesmo tempo que esboçava um gesto de protesto.

— Peço-lhe que não se julgue obrigada a dizer-me o contrario! Prefiro a sua habitual sinceridade. E quanto a mim, creia que me não causa pesar o ir morrer naquelles rincões, longe da civilização, longe de tudo. Dirão, sim, por pouco tempo, nos circuitos elegantes de Paris e alhures: "Que desgraça! Pobre Ghiliac! Um bello homem! Um grande talento! Uma esplendida fortuna! Que loucura!" Depois, esquecer-me-ão como esquecemos todas as coisas. Vaidades das vaidades! Sentença esta, que será verdadeira até o fim do mundo. Boa noite, Valderez!

Tomou, sem beijá-la — como era seu costume — a mão que a moça lhe estendeu, e afastou-se apressadamente.

Valderez permaneceu, um instante, immovel, com as feições retrahidas. Depois, lentamente, subiu para o seu quarto, prevendo já que essa noite seria de esperantina, taes as angustias, as duvidas, as incertezas que lhe trabalhavam o espirito.

Entretanto, o senhor de Ghiliac, entrando nos seus aposentos, murmurava com um sorriso escarninho:

— E' Benaki quem a preocupa!... Sómente o Benaki! Delicioso!

XIV

Nessa quente manhã de junho, passeava Valderez, a passos lentos, pelos atalhos do bosque de Arnellas, em companhia da senhora Vague, a mulher do medico de Vrinieres. Estava, havia muito, em continuas relações com essa moça, que ella sempre encontrava á cabeceira dos pobres doentes visitados por ambas. Approximara-se discretamente o cura, convencido de que a companhia desta ultima, pessoa distincta e honesta, e fervorosa christã, só podia ser favoravel á jovem castellã de Arnellas, sempre solitaria em sua faustosa residencia. A differença de posições não impedia que logo entre si sympathizassem essas creaturas, e, por isso, passeavam agora as duas senhoras vagarosamente, em perfeita intimidade.

Eram já decorridos tres mezes desde a partida do senhor de Ghiliac. Desta vez, porém, elle escrevia á mulher, todas as semanas, enviando-lhe ora um livro, ora um trecho de musica. Aconselhava-a sobre as suas leituras, ao mesmo tempo que lhe pedia a opinião sobre tal obra ou um facto historico. Destarte, tornava-se entre os dois relativamente facil a correspondencia, e Valderez, muito menos constrangida que nas conversas com o marido, mostrava-lhe assim, sem que disso se apercebesse, as suas preciosas qualidades moraes e a sua intelligencia rara. Em cambio, recebia ella dessas cartas, como as sabia escrever o senhor

de Ghiliac, pequenas obras-primas de graça e de estilo, que fariam a alegria dos letrados.

Essa correspondência literária e as frequentes remessas de flores, de fructas confeitadas e varias gulosinas, em quanto elle estivera em Cannes, representavam evidentemente o que Elias suppunha os seus deveres para com a esposa.

Tivera esta occasião de admirar, numa revista mundana, a maravilhosa "villa" do senhor de Ghiliac, contornada de esplendidos jardins, e ler a descripção das festas de Cannes, Nice e Monte-Carlo, ás quaes elle assistira, e onde brilhava a bella marquezada-dotada. Depois, a sua recepção na Academia occupava toda a imprensa, todos os periodicos. Sessão fôra essa, que não havia lembrança, de outra igual. Os assistentes premiam-se, esmagavam-se, e ao surgir o recipiendario, "todos os corações palpitaram, todos os olhos se fitaram nelle," consoante o dizer do chronista de uma revista elegante.

Valderez leu e releu o discurso de Elias.

Era um trabalho admiravel. Compreendia a impressão que devia ter produzido esse discurso recitado por elle com aquella voz de timbre quente e vibrante, voz seductora que era um encanto para quem a ouvia.

E repetiu, sem o saber, uma phrase do senhor d'Esil á mulher, murmurando com um fremito de terror: —E' um terrivel fascinador!

Algum tempo depois, soube, simultaneamente, por uma carta do marido e pelos jornaes, da partida do marquez de Ghiliac para um cruzeiro na Noruega, a bordo do seu novo hiate. Eram provavelmente os pródromos de sua viagem ao polo norte. E Valderez pôde então ver-lhe a photographia, em traje de "yachtman", no convêz do soberbo navio, cuja disposição era descripta, como digna do homem de requintado gosto que era o seu proprietario.

Quando tornaria elle a Arnellas? Ignorava Valderez. A idéa de tornar a vê-lo causava-lhe um invencível mal-estar. De outro lado, esse abandono parecia a todos incomprehensivel e molesto. Em certas occasiões, a moça perguntava a si mesma qual seria o seu futuro... Como lhe dissera um dia o cura de Vrinieres, era impossivel que esse estado se prolongasse indefinidamente. Compreendia-o agora Valderez. Mas fosse qual fosse o modo por que o resolvesse o senhor de Ghiliac, aguardava-a, sem duvida, inevitavelmente o soffrimento, — dizia entre si a moça, com um frémito de angustia.

Ao ver o doutor Vangue e sua esposa tão unidos, tão felizes em sua mediocridade, entrava-se a moça de melancolicas reflexões. E observando a ternura do doutor pelos filhos, sua preocupação com a boa educação physica e moral delles, involuntariamente comparava tudo isso com a indifferença paterna do marquez de Ghiliac.

Todavia, força era convir que sob esse aspecto, havia algum melhoramento. Elias, em suas cartas, informava-se da saúde da filha, de seu caracter, já lhe tendo enviado da Noruega, algum tempo antes, uma linda boneca, da qual, Guilhermina, no auge de sua alegria, não se separava nunca, beijando-a a todo momento.

Reconhecia de si mesma Valderez que não havia dado ainda um passo para o conhecimento da natureza do marido: a esphinge continuava impenetravel, mais do que nunca indecifrável. Em sua angustia, quando a alma se lhe volvia profundamente atormentada pela duvida e pelo soffrimento, appellava a moça para a prece, sentindo-se então mais resignada e tranquilla.

A oração, a caridade, os seus cuidados com Guilhermina, de quem era ardentemente amada, eis o em que cifrava a vida de Valderez. O unico prazer que lhe tra-

zia essa posição tão invejada de marquez de Ghiliac era o de fazer o bem em derredor de si. Os pobres e os afflictos do lugar conheciam todos a jovem castellã, que sabia sempre casar com o oiro alguma coisa de si própria, de seu coração, de sua graça encantadora, e cujo sorriso delicioso alegrava os mais tristes lares, ao mesmo passo que os seus conselhos, a um tempo graves e meigos, fazia tornassem ao dever muitos desgarrados.

Havia já quinze dias que Valderez não recebia cartas do marido. Soubera, entretanto, — sempre pelos jornaes, — que elle se achava agora em Paris, onde continuava a sua habitual vida mundana. Num palacete de um dos arrabaldes daquella cidade, acabava de ser representada uma comediazinha assignalada por elle. Entre as actrizes, todas portadoras de velhos appellidos de França, depararam-se-lhe os nomes da condesa de Trolles e da baroneza de Brayles. Este ultimo não lhe era desconhecido. Era o de uma amiga de infancia de Elias e da senhora de Trolles, a quem se referia Ghiliac, no discurso de uma conversa com o senhor de Noclare, que conhecera o barão de Brayles.

Evidentemente, Elias não reapareceria tão cedo em Arnellas. Estava-se em plena estação mundana. E passada esta, si a expedição ao polo ainda estivesse nos seus calculos, elle se occuparia em organizar tudo o de que necessitava tal empreendimento.

Numa das ruas do bosque, deante das duas senhoras, Guilhermina e sua amiga Thereza Vangue corriam a brincar com o cãozinho do doutor, um nédio lulu gris, muito folgazão. Subito, deixando as meninas, entra a latir o fraldiqueiro, enfiando por um atalho transversal.

—Oh! Olha Odin! gritou Guilhermina. Mas então, o papae!... Ah! lá vem elle, mamã!

De feito, acabava de apparecer o senhor de Ghiliac, precedido do lebreu e acompanhado por Benaki, — mas um Benaki transformado, pois que os seus trajes de selvagem haviam sido substituidos por uma andaina á europá.

Foi tal o pasmio de que se entron Valderez, que estacou subito, involuntariamente.

—O senhor!... a esta hora! Mas si não ha trem!...

—E para que se fizeram então os automoveis? respondeu elle, sorrindo.

Recobrando logo toda a sua placabilidade, Valderez estendeu-lhe a mão, apresentando-o á senhora Vangue, para quem elle era ainda um quasi desconhecido, porquanto esta apenas o havia obrigado de longe, durante as suas temporadas em Arnellas. A esposa do medico fazia delles um juizo pouco isongeiro, á conta do seu estranho proceder com Valderez, a quem ella admirava e amava. Demais, o castello de Arnellas era tido por um sceptico, escarecedor, muito frio e pouco accessivel ao commun dos mortaes. Foi, de consequente, grande admiração para a senhora o ver-se em presença de um fidalgo simples e affavel, que lhe fez um delicado elogio ao marido, congratulando-se pelas boas côres, mostras de boa saúde, da Therezinha, e, erguendo Guilhermina nos braços para beijá-la, dizia a esta alegremente:

—E tu tambem, minha querida, como estás linda! Vê-se logo a dedicação com que és tratada pela tua mamã.

Este tutear inusitado causou grande admiração a Guilhermina, cujas faces, agora sempre coradas, irradiaram de alegria.

Quando, após alguns minutos, a senhora Vangue se despediu em companhia da filha, ella se achava completamente sob o encanto do marquez de Ghiliac, e

KOLA SOEL = Anemia, fragueza, rachistismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças

deplorava que dois seres tão admiravelmente dotados não se pudessem harmonizar.

— Agora, Benaki, cumprimenta a senhora marquez, disse Elias, chamando com um gesto o pretinho que se conservava a distancia. Participo-lhe, Valdez, que elle fez grandes progressos. Dubiet — de quem, entre parentheses, só tenho de me louvar, — ensinou-lhe a ler e occupou-se de sua instrução religiosa. Resta somente que a senhora o faça baptizar.

As pupillas de Valdez brilharam de alegria. — Oh! meus parabens, Elias, por ter feito continuar a tarefa iniciada! Sim, has de ser, quanto antes, baptizado, meu pobre Benaki, accrescentou ella, acariciando a grenha crespa da criança, cujos olhos bondosos, de puro extasiados, se ergueram para a moça. Então, Elias, está satisfeito com esse pobre Dubiet?

— Inteiraamente satisfeito. E' um excellente rapaz e muito intelligente.

— Já não antipathiza com a sua ingrata figura? — De modo nenhum. Aliás, está menos magro e de melhor parecer. E depois, como bem dizia a senhora, são pormenores de somenos importancia... De onde vinham vocês?

— Assim conversando, iam os tres caminhando pelo atalho. Ghiliac, sorrindo ao olhar entre alegre e timido da criança, chamara-a para ao pé de si, e levava-a pela mão, como um pai que se sentisse feliz por tornar a ver a filha depois de longa ausencia.

— Fui, em companhia da senhora Vangue, visitar uma familia pobre. E, já de volta, davamos um passeio pelo bosque em quanto as crianças folgavam.

— Parece sympathica, essa moça. Mas não é da plana da senhora.

— Da minha plana! Confesso-lhe que essa consideração não me impedirá que trate como amiga uma pessoa tão distincta, assim no phísico como no moral.

— Não queira ver nas minhas palavras uma censura! disse elle. Era uma simples observação, mas o que fizer está bem feito. A senhora tem, na verdade, a alma muito nobre para cair em simillantes pequenezas.

Um ligeiro rubor subiu ás faces da moça. A voz de Elias tinha nesse momento vibrações graves, para ella até então desconhecidas.

— Fez ainda outros conhecimentos, agora que os arredores começam a se povoar? perguntou elle, ao cabo de um instante de silencio.

— Não... Visitei somente duas vezes a senhora d'Oubignies, e uma vez a senhora des Hornettes. Não tenciono visitar a mais ninguém...

Tornou a côrar. E' que ella não podia dizer que o estado em que a deixavam as ausencias e o abandono do marido, tornava-lhe infinitamente penosas essas relações com estranhos, cuja avida curiosidade ella advinhava.

Teria elle comprehendido o seu pensamento? Franziram-se-lhe os sobrecenhos, e uma ruga barrou-lhe a fronte durante alguns instantes.

— Vai brincar com Benaki, filhinha, corre um pouco por ahi, disse elle, largando a mão de Guilhermina. Acompanhou com o olhar, durante alguns momentos, a criança que arrastava o pretinho, numa carreira louca atraz de Odin. Depois, voltou-se para Valdez.

— Si não lhe agrada a sociedade, talvez agora se julgue muito infeliz, disse elle, num tom meio serio meio ironico. No fim de agosto começarão, prolongando-se até o fim da estação venatoria, as nossas partidas em Arnellas. A senhora terá então ensejo de provar as suas primeiras armas de dona de casa...

Valdez não pôde conter um movimento de terror.

— Eu!... O senhor está gracejando! Como quer que... Eu seria absolutamente incapaz...

De feito, ella sabia, pelo que elle havia dito a senhora d'Oubignies e a esposa do notario, o que era a estação venatoria no castello de Arnellas: uma série ininterrupta de recepções faustosas, distracções mundanas, desportos de todo o genero, que reuniam em Arnellas a mais elegante e aristocratica sociedade.

— Não é essa absolutamente a minha opinião, replicou Elias mui tranquillamente. Observei que a senhora é uma excellente dona de casa, a criadagem é conduzida por mui firme e dextra, tudo corre ás mil maravilhas no interior de nosso lar. O mesmo se dará, estou certo, quando cá estiverem os nossos hospedes. Demais disso, o mordomo, o cozinheiro e a mulher encarregada da rouparia lhe facilitarão muito a tarefa pela pratica que elles têm dessas recepções. A mana Claudia, que, espero, virá passar dois mezes connosco auxilia-la-dá da melhor vontade, e para os pormenores desse codigo mundano, que tanto a atemoriza, eu estarei sempre ao seu inteiro dispor.

Elle encrava-o com tão visível espanto, que Elias não pôde reprimir um sorriso.

— Dir-se-lia, Valdez, que eu lhe estou a contar a coisa mais extraordinaria deste mundo!

— Por certo! Ignorando absolutamente o que seja sociedade, eu nunca poderei receber convenientemente os seus hospedes...

Elle pôz-se novamente a rir. — Oh! isso não me dá cuidado! A senhora nasceu grande dama, e eu me encarrego de, em dois mezes, fazê-la uma mulher da alta sociedade, não como essas cabeças ôcas e almas futeis que ha de ver andar á roda de sua pessoa, mas tal como eu a entendo, — que é coisa mui diversa.

Valdez não demorou em perceber o sentido obscuro dessas palavras. A decisão do marido, essa proxima mudança de existencia que elle lhe annunciava com o ar mais natural do mundo, lançaram-na num verdadeiro terror.

— Mas o senhor tem sua mãe! lembrou ella, timidamente. Que diria ella si...

— Minha mãe sabe muito bem que, desde o momento em que me casei, é naturalmente minha mulher quem deve dirigir a minha casa e receber os nossos hospedes. Não tenha, pois, nenhum cuidado a esse respeito. Afianço-lhe que tudo correrá perfeitamente. Urge tambem que se occupe das suas "toilettes"...

E envolveu num lance de olhos investigadores, a saia de lã "beige" e o corpinho de baptista clara, que a moça trazia nessa occasião.

— Quem foi que fez isso?

— Quem cose para mim, desde algum tempo, é uma costureirinha de Vrinieres, que vive com difficuldade.

— Mas que cose muito mal. Dê-lhe todos os trabalhos que quizer, — não me opponho absolutamente, — mas não vista mais isso, faça presente disso a quem quizer.

— Irei a Angers, á casa...

— Não, levá-la-ci a Paris, á costureira de minha mãe. Escolherá ao mesmo tempo todo o enxoval e os accessorios. Faremos tudo isso em quinze dias. Agora, dê-me noticias dos seus. Como vão elles?

— Ainda esta manhã, recebi uma carta de Orlando. Vão todos bem. A mamãe vai recuperando as forças. Elle é que está muito triste, coitado!

Chiliac, afastando um ramo para que não tocasse no chapéu da Valdez, perguntou interessado:

— Porquê?

— Papai recusa-se absolutamente a permittir-lhe a entrada para o seminario.

TOLUOL ---

TOSSE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA.
VENDESE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

— Ah ! sim, meu sogro já me falou sobre isso. Compreendo bem que não esteja satisfeito por ver semelhante vocação em seu filho mais velho.

— Mas si elle tem outros filhos ! E ainda que assim não fosse, si Orlando se sente realmente chamado ao serviço de Deus, para elle esse sacrificio é um dever, ao mesmo tempo que elle deveria parecer uma luz. Su pai vê as coisas a uma luz diferente. Espero que tudo se accommodará. Orlando pareceu-me intelligente e muito sympathico. Diga-lhe, pois, que conto com elle, em setembro, juntamente com seu pai, pois que, infelizmente, sua mãe não pode viajar. Todavia, talvez que em carro-leito...

— Não creio. Só a idéa de ter de sair dos Altos-Piñeiros faria que ella adoecesse. Demais, a existencia aqui seria fatigante para ella, e prejudicial ás crianças, a Martha principalmente, que se deixaria com facilidade enebriar pelo luxo e mundanidades. Muito obrigada, Elias.

— Oh ! Por quem é ! Nada mais natural que eu lhe facilito o prazer de ter os seus em sua companhia. Mas, já que isto lhe parece impossivel, por agora, veremos outra coisa, mais tarde... Olá ! a Reynie aberta ! Ah ! agora me lembro, a senhora de Brayles disse-me que passaria ali alguns dias afim de dirigir uns concertos urgentes a fazer.

Referia-se a uma villazinha, cercada de um mimoso jardim, e situada á orla do bosque.

— Ah ! A Reynie pertence á senhora de Brayles ?

— Pertence... Olhe, ei-la ali !

Pela estrada cheia de sombra, passava nesse momento uma "charrette" inglesa, guiada por uma jovem. Por traz do vuezinho branco de tulie, dois olhos frecharam febrilmente Valderez.

As mãos que sustinham as rédeas refrearam nervosamente o "poney", quando a carruagem cruzou com o marquez e a esposa. Foi com o mais amavel dos sorrisos que Roberta correspondeu ao cumprimento do senhor de Ghiliac e á apresentação de Valderez.

— Vem pelos concertos, Roberta ? perguntou Elias. — Assim é preciso ! Oh ! que maçada para uma mulher ! Mas regresso depois de amanhã. Já combinei tudo de modo a estar de volta em Paris para a primeira representação da "Nova Sapho". Provavelmente, lá nos encontraremos, não é assim ?

— Eh ! Que me importa a mim a "Nova Sapho" ? Nesta época do anno Arnellas é deliciosa, e eu tenciono não deixá-la antes do inverno.

Taes palavras deviam ter feito passar a senhora de Brayles, a julgar pela expressão de sua physionomia e pelo gesto de surpresa que não pôde conter.

— Pois quê ! Vai ficar em Arnellas ?... Nesta época ?... Em plena estação mundana ?

— Porque não ? Afianço-lhe que a estação mundana é para mim de todo o ponto indifferente. Talvez vá passar alguns dias na Austria, em casa de Claudia, e dar ao mesmo tempo um lance de olhos ás minhas propriedades que lá estão. Mas mesmo essa viagem é pouco provavel; prefiro ficar em Arnellas, onde me sinto inteiramente á vontade, e onde tenho muito que fazer.

Os labios de Roberta cerraram-se nervosamente.

— Como o senhor está serio ! disse ella com um sorriso forçado. Suppunha que o senhor não supportava o campo !

— Não nos será permittido mudar de gostos, principalmente quando envelheçemos ?

Roberta estralejou uma gargalhada.

— Quem fala em envelhecer ! Nem parece ter trinta annos !... Oh ! mas quem cresceu e mudou muito, foi a Guilhermina ! Nunca que eu a reconheceria !

— Valderez faz milagres, disse Elias, acariciando a face da filha.

Sob os cilios pallidos fulguraram os olhos da senhora de Brayles.

— E' tambem o que me parecé !... Mas que é isso ?

Dar-se-á o caso, senhora, que haja tambem transformado o Benaki ?

E indigativa o pretinho, até então occulto por traz de Valderez, e que um movimento desta acabava de fazer apparecer. Benaki, antipathizava singularmente a senhora de Brayles, fugindo o mais que podia ás suas caricias.

— Não, não fui eu, respondeu, sorrindo, Valderez. Mas meu marido julgou, e com razão, que já era tempo de lhe tirarmos os adornos de cafrezinho.

— Tanto mais quanto vamos fazer delle um christãozinho, accrescentou o senhor de Ghiliac, dando uma palmadinha no rosto da criança. Mas estamos aqui a retê-la, Roberta... Vá-lhe-amos ainda em Arnellas, antes de sua partida ?

— Sim, virei amanhã visitá-los... si é que não venho incommodar a senhora...

— Absolutamente. Ao contrario, terei até muito prazer em poder estreitar as nossas relações, disse gentilmente Valderez.

— Então, até amanhã.

Estendeu a mão a Elias e a Valderez, continuando em seguida o seu caminho.

Contraíam-se-lhe as feições sob o imperio de uma raiva surda, ao mesmo tempo que, entre dentes, monologava de si comigo:

— Não suppunha que ella fosse tão bonita ! E que olhos ! Que olhar encantador ! Elle naturalmente está apaixonado. Sim, é força que assim seja, para que se venha enterrar no campo nesta época !... E é ciumento, pois que a traz reclusa... Mas, não ! deixou-a sózinha tanto tempo... Confesso que os não entendo ! estará elle a representar uma comedia ? Quem sabe ? O que é facto, é que elle mudou alguma coisa, e... tenho a certeza que a ama ! concluiu Roberta, atirando uma chibatada ao "poney", que corcovou, sacudindo a crina, como a protestar contra um tratamento a que não estava affeito.

Entremettes, perguntava Ghiliac á mulher:

— Que lhe pareça a senhora de Brayles, Valderez ?

— E' uma bella moça, que parece intelligente e amavel.

— Bella ! exclamou elle com desdém. Tem sómente uma physionomia interessante. é o que é. Quanto á intelligencia, é superficial, — como tambem a amabilidade. Mundanidade, convenção, demasiada garridice, eis ahi Roberta, — e, desgracadamente, como essa, existem muitas. Sim, Valderez, a senhora ha de ter muitos estudos curiosos que fazer nesse mundo, que ainda ignora. Ha de ver então todas as suas pequenezas, suas rivalidades, suas intrigas, pérfidias, que se occultam sob as mais amaveis apparencias. Posso dar-lhe algumas lições sobre isto, porquanto volvi e revolvi todos esses titereos que já não têm segredos para mim.

Ella ergueu para o marido os olhos grandes e honestos.

— Nesse caso, como ama ainda o senhor essa sociedade tão miseravel sob apparencias tão brilhantes ?

— Amá-la ? Oh ! de certo que a não amo ! Tenho-me divertido em estudá-la, dissecando almas de homens mais ou menos ócas, almas femininas nullas ou ferozes, lendo numas e noutras estranhas vaidades, complicados calculos de amor-proprio, penetrando os reflexos de existencias brilhantes e invejadas. Sim, a sociedade tem sido para mim um diversório e um campo de estudos. Quanto, porém, a amá-la, nunca ! Conheço-a que farte para detestá-la.

— O senhor apavora-me ! murmurou Valderez. Porque é essa mesma sociedade que o senhor quer-me fazer conhecer...

— Sim, quero que a conheça, porque a senhora não se destina a uma vida reclusa; porque, necessariamente, ha de achar-se um dia em contacto com ella. Eu, porém, lá estarei para guiá-la, mostrar-lhe os seus embustes, presservá-la de suas armadilhas, porque a menina é ainda muito jovem, muito...

REVISTA FEMININA

— Muito ignorante! concluiu ella, sorrindo, ao ver que o marido reticenciava.

— Digamos ignorante, si quizer.

E sorria tambem, em quanto o olhar, muito serio, se fitava na admiravel physionomia da moça, onde se espelhava a mais limpida, a mais delicada alma que já mais conheçera o sceptico marquez de Ghiliac.

... No dia seguinte, á hora do chá, chegava a senhora de Brayles. Valdez, que a recebera no terraço, convidou-a para irem ao encontro do senhor de Ghiliac, occupado em dar suas instrucções ao jardineiro-chefe ácerca de uma das estufas.

— Com muito prazer, porque eu não me canso nunca de admirar os jardins de Arnellas. O senhor de Ghiliac é um adorador das flores, e mui poucas propriedades poderão, nesse ponto, rivalizar com esta.

E, assim conversando, ganhavam o jardim, precedidas de Guilhermina, mui catita em seu vestidinho branco. A senhora de Brayles parava frequentemente, afim de poder admirar as flores que mais particularmente lhe chamavam a attenção.

— Ah! aqui estão as famosas rosas "Duqueza Claudia", assim denominadas pelo senhor de Ghiliac, em memoria de sua bella antepassada!

E apontava para uma grande roseira, carregada de admiraveis flores setinadas, brancas, admiravelmente listadas de rósa-pallido.

— ... Parece que são unicas no mundo! O senhor de Ghiliac tem por ellas uma especie de culto; offerece-as mui raramente, e isso mesmo só a hospedes notaveis. Ninguém ousaria colher uma dellas. Recordo-me ainda de um dia em que eu e Fernanda tivemos esse ouso. Oh! Nunca mais sentimos desejo de recommear, porque quando alguma coisa o desagradava, elle tem um modo de olhar para a gente, sem dizer nada... Sim, sem dizer nada! E' demasiado gentil para negar abertamente uma flor a uma mulher. Mas bem sabiamos com quem as haveriamos, e creio que, nunca mais, colheu Fernanda uma "Duqueza Claudia".

Guilhermina, que se aproximara da madrastra, ergueu os olhos para a senhora de Brayles.

— Ah! mas agora o papai já consente que as colham! Ainda agora, mamã collocou muitas no salão. É elle mesmo quem quer que ella as colha todas. Mas mamã disse que isso seria uma pena, e que era preferivel deixar algumas no pé.

Um ligeiro tremor correu pelo semblante de Roberta, cujo olhar, chispando de odio, frechou a moça que caminhava a seu lado, num passo airoso, incomparavelmente elegante. O sol tirava-lhe centelhas de ouro dos magnificos cabellos, illuminando-lhes a cutis setinea e rosea, similhante ás petalas das flores tão queridas do senhor de Ghiliac. Um inexprimivel encanto desprendia-se dessa jovem creatura, trajando simplesmente um vestido de "voile" cinzento cõr de prata, realçado por alguns enfeites de rendas.

A mão de Roberta crispou-se, nervosa, no cabo da sombrinha.

— E' que, provavelmente, a sua fantasia mudou de objecto, disse ella, num tom displicente. Tem os seus caprichos o marquez de Ghiliac, tal qual uma bella mulher, apesar do seu desdém pelo nosso sexo. Porque, tem para si que a mulher não é dotada de faculdades acima das do commun dos mortaes, sendo, pelo contrario, um ser inferior, bom, quando muito, para delectar-lhe um instante o olhar. Isto mesmo, ou coisa similhante, disse-no-lo elle proprio, um dia, falando o mais seriamente possivel. Foi, lembro-me bem, ainda em vida de Fernanda, a qual protestou energicamente, sem aliás conseguir convencê-lo. Ah! somos realmente, senhores, coisa muito insignificante para as naturezas masculinas dessa templa!

Sorria, enviezando, com o canto do olho, um olhar avido ao bello semblante de Valdez, a qual estre-meceu ligeiramente.

— ... E quando uma dessas naturezas cae sobre uma moça, criança ainda, um pouco frívola, mas muito amavel e apaixonada, ah! quantos dissabores em perspectiva! Ha, realmente; coisas muito tristes na vida!

— Sim, muito tristes! disse Valdez, em voz tranquilla e grave. Mas creio, Minha senhora, que fariam os melhor tomando por este arruamento, que nos conduziria mais facilmente ás estufas.

— Lá está papai! exclamou Guilhermina.

O senhor de Ghiliac apressara um pouco o passo, ao perceber as duas senhoras.

Os olhos de Roberta tomaram logo esse estranho brilho que lhes causava a presença de Elias. De regresso para o castello, inqueriu-o com interesse ácerca das alterações que elle estava a fazer nas estufas, e sobre a sua celebre collecção de orquídeas.

— Lobis acaba de conseguir uma nova variedade, que me parece simplesmente uma maravilha, disse Ghiliac. E' preciso agora darmos-lhe um nome. Chamá-emos "Marqueza de Ghiliac", em sua honra, Valdez.

Nos labios de Roberta passou uma ligeira crispção, que ella reprimiu.

— Tornar-se-á celebre dentro em pouco tempo, como aconteceu á rosa "Duqueza Claudia", disse ella, com um meio-sorriso. O ponto sómente está em que o senhor não se enfade depressa tambem desses orquídeas, Elias.

— Como assim? disse elle, olhando-a com ar interrogador.

— Sim, parece-me que o senhor já não faz caso dessas rosas, pois que já as prodigaliza.

— Prodigalisar, é demais, Roberta. Parece-me que, agrupadas nas jardineiras do salão branco pelas mãos de minha mulher, com o gosto artistico que ella possui no mais alto grau, eu gozaria muito mais essas flores do que si as deixasse nas roseiras. Isto é ainda egoismo, e não prova absolutamente que eu já não queira, e muito, ás minhas rosas. Ao contrario.

O brilho sarcastico, bem conhecido de Roberta, atravessou, nesse momento, as pupillas do marquez. E ella abateu as palpebras, domada como sempre, pela ironia glacial desse homem, para quem resultavam inuteis todas as facerices, todas as subtils intrigas femininas. Forçou novamente os labios a sorrir, dirigindo phrases amaveis á linda moça que caminhava á direita de Elias, a essa creatura abominavel, por quem, a cada instante, augmentava mais e mais o seu odio retrinado.

O salão branco tornara-se para Valdez a peça preferida do castello. Ella soubera dar a esse aposento, — a seu parecer, demasiado luxuoso, — um cunho intimo e sério. E essas tapeçarias claras, que afogavam as mais bellas cutis, formavam, ao contrario, para a sua um quadro incomparavel.

Verificou-o logo Roberta, — como tambem a graça encantadora da jovem castellã no seu papel de dama de casa. Demais, parecia Valdez admiravelmente dotada quanto á intelligencia: conversava muito bem, salvo em se tratando de assumptos puramente mundanos, que lhe pareciam quasi inteiramente estranhos.

Percebendo isso mesmo, apressou-se a senhora de Brayles em torcer para esse rumo a conversa, afim de infligir pelo menos algumas feridinhas no amor-proprio da seductora marquez. Mas, com o senhor de Ghiliac, essas perversas astucias não surtiem effeito. Num abrir e fechar de olhos, fizera elle voltar a conversação para um terreno mais familiar a Valdez, e, segundo seu costume, dirigiu-a á sua vontade, mostrando-se visivelmente satisfeito em fazer realçar a intelligencia arguta da esposa.

Estava nesse dia essencialmente alegre.

Sentir-se-ia elle feliz por se ver de novo ao pé de Valdez? Provavelmente... si bem que se pudesse

perguntar por que razão não buscara mais cedo esse prazer. E divertia-se também, — reconhecia-o Roberto por certa expressão dessa physiognomia tão sua conhecida, — divertia-se com o ciúme feroz que elle sabia occultar-se sobre as apparencias amáveis da senhora de Brayles. Brincava — como sempre o fizera — com esse amor, cuja existência elle não ignorava.

Volver-se para "elle" um brinco... é ter deante dos olhos essa maravilhosa castella que se gozava talvez da felicidade de ser amada por elle! Oh! era intolerável! Por isso abreviou Roberta a visita, recusando o convite que lhe fôra feito para jantar no castello, desculpando-se sob pretexto de ter de ultimar ainda importantes negocios antes de sua partida.

Em quanto Ghiliac fôra acompanhar Roberta á carruagem, Valdez tornou para o salão, sentando-se ao pé da mesa de trabalho. Com um gesto machinal, pôz-se a acariciar as famosas rosas "Duqueza Claudia" que floriam numa jardineira de Sèvres, em quanto o olhar scismador se detinha na cadeira havia pouco occupada pela baroneza. Realmente, sympathizava muito pouco com essa senhora de Brayles, e Elias talvez tivesse razão no juizo severo que della fizera nessa manhã. Suas insinuações ácerca da natureza caprichosa do senhor de Ghiliac, da maneira por que este comprehendia o papel da mulher, dos equívocos entre elle e Fernanda, tudo isso arguia uma completa ausencia de tacto.

Mas, essas insinuações tinham, em todo o caso, acorrido em Valdez a tristeza latente, como sempre que uma circumstancia qualquer lhe vinha pôr mais claramente sob os olhos o que ella bem conhecia, — o absoluto egoismo e ausencia de coração desse ser tão admiravelmente dotado sob outros aspectos.

Todavia, elle parecia agora amar a filha. Como na véspera, mostrara-se Elias affectuoso com ella, parecia interessar-se por tudo que a mulher lhe dizia com relação á saúde da criança, á sua viva intelligencia e do melhorar de seu caracter. E, para comsigo mesma, Valdez notava no marido uma mudança, que lhe chamara logo a attenção. Já não tinha para ella, a frieza de outrora, nem a ironia, nem essa amabilidade

fugitiva e alliciente que ás vezes, tanto a conturbava tres mezes antes, por isso que lhe deixara entrever á sua inexperiencia o terrível poder de seducção que elle possuia, e lhe infundira o receio de que o marido á isso recorria afim de poder á sua vontade estudar-lhe o jovem coração ignorante, e submettê-lo melhor ao seu imperio. Agora, já não era nada disso. Elias mostrava-se-lhe serio e reservado, sem frieza, discretamente amavel, já não tendo para ella essas ironias, que lhe eram tão familiares. Si elle continuasse assim... sim, realmente, seria possível a existencia...

Elias entrou no salão. No tapete, jaziam alguns petalos e uma rosa apenas entreaberta, que os dedos detrahidos da moça acabavam de fazer cair. O senhor de Ghiliac curvou-se e apanhou a flor.

— Seria pena deixá-la estiar-se ahi sobre o tapete! disse elle, enfiando-a na lapella. E, arrastando uma poltrona, sentou-se ao pé de Valdez, que retomara o seu trabalho.

— Essa toalha de altar parece-me uma maravilha. De onde tirou esse desenho?

— Imaginei-o segundo uma velha gravura que encontrei na bibliotheca.

— Oh! ainda não lhe conhecia esse talento! Decididamente, a senhora é uma artista em tudo! Está admiravelmente concebido esse desenho. Que destino vai dar a essa obra?

— Vou offercê-la á pobre igreja de San-Saviniano. Tenciono tê-la prompta para a festa da Assumpção.

— Permitta-me que eu lhe recomende poupe mais os seus olhos. Isso deve cansá-los muito. E, de fôra parte esse trabalho, que tem feito mais a senhora? Gostou dos ultimos livros que lhe remetti?

Posta neste terreno a conversa, desaparecia de entre elles todo embaraço, prolongando-se indefinidamente, interessando-se vivamente Elias pelos juizos muito delicados emitidos pela esposa ácerca das obras lidas, e ouvindo Valdez com um secreto êxtase a critica ligeira, mas brilhante, e contudo profunda, que dellas fazia o senhor de Ghiliac.

Continua no próximo numero

LYOPTONA

GOTTAS de VICENTE WERNECK

CURA Anemia - Lymphatismo - Rachitismo
Escrophulose - Neurasthenia - Fadiga -
Phosphaturia - EMPREGADA NO DEBILITAMENTO
CONSECUTIVO A EXCESSO DE TRABALHO INTELLECTUAL
E NAS CONVALESCENÇAS DAS MOLESTIAS GRAVES.

COMPOSTA DE: IODO-PEPTONA GLYCERO-PHOSPHATO DE: SODIO, MAGNÉSIO
E POTÁSSIO. NUCLEATO DE SODIO ARGEMOL GUARANA E
MARAPUAMA

Deposito: Pharmacia Werneck
5-7 RUA dos OLIVEIRAS 5-7 RIO



Contos

Comedias

NOVA SEIVA

Um livro interessante a apparecer
A Moral na Arte

Monologos

Recitavivos

E' o mais interessante, é o mais util, é o mais instructivo dos livros destinados ás nossas escolas.

"Nova Seiva", que acaba de ser publicado, é uma linda collecção de novellas moraes e recreativas, é a seiva da alegria que trará á alma da nossa mocidade.

Podemos affirmar sem temor de engano nem medo de sermos immodestos, que a "Nova Seiva" é um livro unico no genero, tendo sómente como emulos esses bellos livros que se publicam na Hespanha e na Italia, e que jámais tiveram similares no paiz.

A literatura infantil, sadia, moral, instructiva, resentia-se da falta de um trabalho bem feito, bem impresso, ricamente illustrado, que levasse á cultura da nossa mocidade, além dos ensinamentos de honra e de bondade, o gosto pela belleza e pela arte. Um preceito moral escripto em lingua defeituosa, se insinua a rectidão do character, perverte a arte da linguagem. E os brasileiros devem zelar contemporaneamente do seu espirito e do seu idioma.

A influencia que os contos têm produzido na formação do espirito da mocidade é tão grande que os governos têm cuidado, pelos seus pedagogos, da organização de livros da especie deste que hoje annunciamos; entre nós esse cuidado falhou e é por isso que nos nossos lares, o que se lê, são lamentaveis historias da "Carochinha", quando não são os "Testamentos dos Bichos" e outras leituras desse jaez.

Aleitada com taes trabalhos, a infancia, perde ella o gosto pela belleza. Demais, as edições desses livros lamentaveis eram feitas em papel de embrulho, onde as gravuras, pessimamente executadas, mais pareciam garranchos e borrões.

"Nova Seiva" é um livro conscientemente escripto, enriquecido por gravuras magnificas, traçadas pelo pincel e pelo lapis dos maiores artistas do mundo. Os contos cuidadosamente escriptos são altamente moraes, tendo vinhetas magistralmente gravadas. A capa, desenhada por Paim, é uma esplendida trichromia, executada por mão de mestre.

Além de contos e novellas, contém o livro monologos, pequenas comedias e recitativos proprios para serões. Imagine-se o prazer de uma mamie amorosa, ao vêr o seu terno filhinho, ensaiado por seu carinho, recitar ao papá, bellas historias, com sua vozinha clara e ingenua; o bem que d'ahi resulta é enorme. Prepara na creança o dom da oratoria e da palestra, cultiva-lhe a memoria e a imaginação.

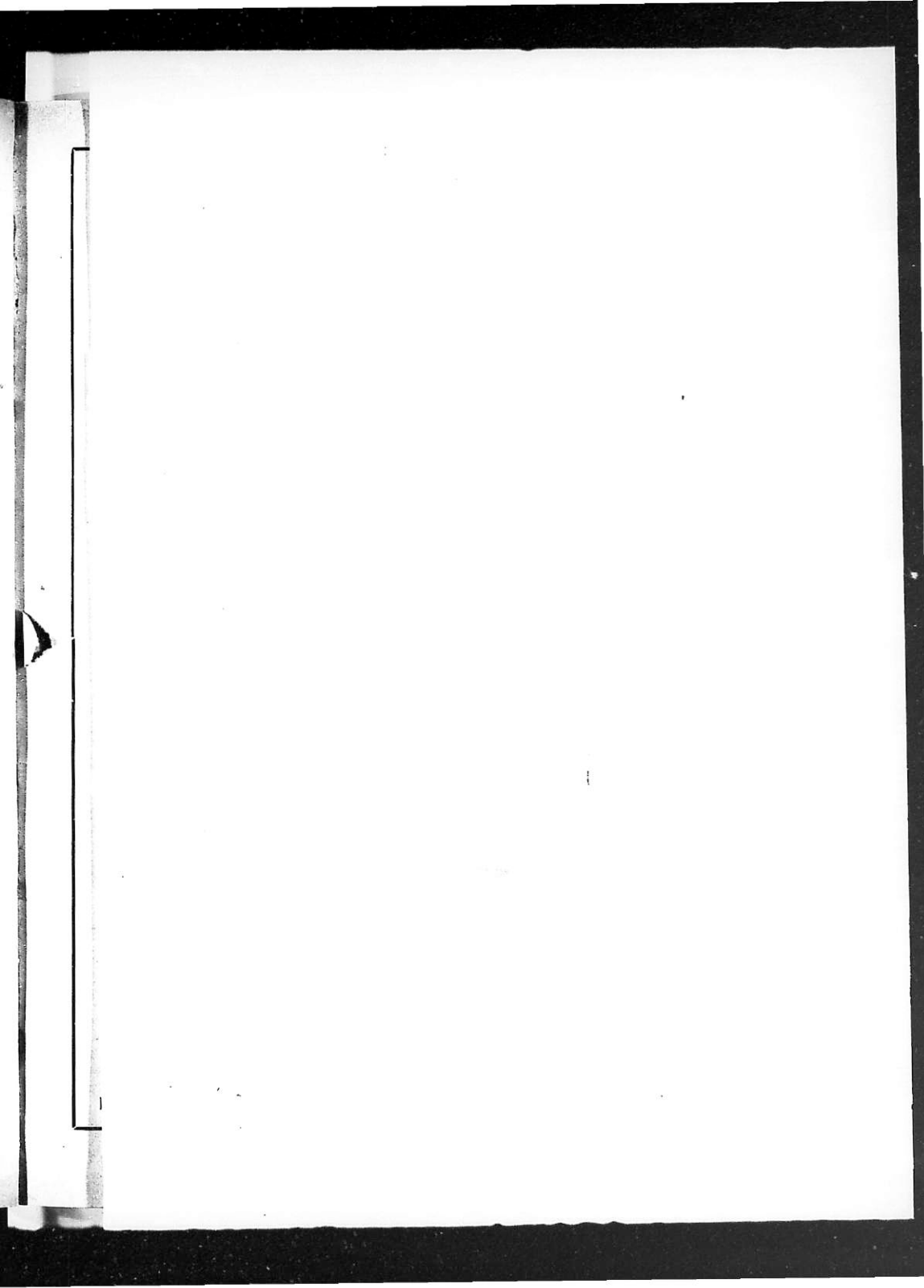
Se os contos da "Nova Seiva" são dedicados á mocidade brasileira, tão bem feitos são elles, tão artisticamente concebidos e escriptos, que a sua leitura é um regalo mesmo para os adultos.

A edição é da "Revista Feminina", que se esmerou em apresentar ás suas leitoras um trabalho digno da attenção que sempre lhes tem merecido.

De resto, "Nova Seiva", pela correcção da linguagem, pelo interesse que despertam os seus contos e novellas, pela graça das suas narrações, pelos ensinamentos que contém, é um livro que pôde ser lido, com encanto, pelos proprios adultos, principalmente moças e mães de familia.

Preço: \$5000 — Correio, registado, mais 1\$000

Peçam á "Revista Feminina" a "Nova Seiva". Ella, como a seiva nova para as plantas, ha de trazer alegria ao vosso lar.



colas.

creati-

Seiva "

fespa-

feito,

tos de

tuosa,

mpora-

de que

annun-

staveis

hez.

des-

atadas,

traça-

ão al-

splen-

pro-

saiado

d'ahi

ima-

elles,

traba-

seus

póde

ha de

Unicas depositarias para o
Brasil:
Empresa Feminina
Brasileira
Praça Antonio Prado
S. PAULO



(TRICALCISTAS)

Antes do mais:

As pastilhas Americanas Tricalcicas do Dr. Malcolm não são elementos principais assim se decompõem (Ph H2 O2) Ca x (Ph uma panacea. Trata-se de um producto chimico definido cujos 04 2 Ca 3 adicionados de seivas vegetaes, estimulantes da função histologica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe C13 x 4 H 2 O) vegetal e facilmente assimilavel, constituído a forma global, além de principios aromaticos e fibrosos com (Ph H2 O2) Ca x (Ph 04) 2 Ca 3 x (Fe C13 x H2 O).

E' uma forma de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de reas resultados em todos os vicios da nutrição.

(Relatorio dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

cura tricalcia do Dr. Malcolm deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhe eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despesa cada semana. Demais as Pastilhas Malcolm não são um producto commercial no qual se sacrificam as vezes certas exigencias de tecnica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que da resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido a fraqueza dos ossos, escrupulas, lymphatismo, etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOLM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que ao cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultados completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaustantes e que necessitam de phosphoro, bem como, para a fraqueza de qualquer orgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcolm são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas . . 20\$000

DOSE: — PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas em cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos moços é bastante metade da dose acima. PARA CREENÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana.

Para creança de menos de 4 annos começar por 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina
Praça Antonio Prado - S. Paulo

S. P. Mfg. Druggs Co.



A Saude da Mulher
CURA
= Incommodos de Senhoras =

REC'D DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"